



Sobre
nós

Redefinição

Envolvimento

Visualização

Ferramentas

COMUNICANDO A PALESTINA:

Narrando pela Libertaçāo, Engajando com Dignidade

Comunicando Palestina é um guia prático que oferece ferramentas para narrar e engajar com a Palestina de forma ética e responsável. De boas práticas para combater a desinformação a estratégias para promover uma cobertura midiática ética e a valorização da autonomia palestina, este manual completo capacita a todos — desde ativistas e artistas a jornalistas e formuladores de políticas — convidando a uma comunicação íntegra sobre a Palestina. [LEIA MAIS](#)

Explore o Conteúdo

Reformulando	Engajando	Visualizando
Desvende como as narrativas dominantes distorcem as realidades palestinas e encontre orientações para reformulá-las. Explore	Explore práticas prejudiciais que minam a autonomia palestina e receba dicas sobre como se engajar com os palestinos de maneira ética e digna. Explore	Explore o poder e a responsabilidade da representação visual e encontre dicas sobre como selecionar e produzir recursos visuais de maneira ética. Explore

Ferramentas práticas

Checklists: Pontos-chave	Guia de fotografia	Combatendo as falácias
Teste seus conhecimentos	Guia de Terminologia	Recursos externos

[**Como navegar o manual se você pertencer à/ao**](#)

Mídia

Política

Causa
humanitária

Meio Cultural

Meio Acadêmico

Ativismo e
Incidência

Destaque

[Dois-ladismos](#)

[Combate à exclusão](#)

[Combate à Desinformação](#)

Ícones de redes sociais

Liderado e Apresentado pelo [PIPD](#)

[Assine](#)

[Para Workshops e Consultas](#)

[Doe](#)

[Política de Privacidade](#)

SOBRE NÓS	4
O que	4
Por quê	5
Quem Somos	8
Como utilizar	9
Contexto	11
Reformulando	13
Introdução	13
Dois-ladismos	16
Um Conflito Religioso	24
Uma Crise Humanitária	29
Clichê do terrorismo	39
Rejeição da Paz	48
Estereótipos	55
A Vítima Ideal	65
Envolvimento	73
Introdução	73
Combate à Exclusão	74
Contestando a Invalidação	79
Enfrentando Compromissos de Má-Fé	86
Rejeitando a Falsa Paridade	91
Combatendo a Desinformação	96
Resistência à Repressão	101
Combate à censura	107
Recusando Eufemismos	118
Resistência à Apatia	121
Visualização	126
Introdução	126
Clichés visuais	128
Visualizando com ética	141
Ferramentas	146
Introdução	146
Checklists: Principais Decisões	147
Combate às falácia	160
Respostas de Pali: Desmascarando a propaganda	167
Guia de Terminologia	168
Guia de fotografia	181
Recursos externos	182
Teste seus conhecimentos	185
Inscreva-se	204
Para workshops e consultas	205
Faça doações	207

SOBRE NÓS

O que

Por que

Quem somos

Como usar

Contexto

O que

Comunicando a Palestina é um guia prático que oferece ferramentas para criar narrativas e promover o engajamento com a Palestina de maneira ética e responsável. De boas práticas para combater a desinformação a estratégias para promover uma cobertura midiática ética e a valorização da autonomia palestina, este manual completo capacita a todos — desde ativistas e artistas a jornalistas e decisores políticos — convidando a uma comunicação íntegra sobre a Palestina.

Narrando pela Liberação

Engajando com Dignidade

Por que

Histórias, reportagens, imagens e todas as formas de comunicação têm o poder de inspirar, educar, mobilizar e conectar as pessoas. Em contextos de colonização, opressão e racismo sistêmico, a comunicação é usada como arma para silenciar, distorcer e apagar histórias, identidades e narrativas inteiras. Para os palestinos, a batalha pela narrativa e representação sempre foi indissociável da luta pela liberdade e autodeterminação.

Repressão e propaganda sionistas

O movimento sionista procurou não só tomar posse das terras palestinas e fazer uma limpeza étnica do seu povo, mas também trabalhouativamente para apagar a sua identidade e o seu tecido cultural e social. Essa estratégia colonialista se estende a todos os domínios da expressão palestina — mídia, artes, narrativa, produção de conhecimento e organização política. Historicamente, jornais palestinos foram fechados, publicações censuradas, estações de rádio destruídas, arquivos saqueados, centros de pesquisa bombardeados e intelectuais assassinados. Interromper a organização política, suprimir a resistência e isolar os palestinos da consciência global e as lutas têm sido, sempre, parte integrante da iniciativa colonialista.

“Não é exagero dizer que a criação do Estado de Israel em 1948 ocorreu, em parte, porque os sionistas adquiriram o controle da maior parte do território da Palestina e, em parte, porque já haviam vencido a batalha política pela Palestina no mundo internacional, onde ideias, representações, retórica e imagens estavam em jogo.”

Edward Said, ‘Blaming the Victim’ (Culpando as Vítimas)

Hasbara—A palavra hebraica para “explicação” — é a estratégia de diplomacia pública de Israel para moldar a opinião global a seu favor, retratando-se como uma vítima perpétua e enquadrando a opressão colonialista como “defesa”. Popularizada no início do século XX com expressões como “uma terra sem povo para um povo sem terra”, a ideia vem evoluindo, desde então, para uma campanha estratégica e institucionalizada, incorporada em órgãos estatais e sustentada pela coordenação e financiamento de grupos de lobistas sionistas globais. Essas redes orquestram campanhas difamatórias, espalham desinformação e pressionam governos, a mídia, o meio acadêmico, plataformas digitais e empregadores para que adotem suas

narrativas, ao mesmo tempo em que deslegitimam e censuram a incidência, o ativismo palestino.

*Saiba mais sobre *Hasbara* [nessa seção](#).

O sistema mais amplo de apagamento

Os esforços sionistas de apagamento estão incorporados em sistemas mais amplos de poder global, incluindo o colonialismo e o racismo institucionalizado, que permeiam as instituições políticas, de desenvolvimento, acadêmicas e culturais, a mídia e as plataformas digitais. Esses atores trabalham para branquear a opressão israelense enquanto disseminam narrativas desprovidas de seu contexto colonialista, reduzindo os palestinos a estereótipos racistas e orientalistas — “terroristas, intrinsecamente violentos, atrasados, incivilizados, vítimas passivas, rejeitadores ou figuras exotizadas”. Enquanto isso, os palestinos são apagados e censurados, sua credibilidade depende da validação ocidental ou israelense, suas análises são questionadas ou totalmente deslegitimadas e suas narrativas são confinadas a moldes estreitos e etnocêntricos.

Nossa resposta

A iniciativa Comunicando a Palestina (*Communicating Palestine*) surgiu como uma resposta direta a esses desafios já tão arraigados. Baseado em uma longa história de resistência palestina à censura, distorção e propaganda, este guia busca fazer mais do que expor e desconstruir preconceitos. Ele centra as narrativas palestinas em seus próprios termos, desmantelando enquadramentos prejudiciais e recusando-se a ser definido em reação a eles. Reafirma a centralidade palestina por meio de um engajamento digno e ético.

O movimento palestino produziu recursos e kits de ferramentas poderosos para desconstruir preconceitos e amplificar as suas narrativas, mas ainda faltava um manual completo que visasse a comunicação e as relações públicas. Comunicando a Palestina baseia-se neste trabalho coletivo, oferecendo análises e ferramentas completas sobre narrativas, recursos visuais, práticas e tudo o que está relacionado com a comunicação num espaço fácil de utilizar.

Mais do que um recurso, este guia é um manifesto para desaprender, reaprender e praticar a comunicação libertadora.

A urgência do agora

Embora grande parte deste guia tenha sido desenvolvido antes do genocídio, sua relevância tornou-se ainda mais premente. O genocídio em curso revelou, com clareza devastadora, que a desumanização, o apagamento e o silenciamento dos palestinos não são meras injustiças abstratas, mas fatores diretos que possibilitam a aniquilação de um povo.

As potências globais fazem mais do que reprimir a capacidade dos palestinos de se expressarem, se organizarem e resistirem — elas moldam ativamente a opinião pública, fabricam consentimento para a ocupação israelense e normalizam a opressão dos palestinos. Elas reprimem a mobilização em massa e sustentam as condições que tornam o genocídio possível. A desinformação, a censura e o viés na comunicação não são apenas prejudiciais — são barreiras diretas à justiça e à liberdade palestinas.

A comunicação responsável não é apenas um imperativo ético — é uma questão de sobrevivência.

Quem Somos

Autores e Editores

Este guia é o resultado de um processo coletivo liderado por palestinos, coordenado por um comitê diretor conjunto de organizações palestinas e internacionais, com as generosas contribuições dos participantes da pesquisa.

*Saiba mais na seção Contexto, [aqui](#).

O guia não teria sido possível sem o trabalho dedicado de seus autores e editores: Lina Hegazi, Ania Kdair, Iuna Vieira, Inès Abdel Razek, Mariam Barghouti, Mayss Al Alami, Aseel AlBajeh, Danielle Ferreira, Diana Alzeer, Farah El Yacoubi, Haneen Kinani, Itxaso Domínguez de Olazábal, Laura Albast, Mehdi Beyad, Sara Abdel-Qader, Sara Husseini, Makan e Al-Haq.

Concepção e Desenvolvimento

- Identidade visual e concepção do site
[Anakeb Communications Solutions](#)
- Desenvolvimento do site
[Monarch Digital](#)

Comunicando a Palestina é uma ferramenta liderada e hospedada pelo PIPD, como parte de sua missão de defender a libertação da Palestina de todas as formas de colonialismo e promover a diplomacia do povo palestino e um movimento liderado por palestinos.



المؤسسة الفلسطينية للدبلوماسية العامة
The Palestine Institute for Public Diplomacy

Como utilizar

Este guia foi elaborado para aqueles que comunicam sobre a Palestina em diversos setores, incluindo jornalistas, ativistas, defensores, membros da sociedade civil, acadêmicos, educadores, criadores de conteúdo, figuras públicas, artistas, trabalhadores humanitários e formuladores de políticas.

Ele está organizado em três seções principais: narrativas e enquadramentos, representações visuais e práticas de comunicação e engajamento. Cada seção fornece conhecimento e análise, juntamente com recomendações práticas e dicas.

O guia também fornece ferramentas destinadas ao uso diário ao retratar a Palestina, incluindo checklists, guias de terminologia e fotografia, recursos para combater propaganda e falácias, entre outros.

Embora a plataforma forneça análises, recomendações e ferramentas valiosas e relevantes para todos os públicos, destacamos as seções mais relevantes para sua área específica.

Explore as seções mais relevantes com base no tópico de interesse:

1. Mídia

- [Dois-ladismos](#)
- [Clichê do Terrorismo](#)
- [Rejeição da Paz](#)
- [Combate à Exclusão](#)
- [Contestando a Invalidação](#)
- [Enfrentando Abordagens de má-fé](#)
- [Rejeitando a Falsa Paridade](#)
- [Combatendo a Desinformação](#)
- [Combate à censura](#)
- [Recusando Eufemismos](#)
- [Visualização](#)
- [Checklists Pontos-chave](#)
- [Guia de Terminologia](#)
- [Teste seus conhecimentos](#)

2. Política

- [Dois-ladismos](#)
- [Uma Crise Humanitária](#)
- [Clichê do Terrorismo](#)
- [Rejeição da Paz](#)
- [Combate à Exclusão](#)
- [Contestando a Invalidação](#)
- [Enfrentando Abordagens de má-fé](#)
- [Rejeitando a Falsa Paridade](#)
- [Combatendo a Desinformação](#)
- [Resistência à Repressão](#)
- [Combate à censura](#)
- [Recusando Eufemismos](#)
- [Checklists: Pontos-chave](#)
- [Guia de Terminologia](#)

3. Causas humanitárias

- [Dois-ladismos](#)
- [Uma Crise Humanitária](#)
- [Combate à Exclusão](#)
- [Rejeitando a Falsa Paridade](#)
- [Combate à censura](#)
- [Recusando Eufemismos](#)
- [Visualização](#)
- [Guia de fotografia](#)
- [Checklists Pontos-chave](#)
- [Guia de Terminologia](#)
- [Recursos externos](#)

4. Meio Cultural

- [Dois-ladismos](#)
- [Estereótipos](#)
- [A Vítima Ideal](#)
- [Combate à Exclusão](#)
- [Contestando a Invalidação](#)
- [Rejeitando a Falsa Paridade](#)
- [Visualização](#)
- [Guia de fotografia](#)
- [Checklists: Pontos-chave](#)
- [Guia de Terminologia](#)
- [Teste seus conhecimentos](#)
- [Recursos externos](#)

5. Meio Acadêmico

- [Dois-ladismos](#)
- [Um Conflito Religioso](#)
- [Combate à Exclusão](#)
- [Contestando a Invalidação](#)
- [Rejeitando a Falsa Paridade](#)
- [Combate à censura](#)
- [Resistência à Repressão](#)
- [Recusando Eufemismos](#)
- [Checklists Pontos-chave](#)
- [Guia de Terminologia](#)
- [Recursos externos](#)

6. Incidência e Ativismo

- [Dois-ladismos](#)
- [Estereótipos](#)
- [A Vítima Ideal](#)
- [Rejeitando a Falsa Paridade](#)
- [Resistência à Repressão](#)
- [Resistência à Apatia](#)
- [Visualização](#)
- [Guia de fotografia](#)
- [Checklists Pontos-chave](#)
- [Combate às faláncias](#)
- [Guia de Terminologia](#)
- [Recursos externos](#)

Contexto

Cronograma e metodologia de pesquisa

A ideia deste guia surgiu em 2019, por iniciativa de um comitê diretor composto por organizações da sociedade civil palestinas e internacionais, com o objetivo de coordenar a pesquisa, a redação e a criação de um guia sobre como comunicar a Palestina. Em 2020, o comitê diretor liderou uma iniciativa de pesquisa baseada em evidências envolvendo mais de 570 pessoas, principalmente palestinos, cujas reflexões críticas e experiências vividas serviram de base para a análise e as recomendações deste guia.

A pesquisa incluiu:

- **Oito discussões em grupos focais:** Realizadas com mais de 60 participantes em Battir, no Campo de Refugiados de Dheisheh, em Khan al-Ahmar e em Ramallah, bem como com profissionais de ONGs locais e internacionais, agências de ajuda humanitária, missões diplomáticas e meios de comunicação social.
- **Entrevistas em profundidade:** Realizadas com 12 especialistas em comunicação, acadêmicos e atores da sociedade civil.
- **Uma pesquisa online:** Que alcançou mais de 500 palestinos dentro e fora da Palestina.

Nossa pesquisa de campo foi orientada por três questões principais:

- Que narrativas moldam as percepções sobre a Palestina e os palestinos atualmente?
- Quais narrativas e representações os palestinos identificam como prejudiciais e por quê?
- Como os palestinos recomendam transformar essas representações prejudiciais?

Após a coleta de dados, a análise estatística foi realizada pela Alpha International. Entre 2021 e 2022, o comitê diretor e os consultores especializados realizaram mais pesquisas documentais, redação e edição. A finalização do guia foi adiada principalmente devido a mudanças organizacionais e às necessidades urgentes decorrentes do genocídio em curso desde outubro de 2023.

Após esse período, o PIPD liderou a finalização do guia, incluindo a revisão final, o desenvolvimento do site e a estratégia de comunicação. Isso envolveu aperfeiçoamento significativo do rascunho e finalização das ferramentas, juntamente com pesquisa documental para garantir que o guia estivesse atualizado com a intensificação do racismo anti-palestino, especialmente desde o genocídio. A edição posterior garantiu um guia mais fácil de usar e amplamente acessível.

Princípios da pesquisa

Garantindo a inclusão e uma abordagem colaborativa: A pesquisa foi concebida e conduzida de forma inclusiva e colaborativa, envolvendo uma diversidade de atores e grupos, incluindo palestinos de uma ampla gama de comunidades, bem como profissionais de vários setores, incluindo mídia, formulação de políticas, incidência, área humanitária e o meio acadêmico.

Colocando os palestinos no centro e mantendo a autonomia: O conteúdo baseia-se numa abordagem participativa que dá prioridade às vozes, aos conhecimentos e às realidades vividas pelos palestinos. As pessoas falaram em seus próprios termos, decidindo falar como indivíduos ou representando suas organizações ou coletivos.

Reconhecendo as dinâmicas de poder: Reconhecendo o papel das narrativas dominantes na manutenção das dinâmicas de poder desiguais na Palestina, a pesquisa examinou criticamente e envidou esforços para erradicar a repetição de narrativas prejudiciais, imprecisas e violentas que perpetuam a injustiça.

Mantendo a ética na pesquisa: A transparência e os padrões éticos, incluindo espaços informados sobre traumas, orientaram todas as fases da pesquisa. Os facilitadores e pesquisadores que conduziram a coleta de dados estavam bem informados sobre o trauma em camadas vivenciado pelos palestinos. O consentimento informado foi obtido de todos os participantes da pesquisa. As perguntas da pesquisa não eram sugestivas. O anonimato dos participantes da pesquisa é rigorosamente preservado e foram seguidas práticas seguras de armazenamento de dados.

Limitações e oportunidades para pesquisas futuras

Este guia não é exaustivo. Como qualquer guia e conteúdo baseado em pesquisas, ele tem limitações inerentes e sempre pode ser ampliado.

Embora a pesquisa se concentre nos palestinos, ela não pode afirmar que representa todas as perspectivas do povo palestino. Devido à fragmentação sistemática e às restrições de movimento impostas por Israel, combinadas com a presença da equipe de pesquisa na Cisjordânia, o guia apresentava informações mais detalhadas sobre a Cisjordânia em comparação com outras regiões onde vivem palestinos.

Este guia não apresenta uma análise abrangente dos desafios de comunicação em relação a outros fatores interseccionais de desigualdade e opressão, como gênero ou classe social. Espera-se que, ao comunicar melhor a Palestina, a criação de conteúdos futuros esteja preparada para explorar, refletir e abordar os aspectos complexos e multidimensionais das injustiças institucionalizadas.

Reformulando

Introdução

[Dois-ladismos](#) [Um Conflito](#) [Uma Crise](#) [Clichê do](#)
[Religioso](#) [Humanitária](#) [terrorismo](#) [Rejeição](#) [Estereotipan](#) [A Vítima Ideal](#)
[da Paz](#) [do](#)

Os enquadramentose narrativas estão em toda parte: nas notícias que assistimos, nas redes sociais que navegamos, nas imagens que vemos, no conhecimento que consumimos e na arte com que nos envolvemos. Por serem tão difundidos, nos acostumamos com eles e deixamos de perceber o quanto moldam nosso pensamento. Na realidade, eles são moldados por estruturas de poder cultural e político mais amplas, exercendo influência significativa sobre a opinião pública, os comportamentos sociais e as decisões políticas diretas.

“Os fatos não falam por si mesmos, mas requerem uma narrativa socialmente aceitável para serem absorvidos, sustentados e divulgados... a narrativa em geral... tem a ver com... autoridade.”

Edward Said, ‘[Permissão para Narrar](#)’

O sionismo, Israel e seus facilitadores perpetuam narrativas falsas, prejudiciais e desumanizantes na mídia, na política, no desenvolvimento e assistência, nas artes e na cultura, o que influencia negativamente a opinião pública e o envolvimento internacional, além de impactar diretamente a vida e o futuro dos palestinos. Reconhecer, questionar e desconstruir essas narrativas é fundamental para transformar as dinâmicas de poder e ampliar a realidade e a autonomia palestinas.

Reconhecemos que essas narrativas não são isoladas. Eles estão interligados, muitas vezes reforçando-se ou sobrepondo-se uns aos outros. Ao mesmo tempo, reconhecer suas diferenças sutis nos permite abordá-las de forma mais estratégica. Existem muitas outras variações, mas elas não estão especificamente incluídas neste guia.

<ol style="list-style-type: none"> 1. Rejeite a narrativa do “Dois-ladismos” 2. Desconstrua a narrativa do “conflito religioso” 3. Refute a narrativa da “crise humanitária” 4. Desconstrua o clichê do “terrorista” 	<ol style="list-style-type: none"> 5. Desmistifique o clichê do “rejeicionismo” palestino 6. Liberte-se dos estereótipos reducionistas: O Violento, a Vítima, o Herói 7. Fuja da armadilha da “vítima ideal”
--	---

Dois-ladismos

Qual é a Narrativa	Por que é prejudicial?	Como combater?
--------------------	------------------------	----------------

Qual é a Narrativa?

“Toda história tem dois lados”, ou pelo menos é o que nos dizem. O “Dois ladismos” refere-se a um comunicador que faz uma equivalência moral ou atribui responsabilidade igual entre duas partes, numa tentativa de obter objetividade.

Essa abordagem aparece em lutas globais, mas ignora deliberadamente — em vez de questionar — o desequilíbrio histórico e estrutural de poder enfrentado pelos povos oprimidos.

No caso da Palestina, uma das narrativas mais prevalentes — reproduzida na mídia internacional, na política, nas artes e na cultura, nas organizações humanitárias e internacionais e até mesmo em espaços de solidariedade — é que os palestinos estão em um “conflito” milenar com os israelenses, em que “ambos os lados” têm direitos iguais sobre a mesma terra e compartilham a responsabilidade e a culpa pela ausência de liberdade, paz e justiça. Essa abordagem tendenciosa é um conceito colonialista que antecede 1948, criado para justificar a colonização sionista da Palestina. Dentro dessa lógica, mantém-se um compromisso falho com o “equilíbrio” e a “neutralidade”.

As manifestações dos “Dois ladismos” incluem basear histórias e pensamentos no “conflito Israel-Palestina”, no “conflito árabe-israelense” e na “guerra entre Israel e o Hamas” — todos amplamente aceitos internacionalmente. Isso cria uma compreensão errada das políticas israelenses e das ações palestinas. Por exemplo, dentro da narrativa de “dois lados”, qualquer resistência palestina é enquadrada como “terrorismo”, enquanto a agressão israelense é retratada como “autodefesa”. Os protestos palestinos são descritos como “confrontos”, enquanto a repressão israelense é descrita como “dispersão de manifestantes”.

Por que é prejudicial?

Apagando o contexto e fragmentando o povo palestino

Enquadrar a realidade como um “conflito de dois lados” ignora as causas profundas da opressão contra o povo palestino, varrendo para debaixo do tapete a história do colonialismo britânico e a manifestação de Israel através do colonialismo de povoamento e do apartheid. Isso prejudica a experiência palestina sob a Nakba contínua, caracterizada por limpeza étnica, genocídio, perseguição e opressão sistêmica.

Ao omitir essas causas fundamentais, a situação é retratada — na melhor das hipóteses — como uma “disputa” que começou com a ocupação militar da Cisjordânia e da Faixa de Gaza em 1967. Este quadro é frequentemente analisado através do direito internacional como um conflito armado entre duas partes, dentro do paradigma do direito internacional humanitário — um sistema jurídico desenvolvido após a Segunda Guerra Mundial para regulamentar os conflitos armados e reduzir o sofrimento humano, não para pôr fim às ocupações ou desmantelar os sistemas coloniais.

No contexto palestino, quando considerado isoladamente, esse quadro esconde as estruturas mais amplas, históricas e contínuas de Israel que sustentam o domínio colonial. Isso fragmenta os palestinos, concentrando-se apenas naqueles que vivem na Cisjordânia e Gaza, ignorando que o projeto colonial afeta todos os 15 milhões de palestinos, incluindo os dois milhões com cidadania israelense que vivem como cidadãos de segunda classe e milhões de refugiados e deportados a quem foi negado o direito de retornar à sua terra natal.

Essa formulação normaliza a divisão territorial, consolida a fragmentação e prejudica os direitos coletivos dos palestinos, incluindo os direitos à autodeterminação e ao retorno.

Ignorando a assimetria de poder

O “Dois-ladismos” obscurece a dinâmica de poder assimétrica entre uma potência colonial e o povo colonizado — um dos quais é uma potência nuclear que exerce controle militar sobre o outro.

Implicar simetria de poder significa minar os direitos das pessoas e os princípios universais, que são o único caminho para a dignidade e a justiça, inclusive na comunicação e na percepção.

Condicionando e deslegitimando os direitos dos palestinos

O “Dois-ladismos” sobrepõe os “direitos palestinos” com as “preocupações de segurança israelenses”, tornando os direitos dos palestinos à liberdade, justiça, retorno e autodeterminação condicionais, em vez de inerentes e inalienáveis. A resistência palestina à opressão, neste contexto, é deslegitimada e criminalizada, apresentada como “[indisposto para a paz](#)” ou “extremista”.

Desde outubro de 2023, as discussões em torno da “violência” têm enquadrado a resistência dos oprimidos como motivada pela hostilidade, enquanto a violência israelense é enquadrada como “defensiva”, legítima e discutível. O ataque das Brigadas de Qassam em 7 de outubro de 2023 é descontextualizado, e o genocídio e a limpeza étnica contínuos do povo palestino são apresentados como uma resposta “olho por olho”, criando assim um consentimento para o genocídio e a opressão contínua.

Influenciando políticas e ações equivocadas

As ramificações prejudiciais dessa narrativa incluem a manutenção do compromisso moral falho com o “equilíbrio” e a “neutralidade”, com base na premissa equivocada de que “há dois lados em toda história” ou que “ambos os lados cometem crimes”. Dentro dessa lógica, as políticas e ações nos setores político, acadêmico, cultural, midiático e da sociedade civil ficam restritas a estruturas de resolução de conflitos, “construção da paz” e falsa paridade. Essas abordagens mantêm a premissa de que, se israelenses e palestinos se envolvessem — seja por meio de negociações formais, projetos conjuntos ou interações individuais —, haveria um fim para o que é percebido como uma “disputa” e as chamadas “divisões” seriam superadas.

*Saiba mais sobre “falsa paridade” [nessa seção](#)

“Ao tentar equilibrar as narrativas de ambas as "partes" do "conflito", as missões diplomáticas muitas vezes deixam de cumprir os princípios do direito internacional ao reagir aos “crimes de guerra” de Israel com "lamentos" e "preocupações". É ser cúmplice. É prejudicial.”

Entrevista de pesquisa, especialista em política palestina

**Leia mais em nossa metodologia de pesquisa aqui*



Salem Barahmeh desconstrói a narrativa do “Dois-ladismos”

Fonte: [Uncivilized Media](#)

Como combater?

Rejeitando a falsa equivalência

Defender os valores humanos requer sua aplicação universal — sem padrões duplos ou empatia seletiva. A verdadeira compaixão significa apoiar aqueles que sofrem injustiças, ao mesmo tempo que se reconhecem as estruturas de poder que moldam esse sofrimento. A empatia perde o seu significado se ignorar quem detém o poder e quem é prejudicado por ele. Comparar a dor dos oprimidos e dos opressores como se fossem iguais não só distorce a realidade, como também apaga a responsabilidade.

Para honrar a dignidade humana, devemos rejeitar a falsa equivalência e a exigência de sermos “neutros” ou “equilibrados”. Em vez disso, devemos nomear o desequilíbrio de poder e centrar a atenção naqueles cujos direitos são sistematicamente negados. A solução para o colonialismo israelense não é a “paz” ou a “coexistência”, mas a justiça e a libertação. A comunicação e as políticas devem basear-se nestes princípios.

“Se você é neutro em situações de injustiça, você escolheu o lado do opressor. Se um elefante estiver com a pata sobre a cauda de um rato e você disser que é neutro, o rato não apreciará sua neutralidade.”

Desmond Tutu

Contextualize: concentre-se na raiz do problema

A narrativa dos “Dois-ladismos” decorre de um foco nos sintomas e menos nas causas profundas por trás da realidade política, social e econômica.

A contextualização, ou seja, apresentar o quadro completo, é um requisito fundamental quando se comunica sobre a Palestina, como em qualquer situação de colonialismo, injustiça social e opressão sistêmica. Não fazer isso acarretaria o risco de espalhar informações erradas, distorcer os fatos e perpetuar narrativas prejudiciais.

Não se trata de um “conflito”, mas de um projeto colonialista entre um Estado criado por meio de limpeza étnica e anexação, com um dos exércitos mais poderosos e bem financiados do mundo, e um povo que foi ocupado, deslocado e exilado.

VISUALIZING PALESTINE | 101

VISUALS RESOURCES HOW TO

HOME > VISUALS >

EXPLORE VISUALS



1_HISTORICAL CONTEXT

Placing the present-day situation in the context of Zionist settler colonialism and the displacement and dispossession of Palestinians.



Explore os infográficos contextuais do Visualizing Palestine, [aqui](#)

Entenda que os sistemas de opressão estão interligados

A contextualização não deve começar e terminar com um único ponto na história ou

uma única geografia. A ocupação militar da Cisjordânia e da Faixa de Gaza deve ser entendida como apenas uma ferramenta do projeto colonialista sionista. Este regime manifestou-se na Palestina através da limpeza étnica de 80% do povo palestino, cometendo cerca de 70 massacres e destruindo mais de 530 aldeias e cidades durante a Nakba de 1947-1948. A Nakba nunca terminou para o povo palestino, uma vez que Israel expandiu seu projeto colonial através do sistema de apartheid desde 1948 e da ocupação militar do resto da Palestina desde 1967. Hoje, a Nakba em curso está culminando em um genocídio transmitido ao vivo em Gaza. Todas essas estruturas são aplicáveis e devem ser entendidas de forma complementar.

Reconheça que a opressão colonial tem como alvo todos os palestinos

Esses sistemas devem ser entendidos como tendo como alvo todo o povo palestino, independentemente de onde se encontre. Desde refugiados impedidos de retornar no Líbano, passando por beduínos vítimas da violência dos colonos na Cisjordânia, comunidades sitiadas em Gaza e aldeias “não reconhecidas” que enfrentaram limpeza étnica na Palestina de 1948 — a opressão colonial atinge os palestinos em todos os lugares. A fragmentação é, em si mesma, uma estratégia deliberada para consolidá-la.

As práticas coloniais diferem em termos geográficos e de gravidade, mas continuam a ser sistêmicas e interligadas, impulsionadas por um único objetivo: esvaziar a terra de seu povo e negar seu direito coletivo à autodeterminação.

Mostre a realidade violenta em suas múltiplas camadas

Enfatizar as estruturas de opressão requer conectá-las às suas diversas manifestações e impactos na vida cotidiana e no futuro dos palestinos. A opressão e a violência coloniais não devem ser destacadas apenas quando se manifestam de forma visível e brutal, como assassinatos, tortura e demolições; elas também devem incluir políticas menos aparentes, mas igualmente destrutivas, que fragmentam famílias, corroem laços comunitários, impõem traumas geracionais e sufocam o desenvolvimento econômico. Capturar todo esse espectro é essencial para compreender a natureza sistêmica e contínua da opressão.



© Communicating Palestine

“Quando vi esta foto pela primeira vez, pensei nas famílias dos prisioneiros indo às prisões israelenses para visitar seus filhos. No entanto, quando olhei mais de perto, pensei em quanto o povo palestino, as famílias e as mulheres idosas sofrem na passagem e nos postos de controle para chegar a Jerusalém ou a qualquer outro lugar, mesmo quando querem vender ou produzir e melhorar sua situação econômica. Mas aqui, pensei nas dificuldades da vida cotidiana dos palestinos. Estamos sempre diante de pontos de controle e obstáculos. Portanto, trata-se de quão difícil é a situação e quão difícil é psicológica, emocional e socialmente.

Participante do Grupo de Discussão, Campo de Refugiados de Dheisheh, Belém.

*Leia mais em nossa [metodologia de pesquisa aqui](#)

Destaque histórias pessoais

Embora seja importante focar na opressão estrutural e na violência cotidiana, é igualmente importante dar destaque às histórias pessoais. As narrativas mais fortes equilibram a experiência vivida com a injustiça sistêmica e a luta coletiva. Enfatizar demais as histórias arricadas reduzir essas lutas a anedotas isoladas e despolitizadas, enquanto enfatizar demais as estruturas arrisca apagar o elemento humano, transformando os palestinos em estatísticas e abstrações.

Exemplos de boas práticas

Quando as forças de ocupação israelenses demolem uma casa palestina, a comunicação dessa história deve centrar-se na experiência da família que sofreu tal injustiça, incluindo seu impacto socioeconômico e psicológico, e sua resistência contra ela. Além disso, deve-se destacar como as demolições fazem parte de uma política sistêmica para esvaziar a terra de seu povo e colonizá-la. Se a natureza multifacetada dessa injustiça fosse omitida, a narrativa produzida reforçaria a desumanização dos palestinos ou despolitizaria a luta.

Quando os palestinos protestam, é importante lembrar que esses eventos nunca acontecem isoladamente. É fundamental contextualizar as causas da ira palestina e por que a resistência é necessária em primeiro lugar. As forças motrizes por trás dos protestos são o colonialismo e a ocupação israelenses, juntamente com práticas diárias e sistêmicas de opressão. Em vez de apresentar os manifestantes como grandes multidões, concentre-se nas suas histórias pessoais — por que estão a protestar, o que sofreram e como isso os afetou. Sem esse contexto, corre-se o risco de enquadrar a situação como um “confronto” ou “motim”, retratando a repressão militar israelense como “dispersão de multidões” e reduzindo os palestinos a figuras anônimas, raivosas, irracionais e violentas.

Um Conflito Religioso

Qual é a Narrativa	Por que é prejudicial?	Como combater?
--------------------	------------------------	----------------

Qual é a Narrativa?

A [narrativa de “Dois-ladismos”](#) é frequentemente sobreposta por uma dimensão religiosa ou cultural que distorce a realidade do colonialismo sionista. Apresenta a situação como uma antiga “disputa” entre árabes — normalmente reduzidos a “muçulmanos” — e judeus, alegando um ódio intrínseco enraizado na religião, cultura, etnia ou fundamentos civilizacionais.

Essa formulação sugere falsamente que todos os palestinos e árabes são muçulmanos e que todos os judeus são sionistas. Reduz uma realidade política e colonialista a um suposto “conflito” religioso.



A cobertura da mídia enquadraria os protestos de 2021 na Palestina como “confrontos” entre judeus e árabes.

Fonte: [Voice of America](#)

Por que é prejudicial?

Apresentando a realidade como algo insolúvel

Essa narrativa promove a ideia de que se trata de uma questão secular e intratável—algo que é muito complexo para ser resolvido—com base em identidades culturais ou religiosas opostas; em vez de uma realidade colonial moldada pelo apoio ocidental ao movimento sionista e à colonização judaica da Palestina no final do século XIX.

Essa formulação valida teorias neoconservadoras prejudiciais, como o “choque de civilizações” de Huntington. Isso perpetua o status quo, promovendo uma visão prejudicial das relações internacionais mundiais e da luta dos povos. Isso desestimula a mobilização urgente para mudar a situação, já que muitos consideram que ela é muito complexa ou delicada para ser abordada. Essa mentalidade permite a complacência e a inação em relação à expansão colonial israelense.

Apagando a diversidade palestina

A narrativa retrata de forma imprecisa os palestinos como um grupo muçulmano homogêneo, ignorando séculos de pluralidade religiosa dentro da sociedade palestina. Isso carrega conotações racistas e orientalistas, muitas vezes se sobrepondo à [narrativa de “terrorista”](#). Os palestinos, engolidos pela categoria geral de “árabes” ou “muçulmanos”, são retratados como “atrasados, violentos, terroristas”, posicionados em oposição aos judeus israelenses, que são apresentados como a personificação da modernidade europeia e da “civilização” avançada. Por sua vez, isso alimenta a islamofobia, o racismo anti-árabe e o racismo anti-palestino prevalentes no Ocidente.

Distorcendo o judaísmo

Associar o judaísmo ou a comunidade judaica global a uma ideologia colonialista ignora o fato de que muitos indivíduos e grupos judaicos em todo o mundo rejeitam o sionismo e se recusam a permitir que a opressão seja praticada em seu nome. Eles enfatizam a necessidade de distinguir entre antissionismo e antisemitismo, afirmando que o judaísmo é fundamentalmente incompatível com o colonialismo, o apartheid e o genocídio.

Acusações de antisemitismo como arma

Por fim, retratar a situação como “conflito religioso” permite que Israel, os sionistas e seus apoiadores difamem e criminalizem qualquer pessoa que se oponha a Israel e ao sionismo, rotulando-a de antissemita. Essa instrumentalização não sugere que a falsa narrativa de um “conflito” entre muçulmanos/árabes e judeus seja a causa das persistentes acusações de antisemitismo, mas reforçar essa narrativa torna mais fácil lançar mão de acusações arbitrárias e sistêmicas.

*Saiba mais sobre a difamação da incidência (advocacy) palestina [nessa seção](#)

Como combater?

Centralize a natureza política anticolonialista da luta

Semelhante à [narrativa do “Dois-ladismos”](#), o problema com a narrativa do “conflito religioso” é que ela não destaca as causas fundamentais da situação palestina. Para combater isso, é essencial compreender que a luta palestina tem suas raízes na luta contra o colonialismo sionista, o apartheid e a ocupação — e não em motivações religiosas.

Há mais de um século, o projeto sionista tem como objetivo esvaziar a Palestina de seu povo, independentemente de sua religião, e substituí-lo por colonos sionistas. A comunicação sobre a Palestina também deve destacar como as ambições coloniais do sionismo se estendem além da Palestina; como fica evidente na ocupação do Sinai egípcio em 1967, na anexação e ocupação contínuas e ampliadas do Golã sírio, nas invasões recorrentes do Líbano e nos planos da **extrema direita** para uma “Grande Israel”.

Na lógica sionista, o alvo não são os muçulmanos, mas os palestinos, cuja própria existência desafia o projeto colonialista, independentemente da religião, idade, gênero ou filiação política. No entanto, esse alvo se estende a qualquer pessoa que se oponha ao seu caminho expansionista; desde árabes até qualquer voz crítica ao seu projeto, incluindo internacionais em solidariedade.

Reconheça a diversidade palestina

O povo palestino é diversificado e possui identidades ricas, moldadas por diferentes civilizações, religiões e culturas, que formam o patrimônio existente. Ao contrário da narrativa homogeneizante que retrata os palestinos como um grupo exclusivamente muçulmano, a identidade palestina abrange séculos de pluralidade religiosa e étnica.

Isso inclui cristãos palestinos, seculares, bem como judeus palestinos que viviam na Palestina antes do sionismo. No entanto, o sionismo perturbou essa cultura de longa data de coexistência relativa entre as diferentes religiões e etnias da região.

É igualmente importante reconhecer as conotações orientalistas e racistas dessa formulação e enfatizar que, mesmo que todos os palestinos e árabes fossem muçulmanos, isso ainda não tornaria a luta “um conflito religioso”.



O reverendo Munther Isaac descontrói a narrativa do “conflito religioso”.

Fonte: [Nigeria Info FM](#)

Denuncie a exploração do judaísmo pelo sionismo

O sionismo foi fundado com o objetivo de criar um “lar nacional para o povo judeu”. Desde a sua criação, Israel consagrou a fusão do sionismo e do judaísmo em leis, políticas e práticas, a fim de manter e expandir a colonização e a apropriação de terras na Palestina. A Lei Básica de 2018, que determina que “o direito de exercer a autodeterminação nacional no Estado de Israel é exclusivo do povo judeu”, é uma manifestação disso.

“O Estado de Israel é, antes de tudo, judeu e só depois democrático.”

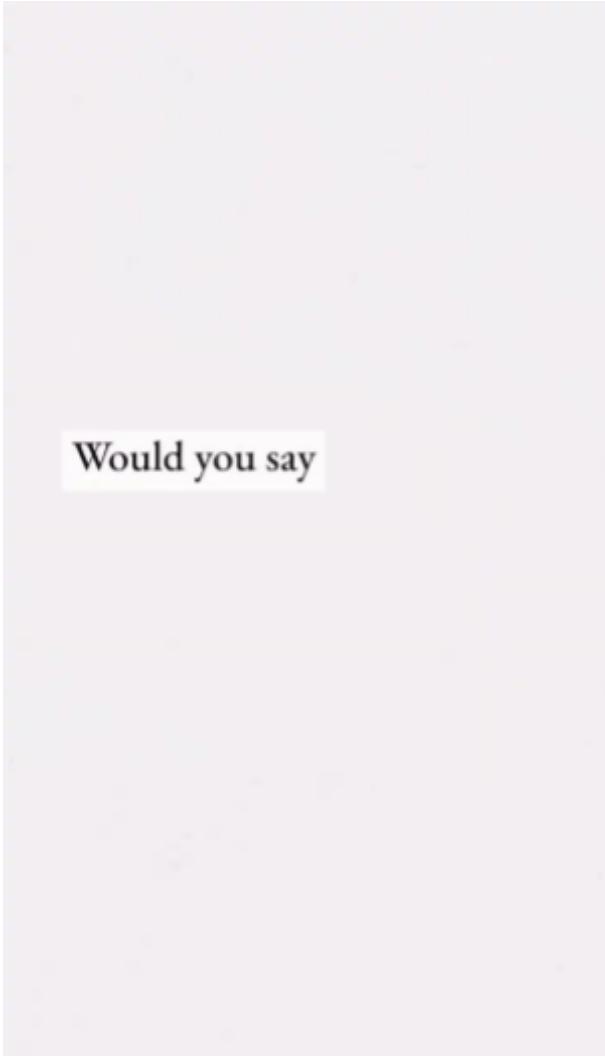
Ministro Israelense Itamar Ben Gvir

“Quero um Estado judeu... que funcione de acordo com os valores do povo judeu.”

Ministro Israelense Bezalel Smotrich

Essa instrumentalização da identidade judaica não é apenas retórica — a realidade da vida palestina sob opressão e violência colonialista é imposta por soldados e colonos judeus israelenses, diretamente responsáveis por assassinatos sistemáticos, tortura, roubo de terras e destruição de casas e meios de subsistência.

Essa fusão deliberada permitiu que Israel e os sionistas usassem as acusações de antisemitismo como arma para suprimir todas as vozes contestatórias. Os palestinos e seus aliados são rotineiramente forçados a declarar que não são antisemitas simplesmente por se oporem à opressão colonialista. É fundamental dissociar o sionismo do judaísmo, mas não deve caber aos palestinos o fardo de enfatizar repetidamente essa distinção em cada palavra ou ação que realizam.



Would you say

Mohammed El-Kurd rejeita a exigência constante de refutar o antisemitismo

Fonte: [Twitter Curdo](#)

Uma Crise Humanitária

Qual é a Narrativa	Por que é prejudicial?	Como combater?
--------------------	------------------------	----------------

Qual é a Narrativa?

A narrativa da “crise humanitária” é uma abordagem ocidental que **esconde** as causas coloniais, capitalistas e estruturais por trás das dificuldades políticas e socioeconômicas enfrentadas pela maioria da população mundial.

No caso da Palestina, essa narrativa — amplamente promovida por organizações internacionais de desenvolvimento e ajuda humanitária, pela mídia, pelo discurso político e por instituições acadêmicas — reduz a luta palestina a questões de pobreza, subdesenvolvimento e fome, apagando a realidade colonial por trás dela.

Por exemplo, a [Estratégia de Assistência do Banco Mundial](#) para a Cisjordânia e Gaza 2022-25, atribui a escassez de água ao clima da região, à exploração excessiva e às instalações precárias; em vez da colonização israelense em curso, do bloqueio, da apropriação de terras, da subjugação econômica e da exploração deliberada e poluição dos recursos naturais palestinos. Da mesma forma, durante o genocídio em curso em Gaza, as organizações internacionais têm persistido em enquadrar a situação como uma mera catástrofe humanitária, apesar da documentação esmagadora da destruição sistemática por parte de Israel, da obstrução da ajuda humanitária, do uso deliberado de alimentos como arma de guerra e até mesmo de ataques diretos a organizações e trabalhadores humanitários.

Nessa narrativa, os palestinos são frequentemente retratados como “beneficiários” passivos da ajuda, descritos como subdesenvolvidos, sem instrução, pobres e necessitados de salvação ou intervenção externa. Essa abordagem destaca de forma

desproporcional mulheres, crianças e grupos considerados marginalizados, como beduínos e refugiados.

Foco da pesquisa

A maioria dos participantes da nossa pesquisa online (64%) está insatisfeita/muito insatisfeita com a forma como os palestinos são retratados pelas agências de ajuda internacional e ONGs.

Tanto nos grupos focais quanto na pesquisa online, os participantes destacaram os danos causados pelas narrativas que retratam os palestinos como pobres, sujos e indefesos, especialmente quando se trata de crianças, bem como pelas narrativas que apresentam as organizações de desenvolvimento e seus funcionários internacionais como “salvadores brancos”.

Os participantes palestinos classificaram as três imagens a seguir como as imagens mais prejudiciais comumente divulgadas por aqueles que trabalham no setor de desenvolvimento:

- Uma mãe e seus filhos sentados ao lado de pacotes de trigo da UNRWA (62%).
- Crianças palestinas com roupas sujas sendo fotografadas de cima (58%).
- Um visitante internacional branco tirando uma foto com crianças palestinas em frente ao muro do apartheid (36%).



Da esquerda para a direita: APA/Extraído de [Al-Shabaka](#)
Extraído de uma brochura da organização alemã de “construção da paz”
Extraído de uma página antiga de [GoPalestine](#)

*Leia mais sobre nossa metodologia de pesquisa [aqui](#)

Por que é prejudicial?

Removendo o contexto político

Reducir a luta palestina a uma mera crise humanitária retira-lhe suas causas políticas fundamentais e transforma uma luta de libertação e uma busca por dignidade em uma questão de caridade.

A questão não é afirmar que existe uma crise humanitária e que os palestinos dependem de ajuda — esses são fatos —, mas sim a incapacidade de reconhecer e abordar as causas profundas. A pobreza, o subdesenvolvimento e a fome são causados pelo homem; e o colonialismo israelense, a ocupação militar, o apartheid e o bloqueio devem ser responsabilizados por produzir e perpetuar essa realidade.

Moldando políticas e intervenções distorcidas

Essa abordagem tem implicações significativas para as decisões políticas e de financiamento, pois canaliza recursos para soluções temporárias e paliativas, em vez de mudanças estruturais. Isso mantém um ciclo interminável de demolição e reconstrução, em que escolas, hospitais e regiões inteiras destruídas são repetidamente reconstruídas com ajuda internacional, apenas para serem destruídas novamente na próxima rodada de ataques israelenses, porque as causas fundamentais continuam sendo ignoradas. Paradoxalmente, muitos dos mesmos governos e instituições que financiam a reconstrução e a ajuda humanitária prestam simultaneamente apoio militar, econômico e diplomático a Israel, facilitando a destruição que afirmam combater.

“A ajuda ao desenvolvimento consolida o colonialismo de várias maneiras... [Ela] ajudou Israel a cobrir os custos financeiros da sua ocupação... criou “fatos concretos”, que ajudaram a consolidar a ocupação... Além disso, os países doadores podem justificar a inação, incluindo a falta de ação contra a agressão política e militar israelense, por meio do espectro da ajuda.”

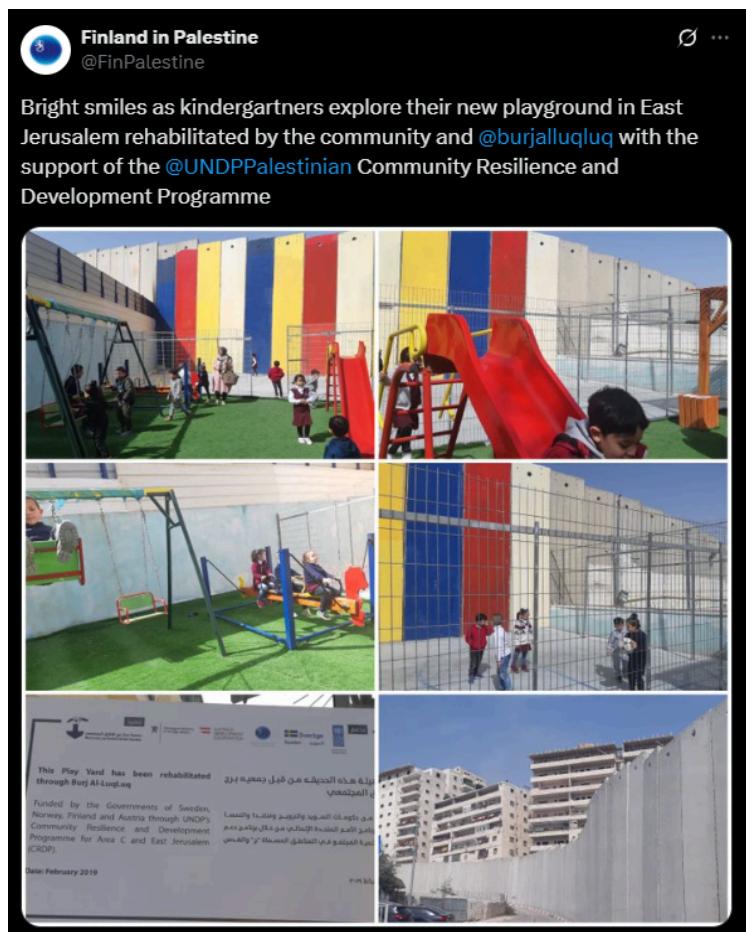
Reem Bahdi e Mudar Kassis, ‘Decolonisation, Dignity and Development Aid’
(Descolonização, dignidade e ajuda ao desenvolvimento)

Transformando a resistência coletiva (*sumoud*) em resiliência individual

O setor de ajuda e desenvolvimento frequentemente segue narrativas ocidentais e neocoloniais de “resiliência” como tema central. Isso defende o enfrentamento individual, a sobrevivência e a autossuficiência como características desejáveis,

ignorando os sistemas mais amplos de opressão que criam e sustentam a vulnerabilidade coletiva. Fundamentalmente, a narrativa da resiliência ignora o *sumoud*, um conceito palestino fundamental de firmeza coletiva enraizado na conexão com a terra, na recusa em partir, na coesão comunitária e na resistência ativa contra a dominação colonialista.

*Saiba mais sobre o perigo de fetichizar a sumoud palestina [nessa seção](#)



Um projeto financiado pela União Europeia através do Programa de Resiliência e Desenvolvimento Comunitário do UNDP reabilitou uma escola em Jerusalém, com o muro de anexação, pintado com cores vivas, a erguer-se imponente ao fundo.

Fonte: [Finlândia no Twitter da Palestina](#)

Reforçando estereótipos racistas

A narrativa humanitária também perpetua estereótipos racistas e desumanizantes. Ao retratar os palestinos como perpetuamente necessitados de ajuda, sem abordar as causas fundamentais, a narrativa sugere que os palestinos são “atrasados”, incapazes de se sustentar e incapazes de se desenvolver, o que mantém o complexo

do salvador branco. Representações visuais que enfatizam a sujeira, o desespero e a pobreza reforçam essas narrativas prejudiciais, enquanto a expectativa de que os “beneficiários” expressem gratidão em materiais promocionais ecoa a dinâmica colonialista.

“O público é frequentemente apresentado a uma representação unilateral e simplista dos países e povos do Sul Global. A narrativa geralmente gira em torno de indivíduos infelizes que precisam de ajuda financeira. Isso perpetua a percepção estereotipada ocidental dos países em desenvolvimento e reforça a mentalidade do chamado “salvador branco”.

Iniciativa norueguesa Radi-Aid

Vitimização e tokenização

Essa abordagem muitas vezes simboliza de forma desproporcional as mulheres e as crianças como vítimas passivas, privando-as de sua autonomia política e de seus papéis ativos na luta pela liberdade, ao mesmo tempo em que desumaniza os homens palestinos. Muitas dessas representações têm como objetivo promover o trabalho das organizações e garantir financiamento. Em nossa pesquisa, os participantes do grupo focal de Khan Al-Ahmar expressaram frustração com as comunicações do setor de desenvolvimento que priorizam os relatórios dos doadores e a arrecadação de fundos em detrimento do impacto genuíno.

Em última análise, essas narrativas não apenas minam a dignidade e a autonomia dos palestinos, mas também os privam de seu direito à autodeterminação, reduzindo uma luta política pela libertação a uma série de crises desconexas e apolíticas.

“As ONGs internacionais têm, de forma lenta mas segura, despolitizado a luta palestina... concentrando-se exclusivamente na linguagem humanitária, como se esta situação fosse um desastre ambiental... como se tivéssemos sofrido uma inundação ou uma fome. Esse discurso permite uma completa ausência de responsabilidade. Quando as ONGs falam sobre Gaza, elas falam como se fosse uma situação humanitária realmente terrível. Mas é totalmente causado pelo homem e poderia ser resolvido amanhã mesmo, se houvesse sanções e todos no mundo quisessem que [o regime israelense] levantasse o cerco... A despolitização das mulheres palestinas por parte das ONGs internacionais e nacionais é

uma prática muito comum. A violência doméstica e a agressão sexual são retiradas do seu contexto político. Isso é extremamente prejudicial para a luta das mulheres palestinas contra o patriarcado, que está profundamente entrelaçado com o colonialismo e o capitalismo.”

Entrevista de pesquisa, especialista em política palestina

*Leia mais em nossa metodologia de pesquisa [aqui](#)

Como combater?

Reconheça e enfrente a realidade colonialista

Os trabalhadores humanitários e de desenvolvimento são frequentemente os primeiros internacionais a testemunhar as mudanças no terreno na Palestina: novos postos de controle, aldeias isoladas pelo muro de anexação, bloqueios de estradas, construção de novos colonatos, campos confiscados e casas demolidas. Aproveitando seus conhecimentos locais e a legitimidade que possuem em seus países de origem, eles podem desempenhar um papel crucial na comunicação de uma imagem muito mais precisa da ocupação aos doadores, governos afiliados e ao público.

“Temos focado nossa atenção nos jornalistas e na mídia, mas, do meu ponto de vista, a maioria dos artigos e reportagens sobre a Palestina não são escritos por jornalistas. São redigidos por diplomatas, embaixadas e missões diplomáticas. São redigidos por ONGs e organizações internacionais. Um jornalista escreve talvez um artigo por semana, enquanto os relatórios diplomáticos são enviados diariamente. As [Pessoas] leem uma determinada terminologia em relatórios cinco dias por semana, em vez de lerem um artigo de jornal uma vez por semana. Isso torna a mídia de desenvolvimento um canal tão poderoso.”

Participante da discussão do grupo focal, Ramallah

*Leia mais em nossa metodologia de pesquisa [aqui](#)

Uma abordagem precisa requer a identificação explícita do perpetrador e a investigação das práticas predatórias que perpetuam as questões socioeconômicas — tais como a fragmentação do povo e da terra, a negação do acesso dos palestinos aos

seus recursos naturais e a violação do seu direito ao desenvolvimento econômico.

Ao longo de décadas, inúmeros estudos analisaram como a ocupação israelense está levando à dependência contínua de ajuda humanitária, à pobreza e à fome, além de obstruir o potencial de desenvolvimento. Até mesmo o Banco Mundial, em 2014 destacou que se os palestinos tivessem acesso total à Área C da Cisjordânia (60% do território da Cisjordânia, rico em recursos naturais e sob controle total de Israel), seu PIB aumentaria em 35%.

Abordar as causas profundas significa ir além da ocupação militar israelense da Cisjordânia e da Faixa de Gaza desde 1967. Isso deve ser complementado por uma compreensão dessa ocupação como parte de um projeto colonial, que também emprega o apartheid e o genocídio como ferramentas para remover os palestinos do rio ao mar.

*Saiba mais sobre contextualização [nessa seção](#)



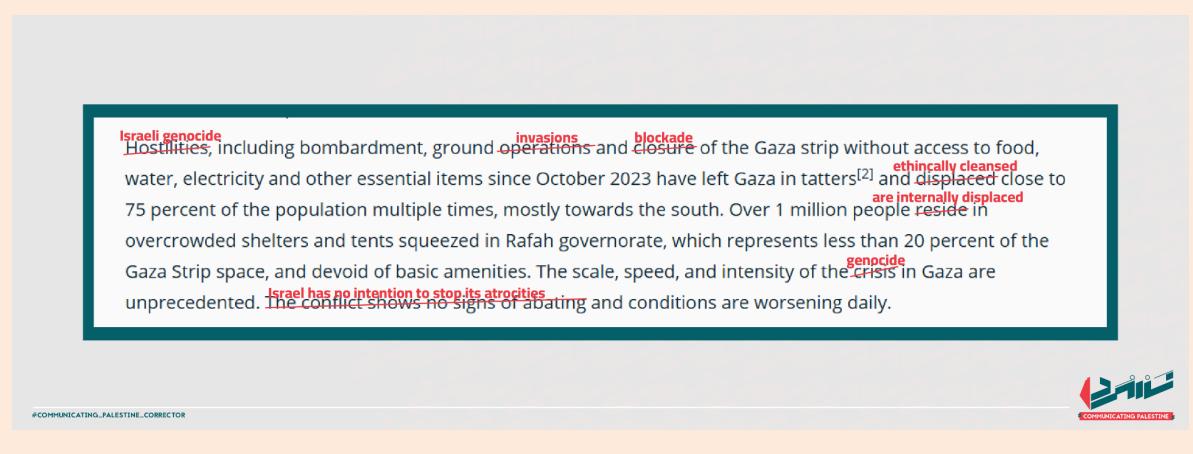
Dra. Tanya Haj-Hassan desconstrói a narrativa da “crise humanitária” em uma entrevista à CNN.

Fonte: [O Relatório da Maioria com Sam Seder](#)

Assista também [este vídeo](#) de Rabet, onde Salma Shawa desconstrói a narrativa.

Exemplo: Reformulando a narrativa da “crise humanitária”

A captura de tela a seguir foi tirada do [Relatório Anual de 2023 do Programa Alimentar Mundial](#) sobre a Palestina, refletindo a narrativa prejudicial da “crise humanitária”. Oferecemos uma perspectiva alternativa para reconhecer as causas fundamentais da crise e identificar os responsáveis, transformando-a em uma representação mais precisa.



Descolonizando as intervenções de ajuda humanitária

É essencial que as organizações humanitárias e de desenvolvimento, incluindo ONGs internacionais e agências da ONU, garantam que seus programas não visem apenas o socorro humanitário de curto prazo, mas também o reforço de mudanças estruturais para pôr fim à colonização e ocupação israelenses. Isso inclui acabar com sua própria cumplicidade, promovendo narrativas precisas e interrompendo quaisquer relações que perpetuem a colonização israelense, bem como integrar esforços de incidência em seu trabalho, como pressionar pelo fim da cumplicidade do Estado e das empresas na ocupação israelense e defender que Israel seja responsabilizado.

Descolonizar a ajuda também significa acabar com o financiamento condicional e deixar de impor condições restritivas que ditam as estratégias e o envolvimento dos grupos da sociedade civil palestina com as pessoas e as comunidades.

Centralizando a autonomia e dignidade Palestinas

As organizações internacionais de desenvolvimento têm trabalhado com os palestinos a longo prazo, formando parcerias e relações pessoais que, com o tempo, lhes permitem acessar perspectivas e conhecimentos que a indústria da mídia, com

seu ritmo acelerado, talvez não consiga cultivar. É essencial que a comunicação reflita essa oportunidade. Em vez de impor avaliações e projetos elaborados externamente, essas organizações devem garantir que os palestinos não sejam meramente consultados, mas sim os principais tomadores de decisão na definição de narrativas e intervenções.

“Se você deseja ajudar uma vizinha, a primeira pergunta que deve fazer a ela é: “O que posso fazer por você?” O que você precisa?” Essas organizações [internacionais] baseiam-se em seus estudos, teorias e experiência de vida. Algumas das coisas que trazem não são adequadas ou não beneficiam os beduínos palestinos em tempos de crise. E não temos outra escolha a não ser aceitá-los.”

Participante da discussão do grupo focal, Khan al Ahmar

**Leia mais em nossa metodologia de pesquisa [aqui](#)*

Centralizar a autonomia palestina também requer evitar a ênfase excessiva em grupos específicos — como crianças e mulheres — para suscitar simpatia e promover o trabalho de uma organização. Em vez disso, as organizações de desenvolvimento devem garantir uma representação equitativa de todos os palestinos, independentemente da idade, classe social e localização geográfica.

Seja conduzindo entrevistas, tirando fotografias ou entregando ajuda humanitária, é fundamental priorizar o consentimento informado em todas as etapas e permanecer atento às dinâmicas de poder em jogo entre os doadores e as comunidades palestinas. Essa dinâmica pode criar uma pressão implícita, fazendo com que os indivíduos se sintam obrigados a concordar com iniciativas, mesmo que não se sintam totalmente à vontade.

**Saiba mais sobre comunicação visual ética, incluindo suas complexas considerações no setor de desenvolvimento [nessa seção](#)*

“O poder não é simplesmente uma questão de coerção ou dominação, mas também opera por meio do consentimento e da participação”.

Stuart Hall

Enfatize a resistência, não o vitimismo

Não se limite a comunicar a injustiça — certifique-se de que suas narrativas destacam as inúmeras maneiras pelas quais os palestinos resistem ativamente. Os participantes palestinos da pesquisa indicaram que preferem representações que enfatizem não seu sofrimento e vitimização, mas sua *sumoud* (determinação) e resistência. Essa abordagem enfatiza sua autonomia e dignidade em vez da vitimização e da piedade.

Mostre a determinação, resistência e criatividade locais diante dos esforços de Israel para tornar a vida impossível — palestinos em Gaza instalando painéis solares em tendas improvisadas para gerar eletricidade em meio ao colapso total da infraestrutura, agricultores recuperando terras roubadas por meio da agricultura sustentável ou centros de coworking liderados por jovens.

Não se trata de romantizar os palestinos, mas de reconhecer um aspecto crucial de sua experiência que não deve ser ignorado. Há uma linha tênue entre destacar a resistência e a determinação e produzir narrativas simplistas que heroizam e glorificam os palestinos.

*Saiba mais sobre o estereótipo dos palestinos como heróis [nessa seção](#)

Esteja preparado para reações adversas

Tenha princípios e listas de verificação claros e certifique-se de que sua diretoria e equipe estejam preparadas para defender a intervenção de ajuda e tenham recebido a formação política necessária para falar com confiança.

Clichê do “Terrorismo”

Qual é a Narrativa	Por que é prejudicial?	Como combater?
--------------------	------------------------	----------------

Qual é a Narrativa?

O cenário moderno do “terrorismo” foi institucionalizado na década de 1960, quando os regimes coloniais ocidentais e as ditaduras de direita o utilizaram como arma para deslegitimar os movimentos comunistas, socialistas, anti-imperialistas e de libertação nacional. Por exemplo, essa narrativa permitiu que ditaduras militares apoiadas pelos Estados Unidos em toda a América Latina rotulassem a oposição política de esquerda como “terrorista”, enquanto realizavam execuções em massa, desaparecimentos forçados e tortura. Da mesma forma, os movimentos de libertação nacional na Palestina, Argélia, África do Sul, Irlanda e Vietnã foram considerados “organizações terroristas” pelos governantes coloniais e seus aliados, a fim de justificar a opressão colonialista e impedir a independência nacional.

Com o declínio do comunismo após o colapso da União Soviética na década de 1990, a narrativa global do “terrorismo” passou a se concentrar em um novo “inimigo global” — o fundamentalismo islâmico —, especialmente após os ataques de 11 de setembro nos Estados Unidos. Desde então, o conceito de “terrorismo” tem sido instrumentalizado pelas potências ocidentais para justificar ocupações militares e atrocidades em todo o mundo, incluindo no Iraque, Afeganistão, China e Chechênia — tudo sob a bandeira da “Guerra ao Terror”.

Na Palestina, essa narrativa existe desde a criação do Estado colonialista israelense, servindo para criminalizar e reprimir a resistência palestina em todas as afiliações políticas e formas de luta. Essa abordagem tem sido fundamental para Israel justificar suas políticas opressivas, incluindo assassinatos, tortura, bloqueios, agressões militares, punições coletivas, detenções administrativas e demolições punitivas de casas — apresentando-as como medidas de “combate ao terrorismo” ou “autodefesa”.

A narrativa também foi institucionalizada por meio da criminalização oficial sob o legado das leis coloniais britânicas e das próprias leis de Israel, especialmente desde o surgimento do movimento de libertação nacional palestino na década de 1960. Desde então, Israel designou oficialmente a Organização para a Libertação da

Palestina e a maioria das forças políticas a ela afiliadas — incluindo a Frente Popular para a Libertação da Palestina (FPLP), de esquerda — como “organizações terroristas”, garantindo o apoio dos aliados ocidentais para essas classificações. À medida que novos partidos políticos, como o Hamas, surgiram na década de 1980, eles também foram designados como entidades “terroristas”. Com o tempo, essas designações se expandiram para incluir grupos estudantis, grupos de direitos humanos e da sociedade civil.

Por que é prejudicial?

Mascarando a violência do Estado imperialista

O conceito de “terrorismo” tem sido utilizado como arma para reprimir e deslegitimar os movimentos de libertação nacional e socialistas, ao mesmo tempo que reforça o poder do Estado sobre os muçulmanos, as pessoas de cor e outras comunidades oprimidas. Isso mascara a violência imperialista dos Estados que afirmam agir em nome do “combate ao terrorismo”.

O “terrorismo” como conceito jurídico é indissociável do seu legado discriminatório. Tem sido mobilizado para alimentar políticas racistas contra muçulmanos, organizações políticas negras e outros grupos marginalizados há décadas. Não tem nenhuma fidelidade inerente à sua definição no dicionário — sua fidelidade é ao poder do Estado de reprimir comunidades marginalizadas.”

Diala Shamas, ‘[Chamar o motim no Capitólio de “terrorismo” só prejudicará as comunidades de cor](#)’

Construindo uma dicotomia racializada “nós contra eles”

Em 1986, Benjamin Netanyahu, então embaixador de Israel na ONU, editou e compilou um livro de ensaios intitulado “Terrorismo: Como o Ocidente pode vencer”, que defendeu e influenciou fortemente a disseminação do enquadramento e do clichê do “terrorismo”. Edward Said escreveu uma análise.

“Ao contrário dos covardes que se limitam a condenar o terrorismo sem o definir, Netanyahu ousa corajosamente propor uma definição: “O terrorismo”, diz ele, “é o assassinato, a mutilação e a ameaça deliberados

e sistemáticos de inocentes para inspirar medo com fins políticos". Mas essa poderosa formulação filosófica é tão falha quanto todas as outras definições, não apenas porque é vaga quanto às exceções e limites, mas porque sua aplicação e interpretação no livro de Netanyahu dependem a priori de um único axioma: "Nós" nunca somos terroristas; são os muçulmanos, os árabes e os comunistas que o são. A visão é tão simples quanto isso e remonta ao passado, à negação fundamental e inaugural da história israelense: o fato enterrado de que Israel passou a existir como Estado em 1948 como resultado da expropriação dos palestinos. "

Edward Said, [O Terrorismo Essencial](#)

Essa narrativa do "terrorismo" reforça uma dicotomia prejudicial: "nós contra eles". Nesta dicotomia, o "inimigo e ameaça global" é contrastado com os "civilizados", que estão posicionados para contê-lo. De um lado, há as "democracias" judaico-cristãs e brancas; do outro, os "centros de terrorismo", frequentemente muçulmanos, árabes e pardos, rotulados como "bárbaros, incivilizados e inherentemente violentos".

Deslegitimando e demonizando a resistência palestina

A narrativa "terrorista" deslegitima a resistência palestina ao descontextualizar a raiva, demonizando e invalidando respostas legítimas aos sistemas coloniais e de ocupação de Israel. Retrata os palestinos como "irracionais, bárbaros e inherentemente violentos". Os homens palestinos são os mais frequentemente visados por essa narrativa, enquanto apenas certos grupos — normalmente crianças, mulheres e idosos — são rotulados como "civis inocentes".

Isso cria uma hierarquia de vidas em que a violência colonial contra os chamados "terroristas" é normalizada e justificada, enquanto os ataques a "civis" recebem alguma simpatia ou são descartados como "danos colaterais" inevitáveis. Essas categorizações desumanizantes reforçam a narrativa que Israel usa para legitimar o genocídio, os assassinatos em massa e a expropriação sistemática.

"Ah, vocês são os que estão bombardeando os israelenses..." Essa é a frase que mais ouço quando estou com alguém que nunca esteve na região ou não sabe muito sobre o assunto. Eles consideram os palestinos como terroristas. Isso é muito perigoso para mim, porque você tira a

humanidade dos palestinos. Significa que não importa o que aconteça a essa pessoa — ela não é humana. E isso é realmente assustador.”

Entrevista de pesquisa, jornalista palestino

*Leia mais em nossa metodologia de pesquisa [aqui](#)

Justificando a agressão colonialista de Israel como “autodefesa”

Os ocupantes coloniais, incluindo Israel, há muito reivindicam o “direito” de se defenderem da resistência dos povos colonizados, muitas vezes rotulando-a de “contraterrorismo”, mesmo quando cometem genocídio. Ao adotar a narrativa de que a violência colonialista é aceitável, necessária e legítima para a segurança de Israel, a mídia internacional e a classe política validam as agressões contínuas e a opressão colonialista de Israel, em vez de reportar de forma ética e adotar ações concretas para impedi-las.

Gaza é um importante microcosmo desse fenômeno. Em vez de ser reconhecido como um dos locais mais densamente povoados do mundo — onde mais de dois milhões de palestinos, a maioria dos quais refugiados e com menos de 30 anos, foram colonizados durante oito décadas e sitiados durante quase duas décadas —, é constantemente apresentado como um centro de “terrorismo” e uma ameaça à segurança que deve ser contida. Essa abordagem convenientemente obscurece as agressões militares contínuas e sistemáticas contra o pequeno enclave, incluindo bombardeios periódicos em grande escala, assassinatos em massa, destruição de casas, escolas, hospitais e infraestrutura, bem como o profundo trauma psicológico infligido à sua população. Essa narrativa se alinha perfeitamente com as repetidas afirmações dos aliados ocidentais do chamado “direito de Israel de se defender”.

Reprimindo os palestinos e criminalizando a solidariedade

As implicações mais amplas da adoção da narrativa “terrorista” são assustadoras, resultando em ameaças diretas contra os palestinos e seus aliados, incluindo sanções, processos criminais, vigilância, fechamento forçado de grupos da sociedade civil, restrições de viagem, demissões, deportações, estigmatização e isolamento financeiro e político. A cumplicidade da mídia na disseminação da desinformação israelense, ao mesmo tempo em que suprime as narrativas palestinas, também

reforçou os crimes de ódio contra palestinos, árabes e muçulmanos.

*Saiba mais sobre a repressão à incidência palestina [nessa seção](#).

Tratando a violência israelense como algo pontual

Associar a resistência palestina ao “terrorismo” na consciência internacional reforça ainda mais a ideia de que os palestinos são “terroristas”, em contraste com um punhado de indivíduos que buscam a paz. Comparativamente, os colonos israelenses que vivem em terras roubadas e cometem ataques coloniais diários contra os palestinos são simplesmente referidos como um punhado de “extremistas” pela grande mídia e pela classe política. Essa noção de extremismo é falha: ela implica que a maioria dos israelenses reconhece os palestinos e seus direitos, e que apenas uma minoria apoia a limpeza étnica da Palestina. De fato, 73% dos israelenses entrevistados em março e abril de 2024 [acreditam](#) que a guerra genocida de Israel em Gaza, que até então havia ceifado a vida de mais de 32.000 palestinos, incluindo mais de 14.000 crianças, é “certa” ou “não foi longe o suficiente”.

Como combater?

Rejeite completamente a narrativa “terrorista”

Nenhuma comunicação deve empregar a narrativa “terrorista” que tem sido explorada pelas potências imperiais para encobrir suas agressões. Reconheça que essa narrativa está enraizada em percepções racistas e orientalistas que retratam os povos oprimidos, particularmente muçulmanos e árabes, como “inerentemente violentos”.

Contextualize: Mostre as causas fundamentais

Conforme indicado na narrativa dos Dois-ladismos, a contextualização é uma prática fundamental ao comunicar sobre qualquer aspecto do colonialismo, injustiça social e opressão sistêmica, inclusive na Palestina. A contextualização não é uma mera recomendação a este respeito: sem delinear as estruturas do colonialismo, do apartheid, da ocupação e do bloqueio que negam os direitos das pessoas como as razões da resistência palestina, reforça-se a imagem dos palestinos como um povo irracional e revoltado. É imperativo contextualizar as causas da raiva palestina e o motivo da resistência.

*Saiba mais sobre contextualização [nessa seção](#)

Exponha a assimetria de poder

Igualmente importante é desmontar o mito do poder simétrico. Um dos lados possui armas nucleares, vasta capacidade militar, cobertura diplomática total e recebe amplo apoio financeiro e militar de aliados poderosos. O outro é um povo colonizado, sitiado e ocupado, privado de terras, recursos e direitos básicos, e muitas vezes deslegitimado internacionalmente. Esse desequilíbrio é precisamente o que sustenta o enquadramento “terrorista”, obscurecendo a dominação estrutural e apresentando os povos oprimidos como agressores.

Mostre a realidade violenta em suas múltiplas facetas

A contextualização não se resume a explicar os sistemas por trás da opressão; trata-se também de descrever a experiência vivida pelos palestinos nessa realidade. Uma criança nascida como refugiada, crescendo sob ataques militares e massacres diários, testemunhando familiares, vizinhos e amigos sendo mortos, presos e punidos coletivamente por Israel em um sistema internacional onde Israel goza de total impunidade. Este é o solo onde cresce a resistência digna. É a recusa em permitir que a opressão passe sem contestação, a insistência em que a dignidade e a justiça não serão abandonadas. Contextualizar significa tornar visível que essa resistência não é simplesmente reacionária — é a determinação de garantir que as futuras gerações sejam criadas com dignidade em uma Palestina livre.

“Quando nos revoltamos, não é por uma cultura específica. Nós nos revoltamos simplesmente porque, por muitas razões, não conseguimos mais respirar”.

Frantz Fanon, ‘The Wretched of the Earth’ (Os Condenados da Terra)



Yara Hawari desconstrói a narrativa “terrorista” em uma entrevista à BBC.

Fonte: [Twitter de Yara Hawari](#)

Contrarie a falácia da “autodefesa” imposta pelo colonizador

Contrarie a falácia de que um colonizador e ocupante tem o direito de brutalizar, torturar e assassinar aqueles cujas terras rouba sob o pretexto de “autodefesa”.

Tais alegações não só são moralmente indefensáveis, como também carecem de fundamento jurídico ao abrigo do direito internacional. A Carta das Nações Unidas [estipula](#) que uma potência ocupante não tem o direito de se defender contra o povo que ocupa.

Destaque o direito dos colonizados à resistência

São os povos sob domínio colonial que detêm o direito à autodeterminação — o direito de decidir livremente seu futuro político, buscar a independência e a soberania e promover seu desenvolvimento econômico, social e cultural. Este é um direito inalienável e fundamental, essencial para o gozo de todos os outros direitos.

Várias resoluções da ONU enfatizaram a legitimidade da resistência na busca pelo

direito dos povos à autodeterminação. A resolução 3070 da UNGA de 1973 [reconheceu](#) “a legitimidade da luta dos povos pela libertação do domínio colonialista e estrangeiro e da subjugação alienígena por todos os meios disponíveis, incluindo a luta armada”, ao mesmo tempo que reafirma especificamente o direito do povo palestino à autodeterminação.

Além disso, o Protocolo Adicional I à Convenção de Genebra, o principal tratado que regula os conflitos armados, [declara](#) o direito dos povos de lutar contra a dominação colonialista e a ocupação estrangeira, bem como contra regimes racistas, em busca do seu direito à autodeterminação.

Não tenha receio de falar sobre quem luta pela liberdade

É essencial confrontar e desmantelar as hierarquias que determinam quais vidas são consideradas valiosas e quais resistências são criminalizadas. Não são apenas as mulheres, as crianças, os médicos ou os jornalistas que merecem justiça e solidariedade, mas também aqueles que pegam em armas para defender o seu povo. Os combatentes pela liberdade palestinos são parte integrante de um povo que resiste a um projeto colonial. A sua luta é política, coletiva e enraizada na busca pela dignidade, justiça e libertação. Honrar todas as vidas palestinas — incluindo aquelas que lutam — afirma que a luta pela autodeterminação não é apenas legítima, mas uma expressão profundamente humana de resistência à opressão.

“Em todos os países do Sul Global, você tem a mesma experiência de pessoas lutando para conquistar independência e autodeterminação. E eles não usaram balões para fazer isso. Eles usaram muitos tipos diferentes de táticas. Isso é algo importante a ser registrado. Portanto, não é algo de que devamos nos envergonhar só porque Israel consegue manchar isso como terrorismo. Precisamos reagir.”

Entrevista de pesquisa, especialista em política

*Leia mais em nossa metodologia de pesquisa [aqui](#)

Destaque a repressão israelense a todas as formas de resistência

Destaque todas as formas de resistência dos palestinos ao longo do último século diante de um projeto colonialista implacável, em vez de reportar e comunicar predominantemente apenas quando há envolvimento de luta armada. Isso inclui protestos, greves, organização política, trabalho jurídico e de incidência, boicotes,

trabalho na terra e construção de comunidades; tudo isso tem sido criminalizado, reprimido ou difamado como “terrorista” ou “antisemita”.



Em entrevista à ABC, Noura Erakat desconstrói a questão: “Onde estão os palestinos pacíficos?”

Fonte: [ABC News](#)

Revele histórias palestinas e dados sobre a repressão israelense

Mostre dados que evidenciem a extensão da repressão israelense, incluindo assassinatos, ferimentos, prisões, tortura e políticas punitivas, ao mesmo tempo em que amplifica histórias pessoais de palestinos que resistiram à ocupação em primeira mão. Use essas narrativas para destacar a natureza da luta palestina e demonstrar a necessidade de sua resistência.

Centralize a natureza política e anticolonialista da luta

Além disso, em conformidade com as recomendações para combater [a narrativa de “conflito religioso”](#), nenhuma comunicação deve essencializar a situação como sendo entre grupos religiosos ou etnias; mas sim como uma questão de valores e motivações políticas que têm pontos em comum com outros movimentos e lutas anticolonialistas, antiapartheid e pela justiça social.

Proteja-se contra campanhas de deslegitimação e difamação

As autoridades israelenses e os grupos de pressão sionistas trabalham ativamente para deslegitimar todas as formas de resistência e solidariedade palestinas através da criminalização institucional ou difamando as pessoas como “terroristas”, “ilegais”, “extremistas” ou “antisemitas”. A intenção é clara: suprimir qualquer espaço que exija responsabilização pelos crimes israelenses e defenda os direitos e a justiça do povo palestino.

É fundamental resistir a esses ataques e evitar reproduzi-los. Os governos devem pôr fim às deslegitimações, deportações, restrições de viagem e outras formas de repressão motivadas por razões políticas. Os financiadores não devem retirar o apoio com base em campanhas difamatórias, e os meios de comunicação devem resistir à repetição de narrativas que deslegitimam os palestinos e seus aliados. As universidades, instituições culturais e empregadores também devem rejeitar os esforços para silenciar ou punir aqueles que defendem os direitos dos palestinos.

*Saiba mais sobre como enfrentar a repressão [nessa seção](#)

Rejeição da Paz

Qual é a Narrativa	Por que é prejudicial?	Como combater?
--------------------	------------------------	----------------

Qual é a Narrativa?

Em todos os contextos opressivos, as potências coloniais e imperiais tentam justificar sua opressão retratando a resistência, a recusa e a rebeldia dos oprimidos como “irracionais, violentas, incivilizadas e inherentemente contrárias à paz”.

Na Palestina, essa narrativa tem sido, há muito tempo, central para a propaganda sionista, a fim de justificar o projeto colonial, retratando os palestinos como rejeitando ofertas supostamente generosas de “modernidade e paz”. Esse discurso racista tem sido usado desde o período colonial britânico, quando os palestinos rejeitaram a Declaração de Balfour de 1917, a partição da Palestina no plano da

Comissão Peel da Liga das Nações de 1937 e o plano da ONU de 1947.

A narrativa sionista de “rejeição” retratou os palestinos e os árabes como opositores da “paz” e das negociações, bem como “inerentemente violentos e odiosos”, enquanto Israel realizou uma limpeza étnica da maioria do povo palestino durante a Nakba de 1948 e, posteriormente, expandiu sua ocupação para o restante da Palestina em 1967, juntamente com outros territórios árabes.

Uma síntese importante desse discurso é uma citação racista, escrita em 1973 pelo então ministro das Relações Exteriores Abba Eban, de que “os árabes nunca perdem uma oportunidade de perder uma oportunidade”. Variações desse clichê têm persistido por meio de retratos imprecisos ou descontextualizados de “negociações de paz” fracassadas.

Ao mesmo tempo, os palestinos foram moldados pelos “Acordos de Paz de Oslo”, uma série de acordos assinados no início da década de 1990 entre a OLP e o governo israelense, que resultaram em um “processo de paz” prolongado e permanentemente fracassado. Embora a porcentagem de jornalistas, repórteres, analistas e diplomatas que leram os acordos de Oslo não tenha sido medida para este estudo, as respostas dos nossos grupos focais indicam que poucos internacionais reconhecem ou têm conhecimento dos seus detalhes e falhas. Apesar disso, muitos continuam a promover o quadro das “negociações de paz” como um caminho viável para o futuro, mesmo com as novas gerações de palestinos, moldadas pelas consequências de Oslo, cada vez mais rejeitam esse paradigma. Isso apenas reforçou ainda mais a narrativa de que os palestinos são negacionistas, apresentando sua oposição aos processos fracassados como hostilidade em relação aos seus chamados “vizinhos israelenses”.

Este discurso de rejeição persiste nas instituições políticas e midiáticas tradicionais, independentemente dos crimes cometidos pelo regime colonial, como fica evidente no genocídio em curso; o Hamas é agora apresentado como o rejeitador dos acordos de cessar-fogo.



Mohammed El-Kurd usa sátira para desconstruir a questão: “Por que os palestinos
não querem a paz?””

Fonte: [Mondoweiss](#)

Por que é prejudicial?

Reforçando o racismo anti-palestino

A ideia de que os palestinos rejeitam sistematicamente a “paz” é intrinsecamente racista. Isso os desumaniza, retratando sua rebeldia como irracional, radical e contrária à generosidade. Ao retirar o contexto da sua recusa, nega-se a legitimidade da sua luta pela justiça, liberdade e direitos.

Removendo o contexto e criando falsas equivalências

O discurso apaga a natureza colonialista do regime israelense e a dinâmica de poder assimétrica entre os colonizados e os colonizadores, em consonância com a narrativa do [“conflito bilateral”](#).

Dentro dessa descontextualização e falsa equivalência, as negociações são defendidas como o caminho para a “paz”, mesmo quando são fundamentalmente falhas. Em vez de desmantelar os sistemas de opressão e garantir a responsabilização, os direitos e as reparações, espera-se que os oprimidos aceitem compromissos que

mantêm a injustiça e o controle colonial.

Ocultando a realidade das “negociações de paz”

Este discurso ignora como esses acordos e negociações serviram para dividir e fragmentar a terra e seu povo, normalizar a transferência de terras palestinas para colonos europeus e continuar a negar aos palestinos seu direito à autodeterminação e soberania sobre suas terras.

Ocultando a má-fé de Israel

A narrativa omite a má-fé de Israel na implementação das “negociações de paz”. Repetidamente, quando os palestinos concordaram com negociações, Israel não só as violou, como também aproveitou a oportunidade para aprofundar a sua colonização, obstruindo qualquer caminho significativo para uma paz justa.

Isso é evidente na continuação e expansão da colonização após os Acordos de Oslo; e nas repetidas violações por parte de Israel dos acordos de cessar-fogo com o Hamas e o Líbano durante o genocídio em curso.

Privando os palestinos de sua autonomia

Esses clichés privam os palestinos de sua autonomia, retratando-os como incompetentes, incapazes de construir sistemas socioeconômicos e fazer escolhas políticas que supostamente seriam boas para eles. Em última análise, isso deslegitima todas as formas de resistência palestina, ao esperar submissão e concessões diante da opressão contínua.

Culpando as vítimas

Essa narrativa serve como uma ferramenta para culpar as vítimas. Pinta os palestinos como responsáveis pela opressão e violência exercidas contra eles, ao mesmo tempo em que obscurece a recusa sistemática de Israel a qualquer acordo que proteja os direitos dos palestinos e sua má-fé inerente na implementação de tais acordos.



“

The swift and widespread deployment of this trope immediately following October 7th was remarkable.

By repeatedly peddling the false connection between the myth of Palestinian rejectionism, the rise of ‘extremism,’ and the current assault on Gaza, blame is implicitly—or at times, explicitly—placed on Palestinians themselves for the genocide being waged against them.



Leia o artigo completo de Fathi Nimer em Al-Shabaka: O clichê persistente e racista do rejeicionismo palestino, [aqui](#)

Benevolência performática

Israel domina a tática da benevolência do opressor; depois de roubar terras, ocupar, desapropriar, bombardear e cometer genocídio, eles realizam gestos simbólicos enquadrados como generosidade e boa fé.

Exemplos incluem:

- Retratar a distribuição militarizada de alimentos como a única solução após cometer genocídio, provocar fome e deslegitimar e bloquear a ajuda humanitária e da ONU.
- Conceder autorizações de mobilidade aos palestinos através dos postos de controle, em vez de permitir que se desloquem livremente em seu território, e pôr fim ao bloqueio e à ocupação.
- Tratar crianças palestinas em hospitais israelenses depois de matar mais de 18.000 crianças em menos de dois anos, ferir centenas de milhares, destruir o sistema de saúde palestino e assassinar profissionais de saúde.

Israel apresenta-se como racional e agindo de boa-fé, enquanto os palestinos que

enfrentam essa hipocrisia e manipulação psicológica são retratados como eternos reclamantes.

Como combater?

Contextualize a oposição palestina

Para combater a narrativa racista “negacionista”, é fundamental contextualizar a oposição e a resistência palestinas. Isso requer um aprofundamento no projeto histórico e contínuo de colonização sionista na Palestina, caracterizado pelo roubo de terras e recursos naturais, negação do direito de retorno dos refugiados, incursões militares, bloqueios, punições coletivas, encarceramento em massa e opressão diária.

Denuncie a desinformação

Ao comunicar sobre as negociações políticas, é preciso ser sincero e preciso sobre o que as chamadas “propostas de paz” ou “acordos” de Israel e seus aliados pretendem criar, para além da desinformação israelense.

Reconheça e exponha a benevolência performática

Não alimente as táticas de propaganda israelenses, que existem para evitar a responsabilização, fazendo gestos aparentemente positivos, mas que ainda estão aquém de suas obrigações mínimas de pôr fim à violência e aos crimes brutais. Lembre-se e mostre que tais atos são atos de poder e dominação, não de graça ou bondade.

Centralizando a autonomia palestina

A autonomia palestina deve ser priorizada; eles não devem ser vistos como sujeitos passivos a quem simplesmente se “oferece” um acordo. Como principais afetados, os palestinos são os que devem definir os planos e determinar o que é necessário.

Reconheça a má-fé israelense

Qualquer comunicação deve mostrar que, quando os palestinos se envolvem em qualquer forma de negociação — desde cessar-fogo até medidas econômicas —, a assimetria e a má-fé são tão marcantes que os direitos, as terras e os recursos

palestinos continuam a ser roubados e corroídos, enquanto, ao mesmo tempo, lhes é pedido que façam mais concessões.

Rejeite a moderação em detrimento do radicalismo

Não se deve cair na armadilha de opor o radicalismo a uma suposta abordagem “moderada” que promove acordos injustos e desleais que apenas favorecem a continuação do domínio colonial. A moderação muitas vezes equivale a permanecer no status quo — mantendo sistemas de violência sob o pretexto da civilidade. Em “Let This Radicalise You” (Deixe isso radicalizar você), Hayes e Kaba argumentam que o que o Estado rotula como “pacífico” é frequentemente a supressão de uma violência estrutural mais profunda.

Desafiar a opressão requer a disposição de ir além dessas fronteiras — ser radical, arrancar as raízes da injustiça, em vez de mantê-las por meio da aquiescência educada. A paz genuína exige responsabilização, reparações e a plena realização dos direitos palestinos.

Estereotipando

Qual é a Narrativa	Por que é prejudicial?	Como combater?
--------------------	------------------------	----------------

Qual é a Narrativa?

Uma das formas mais comuns de enquadramento problemático do povo palestino é a tendência de retratá-lo de maneira unidimensional. Essas representações reducionistas frequentemente retratam os palestinos apenas como vítimas, combatentes, violentos, inflexíveis e/ou heróis. Embora algumas dessas representações possam partir de boas intenções e não sejam necessariamente falsas ou negativas, elas podem contribuir para narrativas desumanizantes e excludentes quando adotadas como único enquadramento.

As pessoas que se comunicam podem empregar mais de uma representação simultaneamente; no entanto, nossa pesquisa indica que alguns setores comunicam narrativas unidimensionais com mais frequência do que outros.

“Não acho que uma imagem seja suficiente para mostrar às pessoas o que é a Palestina. As narrativas são um conjunto de imagens, um conjunto de percepções, um conjunto de fatos e, quando colocadas em um determinado contexto, podem reforçar uma narrativa prejudicial ou fazer exatamente o oposto. É como um quebra-cabeça que você ensina a uma criança pequena: juntar peças diferentes para formar a imagem completa. E acho que é exatamente disso que se tratam as narrativas, é disso que se tratam as histórias.”

Participante da Discussão de Grupo Focal, Ramallah

*Leia mais em nossa metodologia de pesquisa [aqui](#)

Os Violentos

Na mídia convencional e no discurso político, os palestinos são frequentemente retratados como “inerentemente violentos”, raivosos e, na pior das hipóteses, “terroristas”. Essa narrativa é reforçada por um foco deliberado nos momentos de resistência palestina — particularmente durante protestos e lutas armadas — e pela representação exagerada dos homens palestinos, normalmente retratados em grandes multidões sem rosto, usando *kuffiyahs*, jogando pedras ou queimando pneus.

Simultaneamente, essa abordagem se concentra nos chamados momentos de violência intensificada e escaladas, como incursões militares e assassinatos, ignorando tanto as causas profundas quanto o fato de que a vida cotidiana sob o colonialismo israelense é inherentemente violenta para os palestinos.



The Listening Post, “O Árabe Irritado”

Fonte: [Al Jazeera em Inglês](#)

“As imagens utilizadas para nos representar apenas diminuem ainda mais a nossa realidade. Para a maioria das pessoas, os palestinos são vistos principalmente como combatentes, terroristas ou párias sem lei. Diga a palavra

“terror” e um homem usando uma kaffiyah e máscara, carregando uma Kalashnikov, imediatamente surge diante dos olhos. Em certa medida, a imagem de um refugiado indefeso e com aparência miserável foi substituída por esta imagem ameaçadora como o verdadeiro ícone da “Palestina”.

Edward Said, ‘After the Last Sky’ (Após o último céu)

A Vítima Passiva

Outra narrativa simplista e prejudicial é a representação dos palestinos como vítimas passivas. Essa narrativa enfatiza o sofrimento palestino, ignorando em grande parte suas causas fundamentais: Colonização, ocupação e apartheid israelenses. Ao mesmo tempo, marginaliza a resistência palestina e o *sumoud* (determinação, firmeza, perseverança), reduzindo a luta a uma situação de impotência e privando os palestinos de sua autonomia política e dignidade.

Nesse contexto, certos palestinos são super-representados — aqueles que se encaixam no molde da “vítima ideal” de acordo com padrões etnocêntricos: indivíduos percebidos como inocentes, apolíticos, indulgentes e distantes da raiva ou da resistência. Nessa lógica colonial, muitas vezes são as mulheres, as crianças, os idosos e as pessoas com deficiência. Suas histórias são frequentemente reduzidas a relatos pessoais de dor, desprovidos de narrativas políticas ou autonomia.

*Saiba mais sobre a narrativa da “Vítima Ideal” [nessa seção](#)

“Na maioria dos casos, nós, palestinos, somos representados como vítimas. Somos vítimas da opressão colonialista e assim por diante, mas, ao mesmo tempo, não somos apenas vítimas. Nossa presença no terreno faz parte da luta. Portanto, estamos sendo alvo porque estamos enraizados aqui e lutamos contra o desenraizamento do povo palestino.”

Entrevista de pesquisa, especialista jurídico.

*Leia mais sobre nossa metodologia de pesquisa [aqui](#)

O Herói

Embora as representações simplistas dos palestinos como violentos ou vítimas sejam muitas vezes deliberadas e institucionais, representações igualmente reducionistas existem frequentemente nos espaços palestinos e de solidariedade, apesar das boas intenções. Nesses espaços, os palestinos são frequentemente romantizados e retratados como figuras heróicas lendárias de resistência e *sumoud* (determinação, firmeza, perseverança). Nessa narrativa, os palestinos são glorificados como símbolos eternos de resistência, capazes de suportar e resistir a qualquer opressão que lhes seja imposta.

Por que é prejudicial?

Ocultando a diversidade e a complexidade palestinas

Narrativas simplificadas demais não conseguem captar a diversidade e a complexidade das identidades e experiências palestinas, onde o sofrimento e a resistência se cruzam. Além disso, confiar nessas narrativas simplificadas demais reforça entendimentos e reações prejudiciais à causa palestina — desde a demonização e o medo até a piedade, a idolatria e a romantização. Em todas essas representações, os palestinos são confinados a estereótipos redutores, que servem para promover ainda mais sua desumanização.

Romantizando o *sumoud* e entorpecendo o público quanto ao sofrimento palestino

As representações romantizadas que retratam os palestinos exclusivamente como heróis ou símbolos de *sumoud* (determinação, firmeza, perseverança) apresentam várias armadilhas:

- Essas narrativas retratam os palestinos como criaturas míticas capazes de resistir e suportar horrores indescritíveis, colocando expectativas irreais sobre eles para que demonstrem força enquanto sofrem.
- Eles retratam a resistência e a determinação como uma escolha voluntária, em vez da realidade forçada de viver sob opressão constante.
- Isso minimiza a gravidade da opressão colonial e o sofrimento subsequente, bem como o trauma intergeracional infligido por um regime colonial com mais de um século de existência.
- Essas representações idealizam formas pacíficas de resistência, elevando figuras como médicos e jornalistas palestinos como símbolos de bravura no

Ocidente, enquanto a resistência armada raramente recebe o mesmo reconhecimento.

- Na prática, essa narrativa corre o risco de criar uma sensação de indiferença em relação ao sofrimento palestino, diminuindo a urgência de enfrentar a realidade colonial e agir em solidariedade.

*Saiba mais sobre apatia [nessa seção](#)

“Quando nossas vidas, resistência e luta são enquadradas em termos míticos, isso não apenas obscurece nossa humanidade, mas também diminui a depravação do controle de Israel sobre milhões de vidas palestinas. O discurso do sumoud nos preparou para o fracasso a cada passo. Por um lado, isso pressupõe que os palestinos podem suportar qualquer coisa. Por outro lado, permeia a suposição implícita de que os palestinos merecem ser livres porque somos bons, corajosos, não violentos e firmes.”

Susan Abulhawa, ‘[Como a esquerda também desumaniza os palestinos em Gaza](#)’



PALESTINE “DEATH OVER INDIGNITY”

Mohammed El-Kurd sobre os riscos da narrativa resiliente

Fonte: [Al Jazeera em Inglês](#)

Promovendo a pena em vez da solidariedade

Vitimizar os palestinos, focar no sofrimento e deixar de lado a resistência, prejudica a dignidade palestina e diminui sua capacidade política. Isso promove a piedade e limita as ações à caridade, em vez de uma solidariedade genuína enraizada no desejo de mudança política. A vitimização constante também pode levar à apatia e à fadiga da compaixão, mesmo entre públicos bem-intencionados.

Saiba mais sobre apatia [nessa seção](#).

“Quero ser representado como um ser humano, em condições realmente infelizes. Não quero que os europeus ou internacionais sintam pena. Não é esse o sentimento que quero que eles compartilhem comigo. Quero sentir solidariedade. E isso é diferente de pena. Solidariedade é acreditar em uma causa justa e agir em prol dela. É isso que eu quero dos internacionais.”

Entrevista de pesquisa, Analista político

Leia mais em nossa metodologia de pesquisa [aqui](#)

Demonizando os homens palestinos

As representações que reduzem os palestinos — especialmente os homens — a multidões violentas e furiosas ignoram a realidade de que esses homens são compassivos, amorosos e afetados pelo sofrimento que enfrentam. Os homens palestinos são retratados como “inerentemente violentos”, através de representações descontextualizadas das chamadas escaladas que ocultam as causas profundas da violência israelense e o espectro mais amplo da resistência palestina — como incidência, desobediência civil, boicotes e esforços legais. Essas representações deixam o público com uma sensação de medo e alienação, que é então usada para justificar mais violência israelense. Isso reforça os clichés orientalistas do homem árabe “terrorista”, raivoso e irracional, desumanizando-os e demonizando-os ainda mais.

A história de Khalid al-Nabhan, um avô palestino que perdeu sua neta Reem no genocídio perpetrado por Israel em Gaza e que mais tarde também foi assassinado, é um exemplo poderoso que destruiu os estereótipos racistas e reducionistas. Para muitos espectadores moldados por um discurso tendencioso, foi impressionante ver um palestino — vestido com roupas tradicionais, um turbante e uma longa barba — segurando ternamente sua netinha, chamando-a de “a alma da minha alma” e chorando enquanto segurava seus brincos. A surpresa que essa história provocou ressalta uma realidade preocupante: o público está condicionado a ver os homens palestinos, e os árabes e muçulmanos de maneira mais geral, através de lentes orientalistas de “terrorismo”, raiva e violência, desprovidos de emoção, ternura e humanidade.



Lara Elborno aborda a desumanização dos homens palestinos

Fonte: [Double Down News](#)

Como combater?

Mostre a diversidade e defenda as nuances

Para se libertar de estereótipos simplistas, a comunicação deve incorporar uma diversidade de vozes, opiniões e perspectivas palestinas. A representação em termos de religião, gênero, idade, normas culturais, geografia e antecedentes é essencial para uma descrição precisa e matizada da identidade e da sociedade palestinas.

É particularmente importante parar de demonizar os homens, mostrando-os em toda a sua humanidade, assim como é igualmente vital evitar apagar a autonomia política das mulheres, retratando-as como vítimas passivas.

Narrativas poderosas sobre a Palestina surgem quando as representações estereotipadas são desafiadas e os ângulos sub-representados são destacados. Um palestino não é apenas a pessoa baleada em um protesto, ou aquela que atira pedras, ou o jovem profissional de uma startup de tecnologia, ou uma mãe que chora a morte de seu filho mártir, ou o refugiado que resiste a uma incursão militar, ou um jovem que dança techno em Ramallah. Os palestinos são tudo isso e muito mais — um acúmulo de experiências diversas, lutas e atos de resistência. Para comunicar a

Palestina de forma autêntica, devemos evitar tratar essas decepções como mutuamente exclusivas, mas sim como parte integrante da compreensão de todo o espectro das realidades palestinas.

Exemplos de boas práticas

Ao cobrir as dificuldades de uma família rural palestina cuja tenda foi demolida pelas forças de ocupação israelenses, você pode comunicar a resistência, a rebeldia e a criatividade na manutenção de sua presença, apesar das políticas de expropriação de Israel, e também contar as histórias do sofrimento da família.

Da mesma forma, entreviste um jovem palestino sobre seu papel como marido e pai, bem como protagonista de protestos ou lutas armadas.

Somente capturando essa diversidade podemos comunicar sobre a Palestina de maneira verdadeira.

Mostre a opressão estrutural e a violência cotidiana

A caracterização dos palestinos como “violentos” muitas vezes provém de retratos descontextualizados das chamadas escaladas que ocultam as causas profundas da opressão israelense e da violência cotidiana, bem como o espectro mais amplo da resistência palestina — como incidência, desobediência civil, boicotes e esforços legais.

Para se libertar desses estereótipos, é importante mostrar a opressão estrutural, incluindo o colonialismo, o genocídio e a ocupação, ao mesmo tempo em que se conecta esses sistemas às suas manifestações cotidianas.

A violência colonial não deve ser destacada apenas quando aparece de forma visível e brutal, como assassinatos, tortura e demolições; ela também deve incluir políticas menos aparentes, mas destrutivas, que fragmentam famílias, corroem laços comunitários, impõem traumas geracionais e sufocam o desenvolvimento econômico. Capturar todo esse espectro é essencial para desafiar as representações estereotipadas da experiência palestina.

Coloque as histórias palestinas cuidadosamente no centro da narrativa

Embora seja importante focar na opressão estrutural e na violência cotidiana, é igualmente importante dar destaque às histórias pessoais. As narrativas mais fortes equilibram a experiência vivida com a injustiça sistêmica e a luta coletiva. Enfatizar demais as histórias corre o risco de reduzir essas lutas a anedotas isoladas e despolitizadas, enquanto enfatizar demais as estruturas corre o risco de apagar o elemento humano, transformando os palestinos em estatísticas e abstrações.

No entanto, as histórias não devem se tornar exigências para que os palestinos expressem sua dor a fim de serem ouvidos ou acreditados, nem devem ser reduzidas a ferramentas para suscitar simpatia. Essas exigências transferem o ônus para os palestinos de provar sua humanidade, muitas vezes retraumatizando aqueles que compartilham, enquanto permitem que o público — que geralmente detém mais poder e privilégios — permaneça emocionalmente envolvido sem ser politicamente responsável.

Centrar as histórias palestinas significa honrar se, quando e como alguém decide compartilhar. As histórias podem expressar perda e dor, mas também podem falar de vontade, esperança, amor, resistência, raiva e recusa. O papel da narrativa não é provar a humanidade, convencer os céticos ou criar identificação, mas inspirar ações coletivas — levando as pessoas da simpatia à solidariedade, da apatia ao envolvimento e das condenações vazias à responsabilidade concreta.

“Em Riwaq, não mostramos apenas fotos da casa em si, porque o importante são as pessoas que vivem nela. Nós realmente tentamos destacar as histórias dos jovens e das mulheres que estão usando essas moradias destruídas, em vez de apenas mostrar como as restauramos... Acho que, no caso da Palestina em geral, precisamos ser equilibrados e mostrar também histórias da vida cotidiana... mas também histórias de destruição, ocupação e prisioneiros.

Discussão do grupo focal, Ramallah

**Leia mais em nossa metodologia de pesquisa aqui*

Enfatize a resistência, não o vitimismo

As comunicações não devem se limitar a destacar as injustiças, mas devem enfatizar as inúmeras formas pelas quais os palestinos resistem ativamente. Os participantes da nossa pesquisa expressaram preferência por representações que enfatizam a

resistência e o sumoud em vez de retratos de sofrimento e vitimização.

Ao mesmo tempo, esteja atento à linha tênue entre destacar a resistência e a determinação e produzir narrativas simplificadas demais que heroizam e glorificam os palestinos.

Não romantize o povo palestino

Não há dúvida de que muitos palestinos encarnam o heroísmo através da sua coragem em resistir à opressão israelense. No entanto, o perigo reside em romantizar essas pessoas e sua sociedade — pintando um quadro ideal e otimista de suas experiências e suavizando a brutalidade da opressão que sofrem.

Ao destacar a determinação palestina, é fundamental mostrar os custos e os traumas por trás dela, em vez de retratá-la como uma característica opcional ou fácil. Destaque como os palestinos podem demonstrar força e, ao mesmo tempo, sentir-se vulneráveis.

Também é fundamental reconhecer a coragem de todas as formas de resistência, não apenas aquelas que se encaixam no perfil da “vítima ideal”. Todos os palestinos — sejam eles os que lutam pela liberdade, médicos, jornalistas, ativistas ou pessoas que lutam diariamente pela sobrevivência sem reconhecimento — merecem dignidade e justiça.

Ao mesmo tempo, reconheça a diversidade das experiências e identidades palestinas. Como qualquer outro povo, os palestinos apresentam uma série de qualidades, tanto positivas quanto negativas. Não tenha receio de reconhecer suas falhas e reconheça que mesmo o palestino mais imperfeito merece liberdade.

Ao amplificar narrativas que vão além do heroísmo, promovemos uma empatia mais profunda pelo sofrimento palestino e cultivamos um maior senso de urgência para mobilizar esforços com o objetivo de acabar com a opressão contínua perpetrada pelo regime colonialista.

A Vítima Ideal

Qual é a Narrativa	Por que é prejudicial?	Como combater?
--------------------	------------------------	----------------

Qual é a Narrativa?

O clichê da “vítima ideal” existe para todas as pessoas oprimidas. Isso sugere que certos pré-requisitos devem ser cumpridos para que as pessoas racializadas obtenham simpatia, representatividade e justiça. Para serem “humanizados”, eles devem ser higienizados e apresentados como identificáveis e agradáveis ao público ocidental.

Por exemplo, uma vítima negra de brutalidade policial é defendida ao ser retratada em termos angelicais, destacando sua sobriedade, não violência e personalidade gentil; sugerindo que somente se a vítima incorporar essas qualidades e valores é que ela será digna de vida e justiça.

Essa narrativa é evidente no caso palestino. Para receber atenção e simpatia, espera-se que os palestinos sejam gentis, educados, indulgentes, pacíficos — desprovidos de raiva e aspirações nacionalistas — mesmo enquanto suportam a opressão colonial. Espera-se que eles destaquem estilos de vida progressistas, profissões honrosas, passaportes estrangeiros e aparência ocidental, ao mesmo tempo em que se distanciam das tradições islâmicas ou conservadoras. Nesse contexto, os homens palestinos são especialmente desumanizados, forçados a provar constantemente sua inocência para serem considerados dignos de reconhecimento.



Mohammed El-Kurd sobre a vítima perfeita

Fonte: [TRT World](#)

Essa narrativa prejudicial é perpetuada pelos aparatos de comunicação dominantes, incluindo a mídia, o *establishment* político e as indústrias do entretenimento e da cultura. Tanto os grupos de solidariedade quanto os próprios palestinos internalizaram consciente e inconscientemente essa narrativa, numa tentativa de pressionar por cobertura e justiça.

ESTUDOS DE CASO

- Ahed Tamimi

Ahed é uma jovem ativista palestina da aldeia de Nabi Saleh, na Cisjordânia ocupada, que tem sido alvo de intensos planos de colonização israelense e constantes incursões militares. Um vídeo em que ela esbofeteava um soldado viralizou em 2017 e Ahed Tamimi tornou-se um símbolo internacional da resistência palestina. Ela foi presa e julgada em um tribunal militar, e cumpriu uma pena de oito meses, ainda menor de 18 anos. Seu caso recebeu grande atenção da mídia internacional. Alguns participantes palestinos em nossa pesquisa e comentários palestinos online na época consideraram que a idade, o gênero e a aparência física de Ahed Tamimi (uma jovem loira) foram fatores importantes para o apoio e a conexão que ela recebeu da mídia internacional. O jornalista Ben

Ehrenreich explica esse preconceito em favor da branquitude no caso de Ahed da seguinte forma:

But in addition to Ahed's origins, what makes her particularly distinctive to Israelis and international audiences also has to do with how she looks. "Unavoidably, she is blonde and light-skinned and light-eyed," Ehrenreich, who profiled the Tamimi family in 2012, said. "A great deal of work goes into 'othering' Palestinians, to casting them as some really recognizable other... but when suddenly the kid doesn't fit into those stereotypes—when she actually looks like a European kid or an American kid—then suddenly all that work of dehumanization can't function, and she can't be 'othered' in the same way. And then people freak out."

Leia o artigo completo de Yasmeen Serhan na Atlantic: Um símbolo da resistência palestina na era da Internet, [aqui](#)

- **Shireen Abu Akleh**

Shireen era uma renomada jornalista palestina que foi assassinada pelas forças israelenses enquanto cobria uma invasão militar em Jenin, na Cisjordânia ocupada, em maio de 2022. Para muitos jornalistas, políticos e comentaristas, era importante sublinhar que Shireen era uma mulher, cidadã americana e de fé cristã, a fim de suscitar uma indignação mais generalizada pelo seu assassinato por uma força militar ocupante.

THE PERFECT VICTIMS : FOCUS ON PALESTINIAN CHRISTIANS

We were advised to focus on the Christians of Palestine to attract more attention from the Christian-oriented political streams. We were also told that many politicians are shocked that Christian Palestinians exist. Apparently, wiping entire families off and killing women and children despite their religious backgrounds is not attractive enough.

Last year, the Occupation Forces killed our dear journalist Shireen Abu Akleh. She was Palestinian, Christian, and American citizen. The video of her casket decorated with Jesus's body went viral after it showed the Occupation forces beating her mourners. That case illustrated the ultra-perfect victim and showed the whole world that Christian Palestinians exist and suffer. Still, the absence of accountability has occupied the scene. They know, they see, but they choose to pretend that they don't. Palestinians whether they are Muslims or Christians are subject to the same kind oppression, and anything that is Palestinian is targeted.



*Adnan
Barg*

Fonte: [Instagram de Adnan Barg](#)

- O “palestino progressista”

Em nossa pesquisa, questionamos o enquadramento “palestino progressista” — que pode não parecer imediatamente prejudicial. Usamos uma foto de palestinos tomando uma bebida em um bar na cidade de Ramallah. Para os nossos participantes palestinos residentes na Palestina, estes aspectos da vida palestina estão a ser transformados num espetáculo ou num símbolo para obter a aprovação ocidental. No grupo de discussão realizado na comunidade rural de Khan al Ahmar, os participantes consideraram que a foto havia sido incluída por engano e que, na verdade, havia sido tirada em outro país.



©Olivier Fitoussi. Extraído de [Excellence Center](#)

Por outro lado, outros entrevistados, especificamente os participantes ocidentais, viram essas imagens como uma forma de ajudar o público internacional a se identificar mais facilmente com os palestinos e ter uma visão positiva, além dos estereótipos esperados. Para eles, essa especificidade palestina é vista como uma correção à imagem negativa que algumas pessoas inicialmente têm dos palestinos.

Esse contraste mostra como os internacionais reforçam a narrativa da “vítima ideal”.

Por que é prejudicial?

Reforçando a lógica imperialista

Exigir que os palestinos provem sua humanidade para obter empatia e justiça não é apenas racista e desumanizante — isso reforça os próprios sistemas imperiais que impuseram essas expectativas em primeiro lugar, ao mesmo tempo em que molda a opinião pública e o envolvimento por meio desses mesmos termos desumanizantes.

Criando hierarquias de sofrimento

Imagens, representações e discursos em que certas características são vistas de forma mais positiva (loiro, cristão, consumo de álcool, não violência) sugerem que outros palestinos que não se enquadram nesses estilos de vida, aparências ou valores são menos merecedores da liberdade.

Humanizar os palestinos enfatizando excessivamente quaisquer pontos em comum que possam ter com traços e normas ocidentais, ou condicionar a empatia a essas normas, restringe o escopo de quem é considerado digno de justiça. Isso cria uma hierarquia de sofrimento, na qual os palestinos que não se encaixam nessas expectativas são abandonados. Esses palestinos são, na maioria das vezes, os mais desfavorecidos da sociedade, ou seja: aqueles que são mais diretamente afetados pela colonização israelense e que arcaram com os custos mais pesados por sua resistência.

“Muitas vezes enfatizamos excessivamente a não violência, a profissão nobre, as deficiências de uma pessoa oprimida... Quando dizemos que Shireen Abu Akleh era americana... dizemos que há uma estratégia por trás disso. Isso vai torná-la mais acessível ao público americano... Mas, na verdade, isso apenas reduz o alcance da humanidade para o resto de nós e reforça uma hierarquia de sofrimento. Isso torna o requisito para se tornar “humano” muito mais restrito e difícil de alcançar. E tais práticas... reproduzem a ordem cultural dominante, na qual os palestinos são privados de sua autonomia, de seu direito à autodeterminação e, em última instância, de sua permissão para narrar.”

Mohammed El-Kurd, ‘[O direito de falar por nós mesmos](#)’

Policiano a expressão do sofrimento

Quando os palestinos só são vistos como “humanos” se parecerem calmos, pacíficos ou agradáveis, suas reações naturais à opressão — como raiva ou desejo de vingança — são descartadas como inaceitáveis. Isso restringe a forma como eles podem expressar a dor e resistir à injustiça. Na prática, determina quais emoções são “permitidas” e quais não são, negando aos palestinos toda a gama de respostas humanas à violência e à colonização.

Mudando o foco do opressor para o oprimido

Quando os palestinos são pressionados a se encaixar na imagem de “vítima ideal”, eles são obrigados a provar sua humanidade, enquanto a atenção é desviada da questão real: a violência do opressor e o próprio projeto colonial. O foco deve permanecer nos sistemas de dominação, e não no fato de as vítimas parecerem “perfeitas” o suficiente para merecer empatia.

Como combater?

Denuncie o racismo no enquadramento

O clichê da “vítima ideal” não implica que não se deva mais retratar certas características, valores e práticas palestinas, mas sim que o contexto e as nuances são importantes. A maioria dessas características e práticas continua a ser parte integrante da sociedade palestina.

Os comunicadores devem reconhecer o racismo em ação quando apenas as “vítimas ideais” são consideradas dignas de serem mencionadas.

Rejeite a empatia seletiva: Todos os palestinos merecem liberdade

Rejeite a empatia seletiva e enfatize que todos os palestinos, independentemente da aparência, origem ou valores, merecem representação e cobertura.

As vítimas palestinas não são dignas de luto e representação apenas quando são crianças inocentes, mulheres, idosos, pessoas com deficiência ou quando atendem aos critérios de serem não violentas, educadas ou gentis.

Como qualquer outro povo, os palestinos possuem uma série de qualidades, tanto positivas quanto negativas. Não tenha receio de reconhecer suas falhas e reconheça que mesmo o palestino mais imperfeito merece liberdade.

Dê centralidade à diversidade das realidades palestinas

É imperativo acabar com os estereótipos orientalistas e racistas sobre os palestinos. Em vez disso, os comunicadores devem abordar a diversidade da experiência e identidade palestinas. Aborde sua comunicação sobre os palestinos com o desejo de cobrir a multiplicidade de papéis que eles desempenham na sociedade. Um palestino pode ter um alto nível de instrução, exercer uma profissão nobre, ser pai ou mãe e, ao mesmo tempo, resistir a um poder colonialista. Aqui, as vozes e a ação dos palestinos devem orientar quais aspectos de sua identidade eles desejam destacar.

Evite exotizar a vida palestina

Evite exotizar a vida palestina para o público estrangeiro. Ao se concentrarem em estilos de vida progressistas como prova da “humanidade” palestina, os comunicadores simplificam a complexa realidade da experiência palestina. Em vez de apresentar certos estilos de vida como uma correção aos estereótipos negativos, devemos promover a compreensão dos palestinos como um povo multifacetado, cuja humanidade não depende da conformidade com os ideais ocidentais. Livrar-se da narrativa da “vítima ideal” significa reconhecer todo o espectro da experiência e identidade palestinas, sem impor condições para empatia ou justiça.

Não higienize a resistência

Não hesite em destacar histórias que possam não seguir a não violência ou que envolvam várias formas de resistência nascidas da necessidade e da opressão. Passe o microfone aos que lutam pela liberdade, aos organizadores de protestos, aos advogados ou aos atiradores de pedras, e contextualize suas vidas e escolhas.

Evite internalizar o clichê da “vítima ideal”

Os próprios palestinos devem ter cuidado para não cair na armadilha de provar sua humanidade enfatizando que são “não violentos”, progressistas ou instruídos. Os palestinos não devem se esforçar para serem retratados de forma idealizada e identificável como forma de serem autorizados a falar ou de serem dignos de compaixão.

Engajando

Introdução

[Combatendo a Exclusão](#)

[Resistindo à Repressão](#)

[Contestando a Invalidação](#)

[Combatendo a censura](#)

[Confrontando Abordagens de má-fé](#)

[Recusando Eufemismos](#)

[Rejeitando a Falsa Paridade](#)

[Resistindo à Apatia](#)

[Desafiando a Desinformação](#)

Falar sobre a Palestina ou apresentar a Palestina requer um compromisso com o envolvimento ético com os palestinos. A desumanização, o preconceito e a exclusão resultam não apenas de narrativas e enquadramentos prejudiciais, mas também da maneira como se interage, ou não, com os palestinos. Nesta seção, analisamos práticas comuns encontradas na mídia, na política, no desenvolvimento, em instituições acadêmicas e culturais e em espaços de solidariedade, e fornecemos orientações para um envolvimento digno e responsável.

Essas práticas estão frequentemente interligadas e reforçam-se mutuamente. Assim, algumas das análises e recomendações podem se sobrepor, mas as nuances entre elas têm implicações diferentes.

- | | |
|--|--|
| <ol style="list-style-type: none">1. Combatendo a Exclusão2. Contestando a Ininvalidação3. Confrontando Abordagens de má-fé4. Rejeitando a Falsa Paridade | <ol style="list-style-type: none">5. Desafiando a Desinformação6. Resistindo à Repressão7. Combatendo a censura8. Recusando Eufemismos9. Resistindo à Apatia |
|--|--|

--	--

Combatendo a Exclusão

Explicacão

Os palestinos são frequentemente excluídos dos espaços onde se fala sobre a Palestina, onde ela é destaque ou onde são tomadas decisões a respeito dela.

Setores político e de desenvolvimento

No nível político, é comum que políticos e organizações internacionais elaborem planos e estratégias para a vida e o futuro do povo palestino sem incluir os agentes da luta em nenhuma parte do processo.

Em uma realidade marcada pela ausência de uma liderança política verdadeiramente representativa — principalmente devido à colonização contínua de Israel, à fragmentação, à negação do direito de retorno, às prisões em massa e à repressão de qualquer movimento político potencialmente vibrante e eficaz —, os atores internacionais frequentemente se envolvem com representantes cuidadosamente selecionados que se alinham com suas próprias agendas e com o status quo, enquanto marginalizam o espectro mais amplo dos órgãos políticos e da sociedade civil palestinos.

Na esfera do desenvolvimento, a exclusão é frequentemente evidente na imposição de projetos verticais às comunidades palestinas, que não consultam nem respondem às necessidades reais das pessoas, ao mesmo tempo que marginalizam as formas de *sumoud* (determinação, firmeza, perseverança) lideradas pela comunidade e pelas bases.

Ao excluir os palestinos dos principais processos decisórios e planos sobre o seu próprio futuro, os atores internacionais estão negando aos palestinos a capacidade de agir sobre o seu próprio destino, impedindo assim o seu direito à autodeterminação. Essa exclusão muitas vezes resulta em políticas e cursos de ação que não refletem as verdadeiras necessidades e realidades da Palestina, mas sim priorizam a manutenção das atuais agendas coloniais e injustiças.

Mídia, incidênciac e produção de conhecimento

Os palestinos não costumam ser o centro da construção de suas próprias narrativas. Outros continuam a falar sobre e em nome dos palestinos, em vez de falar com eles. Entrevistas, painéis e eventos sobre a Palestina costumam contar com a participação de “especialistas internacionais”, diplomatas ou até mesmo autoridades israelenses, enquanto sobreviventes, acadêmicos, ativistas e organizadores palestinos são ignorados.

Pesquisas e análises sobre a Palestina são realizadas regularmente sem o envolvimento palestino ou marginalizando a expertise palestina.

*Saiba mais sobre a invalidação da experiência palestina [nessa seção](#)

A grande mídia internacional também exclui os palestinos da imprensa escrita, da televisão e de outras plataformas. Um estudo dos principais jornais dos EUA de 1970 a 2019 [constatou](#) que menos de 2% dos artigos de opinião sobre a Palestina foram escritos por palestinos.

“Eu esperava encontrar relativamente poucos artigos de opinião escritos por palestinos, e estava certo. Mas o que me surpreendeu foi o quanto os palestinos têm sido mencionados nos principais meios de comunicação dos Estados Unidos ao longo das últimas décadas. Os conselhos editoriais e os colunistas parecem ter se dedicado bastante a falar sobre os palestinos, muitas vezes de maneira condescendente e até racista — mas, de alguma forma, não sentiram a necessidade de ouvir muito os próprios palestinos.

Maha Nassar, ‘[A mídia americana fala muito sobre os palestinos — mas sem os palestinos](#)’



Mehdi Hasan sobre como a mídia norte-americana exclui os palestinos em sua cobertura

Fonte: [Democracia Agora](#)

Quando as narrativas palestinas são excluídas, abrem-se espaços para aqueles que deliberadamente promovem narrativas desumanizantes e tendenciosas ou que, apesar das boas intenções, não estão devidamente preparados para narrar a experiência palestina, uma vez que não a viveram. Isso perpetua uma narrativa distorcida que deturpa a compreensão do público sobre a luta palestina em favor do opressor e prejudica quaisquer políticas, discussões ou representações relacionadas à Palestina.



The Listening Post, “The Angry Arab” (O Árabe Irritado)

Fonte: [Al Jazeera em Inglês](#)

Quando a inclusão se torna tokenização

Mesmo quando os palestinos são incluídos nas principais plataformas ou processos de tomada de decisão, sua participação é frequentemente reduzida a papéis simbólicos ou formas de representação que carecem de influência genuína.

Um palestino pode ser contratado ou convidado simplesmente para que os organizadores possam dizer que tiveram “representação palestina”. Esse tipo de inclusão é superficial: Os palestinos estão presentes, mas lhes é negado espaço, autoridade ou influência genuína na formação de conversas, narrativas ou decisões. É inclusão sem autonomia.

Este problema não se limita a ambientes hostis, também ocorre em espaços de solidariedade. Com demasiada frequência, os não palestinos dominam o microfone ou o enquadramento, enquanto os sobreviventes, intelectuais, defensores e organizadores palestinos são marginalizados ou tratados como colaboradores secundários.

Essa inclusão performática pode, às vezes, ultrapassar os limites éticos. A necessidade de apresentar um palestino “a qualquer custo” — seja para uma aparição na mídia, briefing diplomático ou evento de incidência — pode resultar em

violações de consentimento, exigências insensíveis ao trauma ou à marginalização de certos indivíduos em favor daqueles considerados mais “identificáveis” ou “aceitáveis” para um público mais amplo.

DICAS:

- **Foque nas Vozes Palestinas:** Evite que outras pessoas falem em nome dos palestinos. Eles devem estar no centro de todas as discussões e comunicações sobre a Palestina. Sempre pergunte: *onde estão os palestinos nesta conversa?*
- **Foque na Autonomia Política:** Os palestinos devem ser os principais agentes nas decisões, processos e planos relacionados com as suas vidas e o seu futuro. Isso significa participação genuína e inclusiva em todas as etapas — desde o planejamento e o projeto até a tomada de decisões e a implementação.
- **Respeite o consentimento e os limites:** Colocar os palestinos verdadeiramente no centro significa respeitar quando eles optam por não falar, não se envolver ou não ser representados. Quando eles decidirem se envolver, certifique-se de que seja nos termos deles e que o espaço seja baseado em condições éticas. Não instrumentalize as pessoas para obter visibilidade e não reduza as histórias palestinas a representações de sofrimento ou ferramentas para suscitar simpatia.
- **Rejeite a tokenização:** A inclusão não deve se resumir ao cumprimento de cotas ou ao preenchimento de formulários de diversidade. Os palestinos devem ter espaço, autoridade e influência genuínos na definição das conversas, narrativas e decisões sobre sua luta.
- **Diversifique a participação palestina:** A representação deve refletir a amplitude da sociedade palestina — sobreviventes, organizadores, especialistas, combatentes e pessoas de todos os partidos políticos, regiões geográficas, gerações e classes sociais.
- **Destaque o expertise palestino:** Reconheça os palestinos como analistas, especialistas e líderes credíveis da sua própria luta. Priorize e promova o trabalho de acadêmicos, ativistas, jornalistas e profissionais palestinos para garantir que sua experiência conduza a narrativa.

- **Adote iniciativas de baixo para cima:** No trabalho humanitário e de doação, evite impor projetos ou estruturas de cima para baixo e, em vez disso, consulte, priorize e apoie iniciativas populares e lideradas pela comunidade que reflitam as necessidades e aspirações palestinas.

Contestando a Invalidação

Explicação

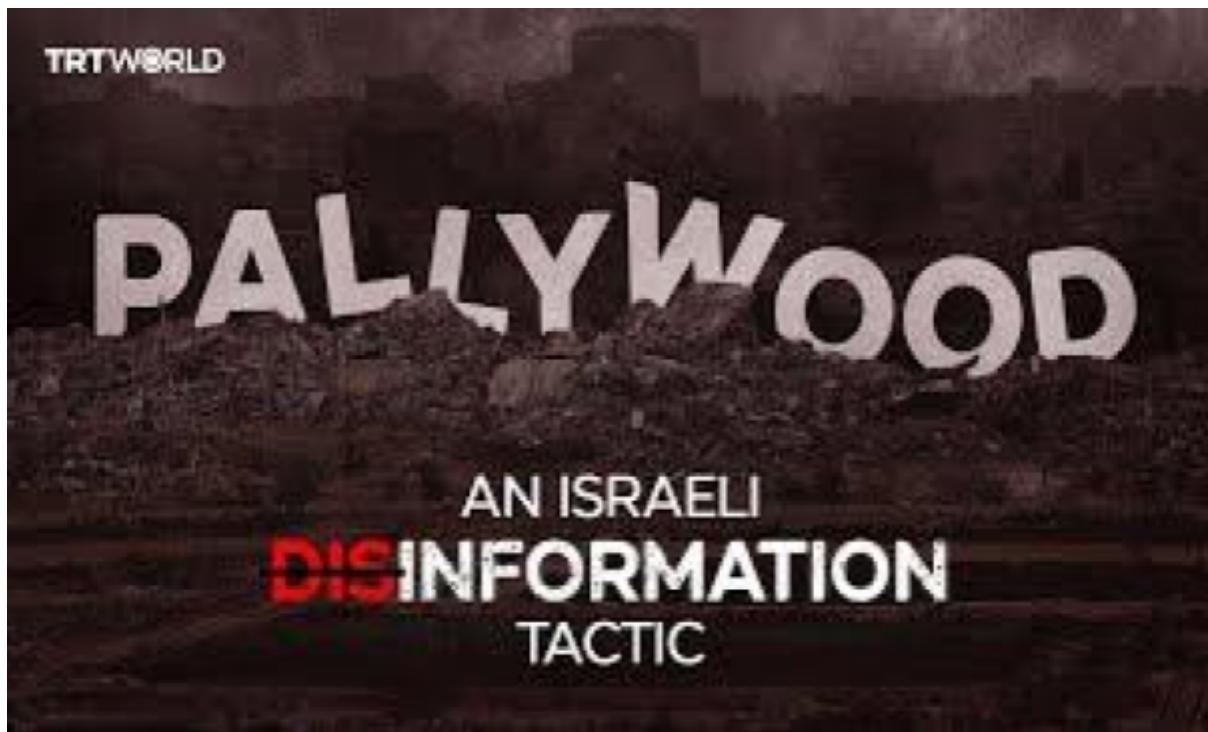
Os testemunhos, a documentação, a investigação, as artes e a produção de conhecimento palestinos são sistematicamente invalidados, desacreditados e minados nos meios de comunicação social, nos espaços de incidência, acadêmicos, culturais e políticos. São abordadas com desconfiança, descartadas como não confiáveis, a menos que sejam corroboradas por fontes israelenses ou ocidentais, ou confinadas a narrativas emocionais de sofrimento.

Essa desacreditação tem origem em uma mentalidade racista e colonialista, na qual o conhecimento produzido por povos colonizados ou oprimidos é tratado como inferior, pouco confiável ou suspeito, enquanto a perspectiva do opressor é vista como superior, objetiva e “civilizada”.

Tais práticas não apenas silenciam os palestinos, mas também os desumanizam e os privam de sua autonomia, retratando-os como incapazes de narrar com veracidade sua própria realidade vivida ou como narradores não confiáveis.

Clichê: Os palestinos inventam ou exageram a realidade

O termo depreciativo “Pallywood”, que sugere que os palestinos encenam o sofrimento para manipular a opinião pública mundial, é um excelente exemplo amplamente encontrado na sociedade israelense e na mídia. Esse conceito racista acusa falsamente os palestinos de inventarem cenas de opressão, chegando ao ponto de questionar as pessoas em Gaza que transmitem ao vivo os crimes genocidas que estão sendo cometidos contra elas. Essa prática reflete a estratégia mais ampla de Israel de se apropriar da narrativa de vitimização.



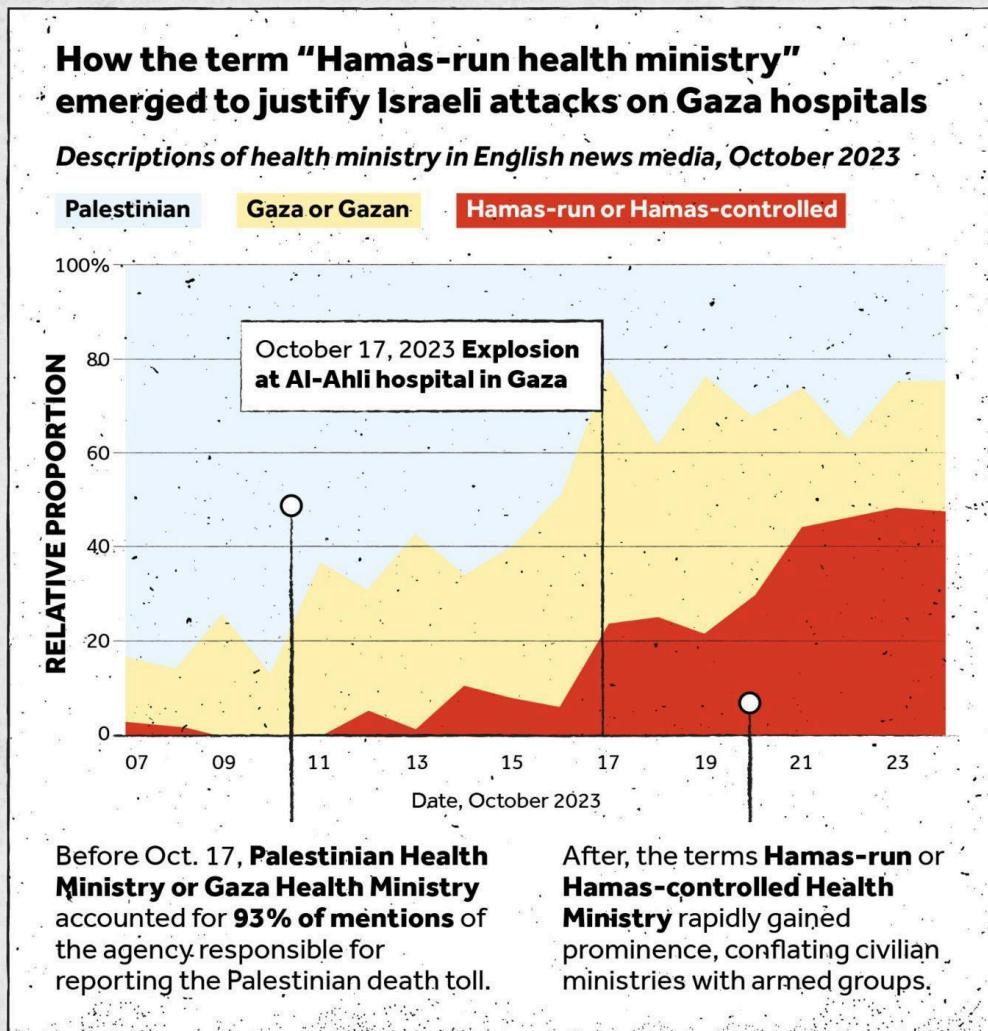
Explicador sobre a tática de desinformação israelense: “Pallywood”

Fonte: [TRT World](#)

Um exemplo recente e gritante é como o número de mártires palestinos durante o genocídio é questionado, acrescentando constantemente “gerido pelo Hamas” antes de “Ministério da Saúde em Gaza”, insinuando que os seus dados são intrinsecamente pouco fiáveis.

REPORTING

Many U.S. newsrooms **defer to Israeli official sources**, including military sources, despite their record of falsifying information, while **casting doubt on Palestinian sources**.



STORY BY Laura Albast

VISUALIZING PALESTINE



SOURCES bit.ly/vp-edited-out
WWW.VISUALIZINGPALESTINE.ORG

SEP 2025
CC BY NC SA

Fonte: [Visualizando a Palestina](#)



Sanaa Saeed sobre como a mídia retrata os palestinos como narradores pouco confiáveis.

Fonte: [Jadaliyya](#)

Minando a credibilidade por meio da linguagem

Outra forma de minar a credibilidade palestina é através das escolhas linguísticas, incluindo termos eufemísticos, sintaxe, gramática e pontuação. Isso pode envolver:

- Colocar termos entre aspas, como referir-se à “Nakba” ou ao “genocídio” como se fossem contestados.
- Adicionar qualificativos depreciativos como “o chamado”.
- Usar palavras como “alegações” ou “supostamente” quando se trata da análise palestina, em vez de termos mais precisos como “documentos” ou “revela”.

*Saiba mais sobre eufemismo [nesta seção](#)

O trabalho palestino só é validado quando realizado em parceria com israelenses

O trabalho cultural, acadêmico e de incidência palestina é frequentemente elevado ao reconhecimento da grande mídia quando eles se envolvem em diálogos ou iniciativas conjuntas com israelenses. Ao fazer isso, eles são frequentemente vistos como mais atraentes para o público ocidental, que os percebe como “comprometidos com a paz”. Isso está intimamente ligado à narrativa da “vítima ideal”, em que se espera que os palestinos se encaixem em um paradigma que enfatiza sua natureza

pacífica e não conflituosa, a fim de serem considerados mais merecedores de cobertura, solidariedade e justiça.

Saiba mais sobre a narrativa de "vítima Ideal" [nessa seção](#), e sobre falsa paridade [nessa seção](#).

A experiência palestina é validada quando ecoada por fontes israelenses ou internacionais

Os palestinos, quando são destacados e não imediatamente descartados, são frequentemente tratados como insuficientes por si só. Eles ganham reconhecimento quando são repetidos por fontes israelenses ou ocidentais.

Isso é particularmente prevalente em torno da produção de conhecimento e da especialização palestinas. Por exemplo, grupos palestinos de direitos humanos há muito analisam o apartheid israelense, e historiadores palestinos registraram os crimes sionistas durante a Nakba; no entanto, essas descobertas só se tornam amplamente reconhecidas quando validadas por organizações internacionais e israelenses.

"Tendo trabalhado para as organizações palestinas de direitos humanos Adalah e Al-Haq, participamos durante anos em reuniões de incidência com diplomatas, órgãos da ONU, doadores e sociedade civil, e fomos forçados a encaixar a nossa realidade em estruturas fragmentadas que eles estariam dispostos a reconhecer e considerar "estratégicas". Estábamos bem cientes das limitações do sistema de direitos humanos, mas mesmo quando defendíamos dentro de suas estruturas, nós, assim como muitos defensores palestinos e organizações de direitos humanos, éramos deslegitimados e considerados pouco confiáveis para refletir nossa própria realidade vivida como palestinos. Por sua vez, como mostra o recente reconhecimento do massacre de Tantura, em 1948, o perpetrador parece ser "automaticamente dotado da autoridade para narrar".

Soheir Asaad e Rania Muhareb, '[Mensagens contraditórias da Anistia Internacional sobre o apartheid israelense](#)'

Narrativas palestinas limitadas a relatos de forte carga emocional

A marginalização do conhecimento palestino também se manifesta na redução das vozes palestinas a narrativas exclusivamente emocionais. É comum ver vozes israelenses ou judaicas, e especialistas internacionais, oferecendo análises sobre a situação na Palestina; enquanto se espera que os palestinos compartilhem histórias pessoais ou prestem depoimentos, enquanto suas avaliações críticas sobre sua própria realidade são silenciadas. Isso reforça a ideia de que os palestinos são apenas testemunhas de sua opressão, em vez de intelectuais e especialistas em sua própria luta.

"A voz palestina, quando é tolerada, recebe a dor, a emoção, a história do luto. A voz israelense é encarregada da complexidade. Nós incorporamos, eles analisam. Nós falamos das ruínas, eles falam das alturas. E nessa divisão do discurso, é sempre a voz israelense que molda a narrativa.

Muzna Shihabi, '[A eliminação educada das vozes palestinas](#)'

DICAS:

- **Verifique seu próprio viés:** Você está avaliando as vozes ou fontes palestinas com um padrão diferente do que usaria em outros contextos assimétricos (Ucrânia, violência doméstica, luta dos negros, etc.)? Confie nas narrativas e na experiência palestinas, sem o ceticismo colonial e racista que sustenta sua invalidação.
- **Respeite a autonomia e a centralidade palestinas:** Reconheça que os palestinos estão em melhor posição para narrar suas realidades, desde experiências pessoais até análises aprofundadas.
- **Amplie a experiência palestina sem validação externa:** Compartilhe e promova análises, pesquisas e conhecimentos palestinos sem a necessidade de validação externa por parte de fontes israelenses ou ocidentais. Valorize e promova o trabalho palestino sem intermediários, mediação, espelhamento ou uma voz ocidental para agradar ao público.
- **Rejeite a falsa paridade:** Não promova colaborações conjuntas entre palestinos e israelenses como pré-requisito para validação ou visibilidade. Essas estruturas normalizam o opressor e descentram a experiência e o conhecimento palestinos, criando uma falsa equivalência entre ocupante e ocupado.

- **Certifique-se de que sua terminologia, enquadramento e pontuação mantenham a credibilidade das fontes palestinas:** Evite termos como “alegações” e “alega”; qualificadores como “chamado”; ou aspas excessivas em torno de termos palestinos, pois sugerem dúvida e minam a legitimidade. Use verbos fortes e neutros, como “documenta”, “revela” ou “relata”, e trate as fontes palestinas com respeito.
- **Combata a desinformação** Denuncie táticas de desinformação racista como a “Pallywood”. Contrarie as presunções de má-fé ou culpa. Destaque como essas acusações servem para desumanizar os palestinos, apagar seus testemunhos e proteger Israel da responsabilização.

Enfrentando Abordagens de má-fé

Explicação

Os palestinos são frequentemente convidados a falar na mídia, em mesas redondas sobre políticas, briefings políticos e fóruns públicos em condições exploradoras, desumanas e antiéticas. Isso se estende por várias etapas do envolvimento: quem pode falar, o que pode ser dito, como as conversas são estruturadas e as condições sob as quais se espera que os palestinos falem.

Quem fica com o microfone

O processo de seleção de oradores palestinos é frequentemente moldado por um conjunto de critérios prejudiciais e condicionais. Os palestinos são convidados como “vítimas ideais” quando são vistos como agradáveis e identificáveis o suficiente para o público ocidental.

Frequentemente, são forçados a falar apenas como vítimas e narradores de dor; ao mesmo tempo em que são desencorajados a oferecer análises e críticas políticas, nomear os perpetradores ou falar como agentes de resistência, especialistas e intelectuais.

Essa abordagem excludente priva os palestinos de sua capacidade de ação política e alimenta estereótipos sobre quem realmente são os palestinos.

*Saiba mais sobre a narrativa de “vítima ideal” [nessa seção](#)



O poema de Rafeef Ziadah sobre a mídia forçar os palestinos a falar apenas como vítimas

Fonte: [Sternchen Productions](#)

Falta de consentimento e transparência

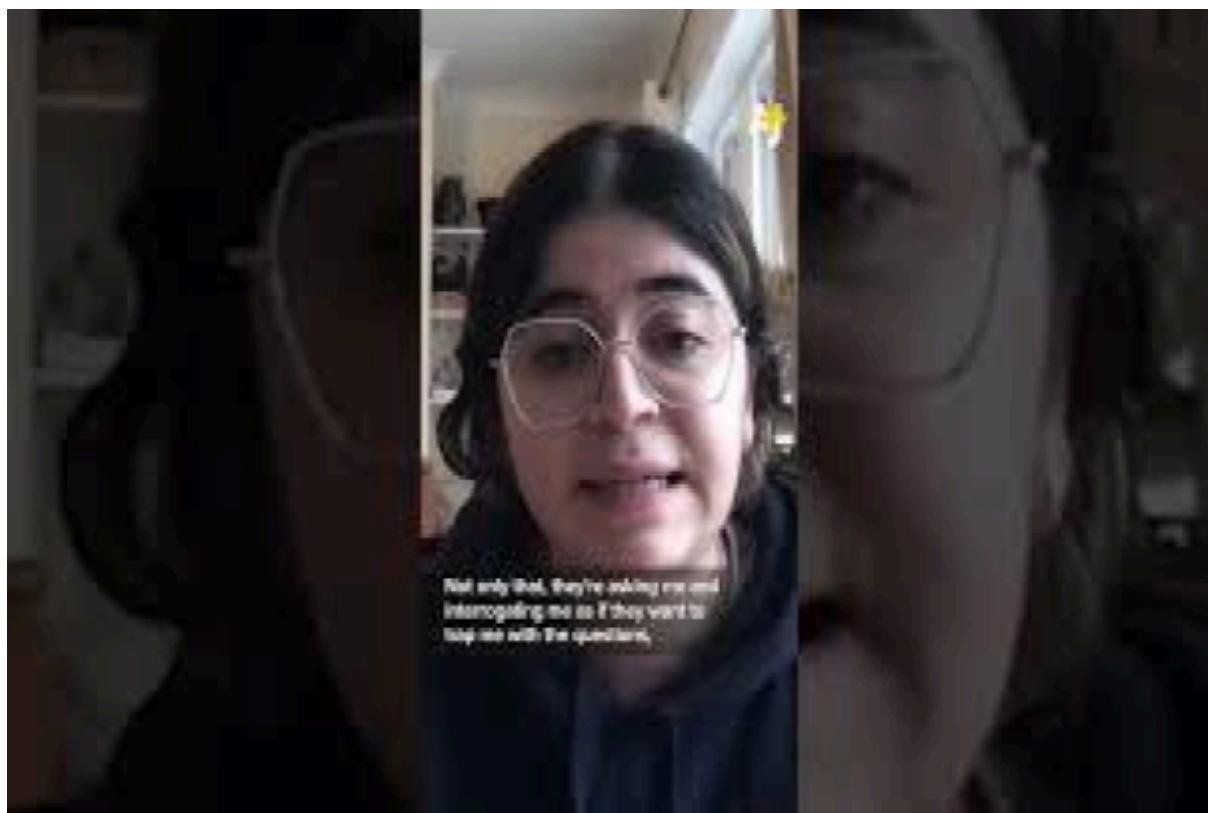
Os palestinos são frequentemente convidados a participar sem receberem informações completas sobre o objetivo, o formato ou as condições do compromisso. Detalhes importantes — como o escopo do tema, a duração, se a conversa será ao vivo ou gravada, quem mais estará presente e como suas contribuições serão utilizadas — são frequentemente ocultados. Essa falta de transparência pode criar dinâmicas manipuladoras, traumatizar novamente os participantes e expô-los a riscos com os quais eles não concordaram.

Perguntas ou interrogatório?

Quando os palestinos têm uma plataforma para narrar suas realidades, eles enfrentam interrogatórios em vez de diálogos. Eles são interrompidos, apressados e forçados a responder perguntas descontextualizadas e refutar falácia lógicas que os colocam como suspeitos por natureza. Em vez de serem questionados sobre o contexto, a estratégia ou a análise, eles são pressionados a condenar a resistência e provar sua humanidade — enquanto sobrevivem à colonização e ao genocídio em

tempo real.

Saiba mais sobre as falácia em nossa [ferramenta](#) aqui



Yara Eid desconstrói o questionamento da mídia dominante

Fonte: [AJ+](#)

Dor como espetáculo

Os palestinos são frequentemente convidados a falar enquanto ainda estão de luto. Por exemplo, as famílias dos mártires são convidadas a falar poucas horas ou dias após o assassinato de seus entes queridos, sem qualquer consideração pelo seu estado emocional. Em vez de terem espaço para narrar em seus próprios termos, muitas vezes são interrogados sobre as afiliações políticas de seus entes queridos e a natureza de seus assassinatos; ou solicitados a condenar a retaliação e jurar que não têm ódio em seus corações. Isso retraumatiza e desumaniza os enlutados.

Falsa paridade com representantes sionistas

Os palestinos são rotineiramente colocados em discussões ao lado de autoridades israelenses ou porta-vozes sionistas, como se representassem os dois lados de um “conflito” simétrico. Isso não só equipara falsamente colonizadores e colonizados, como também coloca os palestinos em risco, sujeitando-os a difamação e ameaças

reais por parte de lobbies sionistas e atores estatais.

*Saiba mais sobre a falsa paridade [nessa seção](#)

Configurações prejudiciais:

Os palestinos são frequentemente convidados a falar sobre assuntos fora da sua área de especialização, acompanhados por especialistas experientes e com pouco espaço para se expressarem. Configurações prejudiciais também incluem o enquadramento distorcido de toda a conversa. Em entrevistas na mídia, por exemplo, isso pode envolver as imagens exibidas atrás ou ao lado de um orador, a sequência de oradores sionistas antes ou depois deles, ou a abordagem descontextualizada da questão pelo âncora. Essas práticas moldam a percepção de maneiras que desacreditam e minam as narrativas palestinas.

Dicas:

- **Respeite a autonomia e a centralidade palestinas:** Reconheça que os palestinos estão em melhor posição para narrar suas realidades, desde experiências pessoais até análises aprofundadas.
- **Diversifique a participação palestina:** A representação deve refletir a amplitude da sociedade palestina — sobreviventes, organizadores, especialistas, combatentes e pessoas de todos os partidos políticos, regiões geográficas, gerações e classes sociais.
- **Garanta o consentimento e a transparência:** Comunique claramente com antecedência o objetivo, o formato e as condições do compromisso. Apresente todos os detalhes relevantes, incluindo o escopo do tópico, a duração, se a conversa é ao vivo ou gravada, outros participantes e público esperado. Obtenha o consentimento informado e dê aos participantes a oportunidade de revisar como suas contribuições serão apresentadas, especialmente em formatos escritos ou gravados.
- **Envolva com integridade:** Aborde todas as conversas com a intenção de ouvir, compreender e aprender — não para interrogar ou desacreditar. Verifique se sua abordagem não contém falácia. Evite perguntas provocativas ou tendenciosas, falsos binários ou enquadramentos simplificados demais. Certifique-se de que as perguntas sejam transparentes em sua intenção e

livres de segundas intenções.

- **Apresente o contexto:** Garanta que as discussões sobre a Palestina sejam fundamentadas no contexto histórico e político. Dê tempo aos participantes palestinos para que possam contextualizar e falar sem interrupções, e não os pressione a transmitir mensagens redutoras. A organização das entrevistas deve garantir uma sequência responsável dos interlocutores, imagens precisas emparelhadas ou de fundo e um enquadramento que reflete o contexto, em vez de distorcê-lo.
- **Respeite as funções e a experiência:** Não peça às pessoas que falem sobre assuntos fora da sua área de conhecimento. Se você convidar um palestino para dar seu testemunho sobre sua realidade cotidiana, não peça que ele analise a realidade geopolítica. Da mesma forma, se você convidar um especialista em questões ambientais, não o questione sobre temas que ele não domina necessariamente. Não combine os depoimentos palestinos com os de especialistas de forma a marginalizá-los.
- **Priorize a segurança:** Avalie os riscos potenciais para os participantes palestinos — legais, emocionais ou físicos — antes de envolvê-los nas conversas. Não os coloque ao lado de outras pessoas que possam comprometer sua segurança ou dignidade.
- **Seja sensível e empático:** Ao trabalhar com famílias em luto ou indivíduos vulneráveis, respeite seus limites emocionais. Não os apresse a fazer aparições públicas nem faça perguntas desumanas. Deixe-os contar suas histórias em seus próprios termos, com dignidade e cuidado.
- **Pare a normalização:** Não se deve pedir aos palestinos que se coloquem em oposição ao seu opressor, mesmo aqueles que defendem a “paz” apenas no discurso, mas se beneficiam do sistema opressivo.

Rejeitando a Falsa Paridade

Explicação

Uma prática recorrente em vários setores promove que palestinos e israelenses (ou sionistas) compartilhem plataformas, espaços e iniciativas, destacando a “necessidade” de envolver “ambos os lados”, seja por meio de negociações formais, diálogos, projetos conjuntos ou interações individuais.

A insistência em incluir vozes israelenses ao lado das palestinas decorre e reforça a narrativa do “conflito bilateral”, em que a luta anticolonial palestina se torna um “conflito” prolongado, criando a ilusão de responsabilidade e poder iguais entre o colonizador e o colonizado.

*Saiba mais sobre o Dois-ladismo [nessa seção](#)

A falsa paridade frequentemente proclama princípios de equilíbrio e neutralidade, com o objetivo subjacente de retratar “ambos os lados” de forma igualitária e destacar as irregularidades, o sofrimento e o ponto de vista de “ambas as partes”. Isso ignora o profundo desequilíbrio de poder e a dinâmica entre colonizador e colonizado.

Também aborda a situação como algo que poderia ser resolvido por meio da empatia e do diálogo. Embora o diálogo seja frequentemente visto como algo inherentemente positivo, nem todo diálogo é neutro ou construtivo. Quando o formato não desafia as estruturas de opressão — ou pior, inclui aqueles que as representam e defendem —, ele se torna parte do problema.

“Se você é neutro em situações de injustiça, você escolheu o lado do opressor. Se um elefante estiver com a pata sobre a cauda de um rato e você disser que é neutro, o rato não apreciará sua neutralidade.”

Desmond Tutu

Seção	Manifestações de falsa paridade
Mídia	<ul style="list-style-type: none"> ● Convidar palestinos para falar em pé de igualdade em entrevistas conjuntas com israelenses ou sionistas. ● Recusar-se a cobrir notícias sobre a Palestina, a menos que possam ser diretamente relacionadas a Israel, ou exigir que os jornalistas produzam uma notícia semelhante sobre os israelenses — uma condição que não se aplica no sentido inverso.
Políticos, Doadores e ONGs	<ul style="list-style-type: none"> ● Promover negociações bilaterais e processos de resolução de conflitos como paradigma político principal. ● Financiar, implementar ou apoiar projetos, iniciativas ou campanhas que promovam a colaboração entre israelenses e palestinos no âmbito do quadro “povo a povo”.
Meio Acadêmico	<ul style="list-style-type: none"> ● Organizar, financiar ou implementar projetos de pesquisa, publicações, programas de diálogo e intercâmbio ou eventos com “israelenses e palestinos” que se baseiem na falsa paridade entre opressor e oprimido. ● Oferecer currículos e cursos que enquadram a Palestina dentro de uma narrativa de Dois-ladismos
Instituições culturais	<ul style="list-style-type: none"> ● Organizar ou financiar exposições conjuntas, festivais, músicas e filmes que promovam a “coexistência” e a colaboração entre palestinos e israelenses, sem reconhecer os direitos fundamentais dos palestinos e sem desafiar a opressão estrutural.
Espaços de Solidariedade	<ul style="list-style-type: none"> ● Promover ou celebrar espaços comuns, diálogos ou colaborações entre palestinos e israelenses que podem se opor a algumas das políticas da ocupação militar israelense, mas ainda assim subscrevem o sionismo e não questionam o sistema.

“Enviei muitas matérias para veículos de comunicação estrangeiros. Quando eu estava apresentando uma matéria sobre um artista, a reação

foi: “mas seria mais interessante se o artista estivesse colaborando com um artista israelense.””

Discussão de Grupo Focal, Ramallah

*Leia mais em nossa metodologia de pesquisa [aqui](#)

Normalizando a opressão

Todos esses exemplos e práticas normalizam a opressão israelense como uma realidade indefinida, enquadrando-a como um “conflito” a ser gerenciado, em vez de um sistema de colonização e apartheid que deve ser desmantelado. Em vez de priorizar a responsabilização, as sanções e medidas concretas para a libertação e a justiça, eles desviam os esforços para a “construção da paz” e a construção do Estado — ignorando as causas profundas da expropriação palestina.

Manipulação psicológica (Gaslighting)

Os palestinos que se recusam a participar ou se opõem e boicotam tais formatos são então acusados de “rejeitar a paz”. Isso é uma forma de manipulação psicológica: dizer-nos que, se não participarmos desses diálogos, somos contra a “paz” — quando, na verdade, estamos defendendo, lutando e resistindo pela justiça, pela segurança e pelos nossos direitos fundamentais. A antinormalização tem suas raízes na luta palestina, que remonta à Grande Revolta de 1936-1939, e foi claramente definida pela sociedade civil palestina nas [diretrizes antinormalização do movimento BDS](#).

*Saiba mais sobre a “narrativa negacionista” [nessa seção](#)

Trabalho emocional imposto

A falsa paridade também coloca o trabalho emocional sobre os palestinos, onde se espera que eles sejam [a “vítima Ideal”](#)—permanecer calmo, gentil e infinitamente paciente, mesmo quando sujeito a profundas injustiças. Espera-se que os palestinos eduquem os outros, incluindo os israelenses, e provem sua humanidade — tudo isso enquanto estão sob ataque. As pessoas oprimidas não deveriam ter que conquistar o direito de serem ouvidas apelando para o conforto dos outros. A verdadeira solidariedade não exige trabalho emocional daqueles que sofrem, mas sim: Como podemos ouvir, aprender e agir com integridade?

Minando a autonomia

Além disso, forçar os oprimidos a compartilhar espaço com seus opressores, ou cultivá-los como “iguais”, enfraquece a autonomia palestina, negando-lhes a oportunidade de serem os principais narradores de sua própria luta. Isso contribui para a contínua marginalização das narrativas e dos conhecimentos especializados palestinos.

*Saiba mais sobre a invalidação da experiência palestina [nessa seção](#)



Ghassan Kanafani em uma entrevista falando sobre a futilidade das “negociações de paz”

[Fonte](#)

DICAS:

- **Rejeite a falsa equivalência e a exigência de ser “neutro” ou “equilibrado”:** Identifique o profundo desequilíbrio de poder e a dinâmica entre colonizador e colonizado, concentre-se nas causas profundas e dê destaque àqueles cujos direitos são sistematicamente negados. A solução para a colonização israelense não é a “paz” ou a “coexistência”, mas a justiça e a libertação. Verifique sua iniciativa, comunicação ou política com base nesses princípios.

- **Enfrente a normalização:** Não se deve pedir aos palestinos que se coloquem em oposição ao seu opressor. Quando as conversas ou iniciativas não desafiam as estruturas de opressão — ou pior, incluem aqueles que as representam e defendem, ou aqueles que defendem a “paz” apenas no discurso, mas se beneficiam do sistema opressivo — elas se tornam parte do problema.
- **Apoie o trabalho independente palestino:** Centralize e apoie os estudos, a pesquisa e a arte palestinos em seus próprios termos — sem depender de parcerias com sionistas.
- **Rejeite iniciativas “de um povo para outro povo”:** Não apoie plataformas, iniciativas ou atividades que se concentrem na coexistência, na construção de pontes ou em abordagens semelhantes enganosas que perpetuam a assimetria estrutural e a injustiça, ao mesmo tempo que protegem o agressor da responsabilização.
- **Mudança da “construção da paz” para a libertação:** Os paradigmas políticos de “construção da paz” e resolução de conflitos não abordam a opressão colonialista. A verdadeira bússola é a justiça, a libertação, os direitos e a descolonização. A política deve estar firmemente alicerçada nestes princípios.

Desafiando a Desinformação

Explicação

Enquanto as vozes e fontes palestinas são excluídas, questionadas, marginalizadas e censuradas, as fontes israelenses, particularmente as autoridades israelenses, são frequentemente consideradas credíveis, com suas narrativas aceitas como confiáveis. Isso ocorre apesar de sua posição como colonizadores e opressores e do histórico bem documentado de Israel encobrir seus crimes e utilizar táticas de desinformação.

Hasbara: A Propaganda de Israel

Hasbara—a palavra hebraica para “explicação” — é a estratégia de diplomacia pública de Israel que visa moldar a opinião internacional a seu favor. Em sua

essência, a Hasbara apresenta Israel como uma vítima perpétua sob constante ameaça, legitimando assim a opressão colonialista como atos necessários de “defesa” e sobrevivência.

O conceito foi popularizado no início do século XX pelo líder sionista Nahum Sokolow. Expressões como “uma terra sem povo para um povo sem terra” e “fazer o deserto florescer” foram as primeiras formas de desinformação. Essas narrativas retratavam o projeto colonial como “libertação” e “retorno”, enquanto enquadravam a limpeza étnica palestina como progresso e civilização.

Hasbara tornou-se mais formalizado em 1984 na Conferência do Congresso Judaico Americano. Reunidos após a invasão do Líbano por Israel e o aumento das críticas globais, os líderes sionistas chamados para uma estratégia de propaganda coordenada e proativa. Isso marcou uma mudança do controle de danos *ad hoc* para uma guerra narrativa estratégica e institucionalizada, incorporando a Hasbara aos ministérios e unidades do Estado e coordenando redes globais de lobby bem financiadas.

Grupos importantes, como o Comitê Americano-Israelense de Assuntos Públicos (AIPAC), a Liga Antidifamação (ADL), a ONG Monitor, os Advogados Britânicos por Israel, a CAMERA, a Canary Mission, a Honest Reporting, a Im Tirzu, a UN Watch e outros, orquestram campanhas difamatórias, espalham desinformação e fazem lobby e manipulam governos, mídia, instituições acadêmicas e empregadores para adotar narrativas de *Hasbara* e deslegitimar e silenciar o ativismo palestino e o movimento de solidariedade.

Um exemplo proeminente do trabalho coordenado da *Hasbara* é o *The Global Language Dictionary*, um manual de propaganda publicado em 2009 pelo *The Israel Project*, um grupo de lobby midiático americano-israelense que forneceu estratégias de comunicação explícitas para defender o sionismo. Até 2015, Israel e seus defensores já haviam investido mais de US\$300 milhões em propaganda, vigilância e ações judiciais destinadas diretamente a silenciar a dissidência.

Com o surgimento da comunicação digital, a Hasbara expandiu-se para novas áreas. O apagamento e a distorção das narrativas palestinas agora operam por meio de algoritmos, proibições ocultas, encerramento de contas e políticas de moderação discriminatórias — ferramentas que suprimem a incidência palestina na esfera digital, ao mesmo tempo em que amplificam a desinformação israelense.



Como a Hasbara israelense justifica o genocídio. Fonte: [Rabet](#)
Assista também [esse explicador](#) sobre Habara por Palestine Deep Dive (análise aprofundada sobre a Palestina)

Espalhando desinformação na mídia e na política

O que começa como propaganda do governo israelense e seu aparato é rapidamente aceito como verdade, citado e compartilhado como fato pela mídia e pelos políticos, amplificando e legitimando sua desinformação.

- Um estudo de 2019, analisando 100.000 manchetes dos principais jornais dos Estados Unidos [constatou](#) que as fontes israelenses têm quase 250% mais chances de serem citadas do que as palestinas.
- Uma análise da cobertura da mídia televisiva americana sobre o primeiro mês do genocídio de Israel em Gaza [constatou](#) que o porta-voz do exército israelense foi entrevistado 44 vezes pela CNN, MSNBC e Fox News em um período de 30 dias e teve carta branca para enganar e distorcer a verdade, sem quase nenhuma contestação.
- Um estudo que analisou 35.000 peças entre outubro de 2023 e outubro de 2024 [constatou](#) que a BBC entrevistou o dobro de israelenses do que

palestinos, e os apresentadores compartilharam a perspectiva israelense 11 vezes mais do que a perspectiva palestina.



Sana Saeed analisa a cobertura jornalística ocidental, na qual as fontes israelenses são aceitas sem questionamentos.

Fonte: [AJ+](#)

Estudo de Caso: A história fabricada dos bebês decapitados

Em 10 de outubro de 2023, um correspondente do canal israelense i24NEWS relatou alegações feitas por soldados israelenses em Kufr Azza de que haviam encontrado bebês decapitados no kibutz. Ela relatou: “Bebês, com as cabeças decepadas. Foi o que eles disseram.”

Um dia depois, as alegações não verificadas sobre 40 bebês decapitados apresentadas nesta matéria viralizaram na mídia ocidental e nas redes sociais, com a matéria recebendo mais de 44 milhões de impressões, 300 mil curtidas e mais de 100 repostagens apenas na [rede social X](#) (antigo Twitter). Embora essas alegações tenham sido desmentidas, o ex-presidente dos EUA Joe Biden publicamente [repetiu](#) a alegação, mesmo quando sua equipe [o aconselhou a não fazê-lo](#). Ele até [mentiu](#) sobre ver fotos desses bebês.

Essa mentira continua a ressurgir em discussões que justificam o genocídio em curso por parte de Israel.

Espalhando desinformação em instituições internacionais

A aceitação acrítica das fontes israelenses torna-se ainda mais alarmante quando reiterada por instituições encarregadas de defender o direito internacional, aderir a metodologias baseadas em evidências e manter a independência — tais como [Agências da ONU](#) e [oficiais](#), e [organizações internacionais de direitos humanos](#). Isso ficou evidente em relatórios e declarações recentes dessas instituições, que adotaram acriticamente fontes oficiais e propaganda israelenses, efetivamente encobrindo o genocídio em curso.

Estudo de Caso: Relatório da ONU sobre estupro

Relatório do Representante Especial da ONU sobre Violência Sexual em Conflitos [alegaram](#) que “há motivos razoáveis para acreditar que violência sexual relacionada ao conflito, incluindo estupro e estupro coletivo” ocorreu em 7 de outubro de 2023.

No entanto, o próprio relatório [reconhece](#) que a equipe da missão foi significativamente limitada pelo fato de que grande parte de suas informações era “em grande parte proveniente de instituições nacionais israelenses”. A equipe da missão realizou um total de 33 reuniões com instituições nacionais israelenses, incluindo o presidente de Israel e a primeira-dama, “ministérios relevantes... as Forças de Defesa de Israel (IDF), a Agência de Segurança Israelense (Shin Bet) e a Polícia Nacional Israelense responsável pela investigação dos ataques de 7 de outubro”.

A prática de aceitar as fontes oficiais israelenses sem questionamentos e divulgar suas informações falsas na grande mídia, nos círculos políticos e nas organizações internacionais prejudica a credibilidade desses órgãos e os próprios valores que eles afirmam defender, como o jornalismo independente e a proteção da paz, da segurança e dos direitos humanos. Ao fazer isso, corrói os princípios universais. Ao mesmo tempo, a disseminação das narrativas israelenses — que se concentram em

desumanizar, demonizar e criminalizar os palestinos — distorce a opinião global, alimentando o racismo e o ódio contra palestinos, árabes e muçulmanos.

DICAS:

- **Não acredite nas informações fornecidas por autoridades israelenses ou lobistas sionistas:** A desinformação está incorporada nas táticas do regime israelense. Sempre considere que as informações sobre palestinos e seus aliados provenientes dessas fontes são de má-fé e têm objetivos malévolos.
- **Defenda metodologias baseadas em evidências:** Siga padrões rigorosos e transparentes de comprovação, examinando fontes oficiais israelenses e garantindo que todas as alegações sejam verificadas de forma independente.
- **Amplifique as fontes palestinas:** Os palestinos há muito tempo documentam e denunciam a opressão de Israel. Compartilhe análises, documentação, investigações e depoimentos de palestinos e organizações lideradas por palestinos para desmascarar a desinformação.
- **Siga os padrões éticos do jornalismo:** Comprometa-se com os princípios de independência, imparcialidade e responsabilidade na cobertura jornalística sobre a Palestina, em conformidade com a [Carta Global de Ética para Jornalistas](#).

Resistência à Repressão

Explicação

Os palestinos e seus aliados têm historicamente resistido e mobilizado seu poder contra o sionismo e suas raízes no imperialismo global por meio de ativismo, boicotes, incidência, esforços de responsabilização, lobby na mídia e construção de movimentos transnacionais. Quanto mais amplificam a narrativa da libertação palestina na corrente dominante e minam os sistemas de opressão — incluindo a colonização sionista, o Estado, a cumplicidade das empresas e das instituições —, mais estas forças os reprimem. Isso fica evidente na aceleração alarmante da repressão contra o movimento palestino desde o início do genocídio, em outubro de 2023.

A estratégia: instrumentalizando a luta contra o antisemitismo e o “contraterrorismo”

O governo israelense e os grupos de pressão sionistas utilizam duas estratégias principais para reprimir a resistência e a dissidência. Primeiro, eles confundem críticas a Israel e ao sionismo com antisemitismo. Em segundo lugar, difamam e criminalizam os palestinos e o movimento de solidariedade, rotulando-os de “terroristas”.

Com base nessas estratégias, são utilizadas duas frentes táticas amplas:

Repressão institucional: Desde a fundação de Israel, ordens militares e leis criminalizaram a organização política e a resistência na Palestina, rotulando-as como “terrorismo” ou atividade ilegal. Isso incluiu a maioria dos partidos políticos palestinos, grupos estudantis, organizações de direitos humanos, meios de comunicação e até mesmo agências da ONU. Globalmente, o governo israelense e os grupos de pressão sionistas pressionam governos, formuladores de políticas, corporações, meios de comunicação, empregadores, instituições acadêmicas e organizações internacionais a adotar políticas e legislações repressivas e fascistas. Isso inclui legislação anti-BDS, leis “antiterrorismo” e a definição de antisemitismo da IHRA, que equipara qualquer crítica a Israel ao antisemitismo.

Verifique o banco de dados de FMEP de legislação dos EUA [exploiting antisemitism \(explorando o antisemitismo\)](#) e [targeting BDS \(BDS como alvo\)](#).

2. Calúnia e difamação: A repressão também assume a forma de ataques destinados a intimidar e silenciar. Ativistas e organizações são difamados com falsas acusações de antisemitismo, extremismo ou “terrorismo”; enquanto campanhas direcionadas de doxxing (bullying cibernético) e assédio incentivam ameaças, abusos e até violência física.

Encolhimento dos espaços de incidência

A repressão tem como objetivo eliminar os espaços e recursos para a organização, incidência e trabalho de solidariedade internacional dos palestinos. Por exemplo, quando o governo israelense designou seis importantes organizações da sociedade civil palestina como entidades “terroristas”, muitos governos, instituições e doadores ocidentais adotaram essas acusações infundadas e interromperam ou suspenderam o financiamento a essas organizações.

Ao mesmo tempo, proibições de protestos de solidariedade, eventos cancelados e o

fechamento de plataformas de incidência reduzem ainda mais o espaço para desafiar e resistir à opressão colonialista de Israel. Em conjunto, estas medidas comprometem gravemente a eficácia da incidência e organização palestinas.

Custos individuais da repressão

Atacar e deslegitimar vozes dissidentes causa vários níveis de danos àqueles que os sofrem ou testemunham.

Isso inclui violência física, como brutalidade policial em protestos, prisões arbitrárias, detenções, proibições de viagem, deportações e revogações de vistos; bem como danos econômicos, como suspensões no local de trabalho, demissões ou processos judiciais onerosos. Além do aspecto material, há profundos impactos sociais e psicológicos: os danos à reputação e o desgaste mental causado pela constante deslegitimização deixam consequências duradouras naqueles que defendem os direitos dos palestinos.



A acadêmica alemã-palestina Anne Esther Younes discute a difamação que enfrentou por seu trabalho.

Fonte: [O Novo Árabe](#)

Consulte a base de dados da ELSC sobre a repressão sistemática da solidariedade com a Palestina na Alemanha, [aqui](#)

Autocensura e desmotivação do envolvimento

Os danos causados pela repressão vão além dos alvos imediatos, promovendo uma cultura de medo e desencorajando qualquer pessoa que se envolva ou considere defender os direitos dos palestinos. Muitos jornalistas, ativistas, políticos e trabalhadores são obrigados a se autocensurar, temendo repercussões que possam prejudicar suas carreiras e meios de subsistência.

É difícil para mim entender o quanto posso dizer ou publicar no Twitter, considerando que tenho um visto de trabalho israelense. Às vezes percebo que me censuro, porque tenho medo das consequências que isso pode ter. Sempre existe a possibilidade de ser acusado de antisemitismo quando se diz algo contra Israel. Quanto mais tempo fico aqui, mais complicado se torna ser apenas um jornalista.”

Participante da discussão do grupo focal, Ramallah

**Leia mais em nossa metodologia de pesquisa aqui*

Alimentando o racismo antipalestino

Difamar os palestinos e seus aliados com acusações falsas, como serem racistas, “terroristas” ou extremistas, tem origem no racismo antipalestino, que visa silenciá-los, excluí-los e desumanizá-los, bem como suas narrativas. Isso reforça uma narrativa de “nós contra eles”, alimentando discursos de ódio e crimes de ódio contra palestinos, árabes, muçulmanos e pessoas racializadas. Isso aumenta o isolamento dos palestinos e seus aliados da comunidade global, ao mesmo tempo em que mantém os sistemas globais de opressão.



“

The language used by European media, politicians, and police orders to justify Palestine solidarity repression is aimed at **thwarting any divergence from the colonial mainstream narratives**. We see a huge effort by European politicians and mainstream media that **echoes the “us versus them” and “civilized versus uncivilized” dichotomy of 9/11.**

LAYLA KATTERMANN

Monitor Team Manager at the European Legal Support Center

Leia o artigo completo na Al-Shabaka por Layla Kattermann e Diala Shamas: Repressão à solidariedade com a Palestina, [aqui](#)

DICAS:

Para os detentores de poder:

- **Combata o racismo contra os palestinos:** Pare de difamar os palestinos e seus aliados com calúnias como serem inherentemente antisemitas, uma ameaça/simpatizantes “terroristas” ou opositos aos valores democráticos. Tais acusações são exemplos clássicos de racismo anti-palestino.
- **Resista à pressão do lobby sionista e à desinformação:** Não acredite em informações fornecidas por autoridades israelenses ou grupos de pressão sionistas. Sempre considere que as informações sobre palestinos e aliados provenientes dessas fontes são de má-fé e têm como objetivo deslegitimar a incidência palestina. Rejeite a pressão deles para impor leis, políticas ou medidas repressivas contra a incidência palestina.

- **Acabe com a repressão institucional:** Seja contra toda a legislação e políticas que criminalizam a incidência palestina e aplique medidas de proteção contra a perseguição ou estigmatização de pessoas com base nas suas opiniões sobre a Palestina.
- **Rejeite a instrumentalização do antisemitismo:** Faça distinção clara entre antisemitismo e crítica a Israel ou ao sionismo. Oponha-se ao uso indevido de leis e definições — como a definição da IHRA — que silenciam a legítima defesa, a incidência dos direitos palestinos. Desvincular o sionismo do judaísmo é crucial, mas os palestinos não devem ser sobrecarregados com a obrigação de fazer essa distinção em cada palavra ou ação que realizam.
- **Aplique os direitos universais sem hipocrisia:** Defenda direitos fundamentais, como liberdade de expressão, protesto e imprensa, e o direito de boicote para todos. Confronte a hipocrisia de pregar os direitos humanos universais e os valores democráticos, ao mesmo tempo que se silencia a dissidência e se criminaliza aqueles que desafiam as políticas israelenses.
- **Promova a responsabilidade:** Responda e corrija casos de repressão injusta e comunicar publicamente as medidas tomadas.

Para defensores e ativistas:

- **Evite a intimidação para ficar inerte e se autocensurar:** Mantenha-se firme em sua resistência e solidariedade. Sua voz é essencial, e a luta pela justiça não deve ser silenciada.
- **Mantenha sua mensagem sem desculpas:** Mantenha-se autêntico ao comunicar as realidades da opressão colonialista e seja estratégico na forma como transmite sua mensagem.
- **Desafie as falsas acusações e a desinformação:** Garanta que os responsáveis por campanhas difamatórias sejam responsabilizados. Exija inquéritos públicos e investigações sobre como esses ataques violam as liberdades de expressão, da mídia e acadêmica.

- **Procure assistência jurídica:** Entre em contato com organizações como a Palestine Legal, o Centro Europeu de Apoio Jurídico e seu sindicato para obter apoio jurídico. Conheça seus direitos e entenda como lidar com um ambiente cada vez mais repressivo.
- **Proteja sua segurança e proteção:** Mantenha-se informado sobre as ferramentas e práticas de segurança digital e física para proteger sua identidade e comunicação.
- **Mantenha o bem-estar mental e emocional:** Proteger-se faz parte de manter a luta. Priorize o descanso, os cuidados e os relacionamentos de apoio para suportar o desgaste mental da repressão.
- **Obtenha força dos coletivos:** O isolamento é um dos objetivos da repressão, mas você não está sozinho nessa luta. Conecte-se com redes globais de solidariedade e construa alianças entre movimentos e comunidades. Lembre-se: o poder coletivo é sua arma mais forte contra as forças que tentam silenciá-lo.
- **Abrace a libertação interseccional:** Lembre-se de que a luta global pela justiça está interligada, e sua solidariedade faz parte de uma luta maior pela justiça e dignidade contra os sistemas de imperialismo e racismo.

Compilamos uma lista de recursos sobre como buscar apoio jurídico e conhecer seus direitos, bem como recursos sobre segurança digital de nossos parceiros e aliados — confira [aqui](#).

Combatendo à censura

Explicação

Nos meios de comunicação internacionais, no meio acadêmico, na política e nos espaços digitais, as vozes, as narrativas e a produção de conhecimento palestinos são fortemente censurados — muitas vezes por meio de políticas e práticas institucionalizadas que restringem a forma como os palestinos podem narrar e analisar suas realidades e sua luta pela liberdade.

“O poder de narrar, ou de impedir que outras narrativas se formem e surjam, é muito importante para a cultura e o imperialismo, e constitui uma das principais conexões entre eles.”

Edward Said, ‘Culture and Imperialism (Cultura e Imperialismo)

Censura da mídia

A censura das vozes e narrativas palestinas na mídia ocorre ao longo de todo o ciclo — desde a seleção e obtenção de vozes palestinas até guias de estilo e políticas que proíbem o uso de linguagem e enquadramento precisos, e a edição de entrevistas e artigos.

Um estudo que analisa guias de estilo jornalístico sobre a Palestina [constatou](#) que o racismo anti-palestino foi “padronizado como prática jornalística” sob o pretexto de diretrizes editoriais que priorizam a “neutralidade e objetividade”. Por exemplo, os guias de estilo da BBC e do Instituto Internacional de Imprensa negam ou suavizam conceitos e termos palestinos fundamentais, como Nakba, refugiados e até mesmo Palestina. Essa censura intensificou-se durante o genocídio em curso em Gaza. Um memorando que vazou do jornal The New York Times [instruía](#) jornalistas a evitar o uso de “linguagem inflamatória”, incluindo termos como “genocídio”, “limpeza étnica”, “massacre”, “chacina”, “território ocupado” e “campos de refugiados” — mesmo em citações.

EDITING

Stories about Palestine were frequently subject to **unusually contested editorial processes** geared toward **pre-empting backlash** from Israel lobby groups. Multiple U.S. newsrooms directed journalists and editors to **avoid terms commonly used by human rights experts** to describe Israeli violations of international law.

To: Reporter
From: Editor
Subject: Edits to story

Hi,

Please replace the word "**apartheid**" with "**mistreatment**" in the story, even if it is from a direct quote. Remove the term "**ethnic cleansing**" and describe Israel's mass displacement of Palestinians in Gaza as "**evictions**".

Best,

*Depiction based on experiences described to Prism

ZIAD
editor, national outlet

Described how Israel lobby groups push back against senior management over every word used. "**Editorial meetings are drama. They're combative.**" One sponsor demanding strictly "pro-Israel" coverage withdrew funding.

List of words to avoid

- Apartheid
- Colonialism
- Ethnic cleansing
- Genocide
- Occupied territory
- Palestine
- Refugee camps
- Zionism

STORY BY Laura Albast
VISUALIZING PALESTINE  **SOURCES** bit.ly/vp-edited-out www.VISUALIZINGPALESTINE.ORG SEP 2025 

Fonte: [Visualizando a Palestina](#)

Outras formas de censura incluem práticas de edição prejudiciais. Vários participantes palestinos em nossa pesquisa compartilharam que agora só aceitam entrevistas ao vivo para proteger suas declarações de distorções editoriais. Mesmo em entrevistas ao vivo, alguns veículos de comunicação recusam-se posteriormente a publicar as entrevistas online. Por exemplo, a entrevista ao vivo da advogada

palestina de direitos humanos Noura Erakat com a CBS News não foi publicada online. A explicação foi que ela foi “muito defensora” e fez o âncora “soar mal”.



Noura Erakat ✅
@4noura



Cable TV is caving under tremendous pressure.
@CBSNews refused to post my intvw, @ABC
refused to post @m7mdkurd, @CNN refused to
post @YousefMunayyer. They want us on to cry
about our dead but not to provide context or
discuss responsibility.

#Gaza

Fonte: [Twitter de Noura Erakat](#)

Não se trata apenas do que queremos comunicar, mas do que precisa mudar dentro dessas estruturas que silenciam vozes críticas no processo de obtenção, publicação e, posteriormente, enquadramento ou edição das matérias. [...] Portanto, não se trata apenas de “posso simplesmente sentar aqui e imaginar um discurso agradável que surgirá sobre a Palestina? A questão é: essas instituições de mídia conseguem imaginar mudar a forma como trabalham, de modo a realmente valorizar as histórias das pessoas e querer refleti-las?”

Entrevista de pesquisa, acadêmica

*Leia mais em nossa metodologia de pesquisa [aqui](#)

Censura digital

As plataformas de mídia social têm sido cúmplices na censura e no silenciamento das vozes palestinas e do conteúdo solidário. A 7amleh, o centro árabe para o avanço das mídias sociais, monitora periodicamente o aumento da censura de conteúdo palestino por parte de empresas globais de tecnologia. O conteúdo e as contas são removidos, bloqueados e restritos; enquanto as hashtags são ocultadas e o conteúdo arquivado é excluído.

Há também uma discriminação generalizada contra os palestinos nas plataformas de mídia social, especialmente nas que pertencem à Meta, que por sua vez [reconheceu](#) esse viés em 2022.

Você pode relatar sobre os direitos digitais palestinos na plataforma 7amleh [aqui](#).



Jalal Abukhater sobre censura e cumplicidade nas redes sociais.

Fonte: [Análise aprofundada sobre a Palestina](#)

Censura Acadêmica

A produção palestina de conhecimento enfrenta há muito tempo uma repressão sistêmica nas principais instituições acadêmicas. Isso está intimamente ligado à captura política e corporativa das instituições acadêmicas ocidentais. Como Joseph Massad [observa](#), os estudos críticos sobre a Palestina ameaçam os interesses arraigados do imperialismo ocidental e do poder corporativo, tornando a própria liberdade acadêmica uma vítima das agendas políticas das elites.

Essa censura manifesta-se de várias formas:

- Censura institucional e reação contra estudantes e acadêmicos que se concentram nas perspectivas palestinas.
- Marginalização da pesquisa crítica que desafia as narrativas dominantes.
- Cancelamento ou interferência em conferências ou eventos que apresentam

perspectivas críticas sobre Israel.

- Recusa de financiamento para pesquisas, projetos ou grupos estudantis focados na Palestina.
- Exclusão dos currículos, com estudos palestinos, do Oriente Médio e áreas relacionadas frequentemente ministrados por professores não palestinos que ignoram os estudos palestinos e descoloniais.
- Pressão sobre estudantes e acadêmicos palestinos para que evitem escrever sobre sua própria luta sob o pretexto da “objetividade”, enquanto outros que trabalham com a Palestina são pressionados a adotar uma abordagem que considere “os dois lados” oferecendo um Dois-ladismos.

Essas práticas violam a liberdade acadêmica, fomentam a autocensura e restringem o espaço intelectual para abordar a Palestina em termos significativos e decoloniais.

Estudo de Caso

Em novembro de 2023, o advogado palestino Rabea Eghbariah se tornaria o primeiro acadêmico palestino a ter um artigo publicado na Harvard Law Review, intitulado *Toward Nakba as a Legal Concept* (Rumo à Nakba como conceito jurídico). No entanto, pouco antes de sua publicação, o artigo foi bloqueado inesperadamente. Posteriormente, a Columbia Law Review publicou o artigo após cinco meses de edições. Em seguida, logo após sua publicação, todo o site da revista ficou fora do ar. Mais tarde, foi revelado que, quando os editores se recusaram a impedir a publicação do artigo, o conselho de administração decidiu encerrar completamente o site.



Rabea Eghbariah sobre a censura do seu artigo “Toward Nakba as a Legal Concept”

Fonte: [Democracy Now](#)

Censura política e das ONGs internacionais

Muitos governos e instituições doadoras impõem condições políticas formais — como exigir que os grupos palestinos assinem cláusulas “antiterrorismo” em contratos que denunciam a resistência palestina como “terrorismo” com base em designações ocidentais — e políticas mais amplas que censuram as narrativas palestinas e limitam o escopo temático e geográfico de seu trabalho.

Muitas organizações palestinas são obrigadas a adotar uma linguagem que se adapte às narrativas sancionadas pelos doadores, baseadas no humanitarismo, no

desenvolvimento, na “construção da paz” e na resolução de conflitos. Por exemplo, os doadores muitas vezes proíbem as organizações locais de usar conceitos como Nakba, colonialismo de povoamento e apartheid. Em vez disso, as organizações são pressionadas a usar jargões como “vulnerabilidade”, “resiliência”, “mitigação de conflitos” e “nexo de paz”.

Essa censura também se estende a quem e em que eles podem trabalhar: muitos são restringidos a temas específicos, como gênero, empoderamento dos jovens ou direitos humanos — desprovidos de seu contexto político e confinados a um âmbito geográfico limitado, geralmente as terras palestinas ocupadas desde 1967.

Tais práticas contribuíram para a fragmentação e a despolitização da sociedade civil. Além disso, essa censura impede que os grupos palestinos articulem uma visão política unificada de libertação, reduzindo seu trabalho a projetos gerenciáveis e aprovados pelos doadores, desconectados da luta palestina mais ampla.



Fonte: [Visualizando a Palestina](#)

A censura das vozes palestinas enfraquece a autonomia palestina. Ao bloquear ou distorcer as vozes dos sobreviventes, estudiosos, ativistas e analistas palestinos, as narrativas e a produção de conhecimento palestinas são apagadas, e os espaços para representar suas experiências são negados. Quando os palestinos são censurados — seja em espaços físicos ou digitais —, o público fica exposto à desinformação e à propaganda. Isso não só normaliza a colonização israelense, mas também a protege do escrutínio e da responsabilização necessários.

DICAS:

Meios de comunicação tradicionais:

- **Adote políticas e práticas éticas:** Elimine todas as políticas e práticas que permitem reportagens tendenciosas e suprimem uma abordagem precisa e contextualizada em todo o ciclo da mídia — desde a seleção e obtenção de vozes palestinas até a filtragem editorial e guias de estilo que proíbem o uso de linguagem precisa. Comprometa-se com os princípios de independência, imparcialidade e responsabilidade na prestação de contas, em conformidade com a [Carta Global de Ética para Jornalistas](#).
- **Garanta Transparência:** Divulgue publicamente as políticas editoriais, memorandos internos e processos de tomada de decisão que moldam a cobertura da Palestina.
- **Promova a responsabilidade:** Responda e corrija casos de censura injusta e reportagens antiéticas, e comunique publicamente as medidas tomadas.
- **Nomeie palestinos para cargos de tomada de decisão:** Melhore a exatidão e as nuances nas reportagens, nomeando palestinos e outras pessoas com experiência direta na Palestina para cargos editoriais, de produção e de liderança nos principais meios de comunicação.
- **Recuse eufemismos e use terminologia precisa:** Os eufemismos suavizam ou obscurecem os danos — chame a injustiça pelo seu nome. Identifique o autor do crime e evite linguagem passiva. Uma linguagem precisa e direta respeita as pessoas afetadas e responsabiliza os infratores. (Saiba mais sobre eufemismos [aqui](#) e verifique nosso guia de terminologia [aqui](#)).

- **Respeite a análise palestina:** Publique as narrativas completas dos comentaristas palestinos sem censurar suas análises políticas ou retratá-los apenas como vítimas do luto.

Companhias de mídia social:

- **Acabe com as políticas discriminatórias:** Elimine todas as políticas tendenciosas contra os palestinos e cumpra as obrigações legais e éticas para garantir a liberdade de expressão de todas as pessoas.
- **Aumente a transparência:** Divulgue regularmente relatórios sobre as políticas e critérios de moderação de conteúdo para garantir que sejam aplicados de forma consistente.
- **Promova a responsabilidade:** Responda e corrija casos de censura injusta e violações dos direitos digitais, e comunique publicamente as medidas tomadas.
- **Incentive o diálogo:** Promova o diálogo contínuo com grupos de incidência e organizações da sociedade civil para abordar e resolver questões relacionadas com violações dos direitos digitais e censura.

Instituições acadêmicas:

- **Proteja a liberdade acadêmica:** Garanta que estudantes, acadêmicos e qualquer pessoa palestina com trabalhos críticos sobre Israel possam publicar, ensinar e falar livremente, sem medo de censura, retaliação ou interferência institucional.
- **Institucionalize mecanismos transparentes contra a censura:** Estabeleça diretrizes claras e transparentes que impeçam conselhos, administradores ou atores externos de interferir em decisões editoriais, eventos acadêmicos ou pesquisas relacionadas à Palestina com base em motivações racistas.
- **Apoie os estudos palestinos e descolonizacionais:** Promova espaços que publiquem e divulguem, em vez de temer, os estudiosos palestinos e as pesquisas descolonizadoras sobre a Palestina.

Governos e doadores:

- **Reconheça as dinâmicas de poder:** Reconheça como os mecanismos de financiamento podem reproduzir relações de dependência e colonialismo.
- **Garanta à Autonomia Palestina:** Respeite as organizações e grupos palestinos para identificar suas prioridades, estratégias e narrativa.
- **Comprometa-se com a decolonização da ajuda:** Acabe com o financiamento condicional e deixe de impor condições restritivas que ditam as estratégias e o envolvimento dos grupos da sociedade civil palestina com as pessoas e as comunidades. Isso deve incluir respeitar e reconhecer a luta nacional anticolonial legítima do povo palestino e seu direito de resistir, bem como empoderar os grupos palestinos para que definam suas próprias narrativas e escopo de trabalho.
- **Rejeite a despolitização:** O trabalho da sociedade civil palestina é inherentemente político. Forçá-la a se encaixar em estruturas isoladas, como humanitária, direitos humanos, gênero ou empoderamento dos jovens — sem contexto político — não permite analisar a situação com precisão e encontrar respostas adequadas.

Incidência e Ativismo:

- **Combate à autocensura:** Mantenha-se firme ao falar, escrever e defender suas ideias. Sua voz é essencial para recuperar as narrativas e a autonomia palestinas.
- **Mantenha sua mensagem sem remorso:** Mantenha-se autêntico ao comunicar as realidades da opressão colonialista e seja estratégico na forma como transmite sua mensagem.
- **Desafie a censura:** Responsabilize os meios de comunicação, instituições acadêmicas, agências doadoras e empresas de mídia social quando censuram vozes palestinas e solidárias. Quando for relevante, exponha publicamente a censura, apresente reclamações e amplifique as vozes que as instituições tentam silenciar.

Recusando Eufemismos

Explicação

Eufemismos — termos suavizados, vagos ou passivos — são rotineiramente empregados quando se comunica a luta palestina.

“Um homem que possui uma língua possui, consequentemente, o mundo expresso e implícito nessa língua.”

Frantz Fanon, ‘[Pele negra, máscaras brancas](#)’

Discursos políticos, reportagens jornalísticas, relatórios humanitários e comunicações de agências internacionais frequentemente empregam eufemismos de várias formas:

Voz Passiva

Isso apaga o autor do crime, fazendo com que a violência colonial pareça um acidente, em vez de um ato sistêmico de agressão:

- “Dezenas foram mortas” em vez de “Israel massacrou/matou 40 palestinos”.
- “Edifícios desabaram/explodiram” em vez de “Bombardeios israelenses destruíram casas familiares”.

Linguagem Reducionista

Isso minimiza e apaga o contexto político da colonização israelense:

- “Bairros” em vez de “assentamentos”.
- “Despejo” em vez de “expulsão forçada”.
- “Motins” ou “confrontos” em vez de “protestos contra a ocupação israelense”.
- “Dispersar multidões” em vez de “reprimir manifestantes com força letal”.
- “Barreira” ou “muro de segurança” em vez de “muro do apartheid” ou “muro da anexação”.

Linguagem legitimadora

Isso dá suporte às ações e políticas israelenses, apresentando-as como “defensivas” em vez de agressivas e coloniais:

- “Forças de Defesa de Israel (IDF)” em vez de “Forças de Ocupação de Israel (IOF)”.
 - “Operações defensivas” ou “operações antiterroristas” em vez de “ofensivas militares/agressões/ataques”.

Linguagem excepcionalista

Apresenta a violência sistêmica israelense como incidentes isolados:

“Ataques extremistas” em vez de “violência dos colonos apoiada pelo Estado”.

- Ênfase excessiva no “governo/funcionários de direita” de Israel, sugerindo que suas políticas são excepcionais, em vez de consistentes com as políticas coloniais de longa data de Israel em todos os governos.

Saiba mais em nossa [ferramenta de terminologia](#).

The image displays two side-by-side screenshots from The New York Times website. Both screenshots feature the same header with the newspaper's logo and navigation links. The left screenshot shows a news article about evictions in Jerusalem, where the headline and text refer to "Forced expulsions" and "Ethnically cleanse Palestinians". The right screenshot shows a news article about Israeli actions in Gaza, where the headline and text refer to "is Deliberately Destroying" and "Forcing" Palestinians to flee, while also mentioning "demolishing" buildings.

Fonte: Twitter de Assal Rad, [aqui](#) e [aqui](#).

O eufemismo não é apenas uma escolha linguística, é uma ferramenta deliberada de censura e apagamento. A linguagem utilizada para enquadrar a injustiça molda profundamente a percepção pública global e a resposta política. Termos higienizados e reducionistas eliminam a possibilidade de compreender o contexto completo das experiências palestinas, reforçando narrativas que obscurecem a gravidade dos crimes israelenses e impedem esforços significativos em direção a uma mudança sistêmica.

DICAS:

- **Desenvolva diretrizes éticas:** Estabeleça e aplique diretrizes e políticas éticas claras em relação à linguagem no seu local de trabalho ou compromisso.
- **Recuse eufemismos e use terminologia precisa:** Chame a injustiça pelo seu nome. Identifique o autor do crime e evite linguagem passiva. Certifique-se de que toda a linguagem situe os eventos dentro de seu contexto colonial mais amplo e evite termos reducionistas ou suavizados que minimizem a violência sistêmica e os crimes internacionais. Uma linguagem precisa e direta respeita as pessoas afetadas e responsabiliza os infratores.

* Saiba mais em nossa [ferramenta de terminologia](#).

Resistindo à Apatia

Explicação

“Perder a capacidade de ficar chocado, horrorizado — de sentir a dor dos outros, de qualquer pessoa — e ficar indiferente diante de atrocidades sempre foi uma preocupação constante para mim. É assim que avalio minha própria determinação e força. A essência da mente humana é a força de vontade, a do corpo é a ação e a do espírito é a emoção. A empatia — sentir a dor da humanidade — é a essência da civilização humana.

Walid Daqqa, [Carta](#) no primeiro dia do seu vigésimo ano na prisão israelense

Um fenômeno preocupante e arraigado na comunicação sobre a Palestina é a normalização da violência colonial israelense e a insensibilidade ao sofrimento palestino. Essa dessensibilização não é acidental; ela é moldada por sistemas globais de imperialismo e racismo, mídia prejudicial e enquadramento político, além de fatores psicológicos que levam a perceber a opressão palestina como algo comum e inevitável.

Essa apatia não é encontrada apenas em ambientes hostis. Isso também pode afetar os próprios palestinos e seus aliados, que podem internalizar a normalização da violência como um mecanismo de defesa.

Normalização do sionismo

A insensibilidade do público internacional à opressão do povo palestino decorre, em grande parte, da normalização do regime colonial sionista. Que um sistema colonialista do século XXI, juntamente com a “[ocupação bélica mais longa do mundo moderno](#)”, continua sem interrupções é o status quo.

Racismo global

Essa normalização não é exclusiva do contexto palestino: faz parte de um sistema global de imperialismo e racismo que condiciona as pessoas a aceitarem a violência prolongada contra povos racializados como inevitável. Desde o policiamento violento e a prisão em massa de pessoas negras, até a desumanização de refugiados e a expropriação e exploração de povos indígenas, o sofrimento das pessoas de cor é constantemente tratado como “algo normal”.

O racismo e as ideologias imperialistas não só tornam as pessoas insensíveis, como também tentam condicionar os próprios oprimidos a se acostumarem a suportar guerras, genocídios e deslocamentos forçados.



Saleem Lubbad sobre como o sofrimento dos palestinos é normalizado

Fonte: [Análise aprofundada sobre a Palestina](#)

Mídia seletiva e atenção política

A Palestina costuma estar no centro das atenções da mídia e do discurso político quando a resistência palestina ameaça Israel, muitas vezes provocando uma onda de condenação que apaga o contexto e rotula os palestinos como “terroristas”.

“Na manhã de sábado, 7 de outubro, meu telefone começou a tocar sem parar. Pela grande quantidade de ligações recebidas da mídia ocidental, e sem ver as notícias, eu sabia que vidas israelenses devem ter sido perdidas. Por quê? Porque, depois de viver na Palestina há muitos anos, aprendi que os meios de comunicação ocidentais raramente ligam com tanta urgência quando Israel mata palestinos.”

Diana Buttu, ‘Quando as vidas palestinas são tão desumanizadas, o sofrimento palestino é normalizado’

O outro momento em que a Palestina atrai a atenção é durante as chamadas “escaladas de violência”. No entanto, a intensidade é relativa, e mesmo 400 palestinos mortos em Gaza todas as semanas deixam de ser notícia após algum tempo. Enquanto isso, os períodos entre derramamentos de sangue palestinos visíveis e ataques militares em grande escala são percebidos como momentos de “paz”.

A violência colonial israelense, no entanto, vai além da destruição visível. Inclui formas mais lentas e menos visíveis de violência, como a negação do direito de retorno, a negação do direito de enterrar entes queridos, a fragmentação das famílias e a erosão dos laços comunitários. Todos são uma lenta erosão da dignidade. Enquadrar essas realidades como “silenciosas” é aceitá-las como normais.

“Não existe ocupação de território, por um lado, e independência das pessoas, por outro. É o país como um todo, sua história, sua pulsação diária que são contestados, desfigurados, na esperança de uma destruição final. Nestas condições, a respiração do indivíduo é uma respiração observada, ocupada. É uma respiração de combate.”

Frantz Fanon, ‘A Dying Colonialism’ (Um Colonialismo que está morrendo)

Essa atenção seletiva — destacando a “violência” palestina, enquanto trata a opressão israelense apenas como “escaladas” esporádicas e normaliza sua violência diária — alimenta a apatia. Na consciência pública, a violência constante imposta aos palestinos é apagada, apresentando-os como irracionalmente violentos e tornando seu sofrimento mais fácil de ignorar.



Dr. يارا هواري د. @yarahawari



The [@nytimes](#)'s [@PatrickKingsley](#) reports that there have been “years of quiet”, but who exactly has it been quiet for? It certainly hasn’t been quiet for the millions of Palestinians under siege & colonial occupation who face erasure & expulsion from their lands.

The screenshot shows the header of The New York Times website. It includes the site's logo, navigation links like '≡ The New York Times ⋮', and categories such as 'The Israeli-Palestinian Conflict', 'LIVE Updates', and 'What to Know'. The main headline of the article is visible below the header.

After Years of Quiet, Israeli-Palestinian Conflict Exploded. Why Now?

A little-noticed police action in Jerusalem last month was one of several incidents that led to the current crisis.

Fonte: [Twitter de Yara Hawari](#)

Fadiga da Compaixão

O fenômeno da dormência também é reforçado psicologicamente. [Estudos](#) demonstraram como a exposição repetida ao sofrimento alheio leva ao desligamento emocional, conhecido como fadiga da compaixão. [A fadiga das notícias](#) também desempenha um papel importante, no qual os indivíduos ficam sobrecarregados pelo fluxo constante de informações angustiantes, levando-os a evitar intencionalmente as notícias, mesmo quando elas se referem a atrocidades catastróficas em andamento. Além disso, há [entorpecimento psíquico](#) resultante da incapacidade das pessoas de compreender as perdas de vidas à medida que crescem.

DICAS:

- **Recuse-se a ficar insensível:** Resista à normalização do horror. O sofrimento palestino não dá trégua, nem mesmo para o luto.
- **Mantenha o bem-estar mental e emocional:** Proteja-se faz parte de manter a luta. Priorize o descanso, os cuidados, a reflexão e as relações de apoio.
- **Equilibre o bem-estar com a responsabilidade:** Reconheça a fadiga da compaixão, mas não como uma desculpa para a apatia. Crie espaço para o cuidado, mantendo-se politicamente engajado.
- **Obtenha força dos coletivos:** A exaustão emocional é real, mas lembre-se de que você não está sozinho nessa luta — o poder coletivo é o seu maior recurso. Conecte-se com redes globais de solidariedade e construa alianças entre movimentos e comunidades.
- **Mantenha a consistência:** Evite cobertura, atenção e mobilização esporádicas que só aumentam durante a violência destrutiva. A inconsistência corre o risco de alimentar a apatia, que normaliza a opressão e apaga a urgência da libertação palestina.
- **Forneça contexto e mostre a realidade violenta em suas múltiplas camadas:** Destaque o contexto da colonização, enfatizando que cada dia sob esses sistemas é marcado pela violência e pela opressão. Reconheça que a violência colonial transcende as balas e inclui formas mais sutis de opressão. Certifique-se de que sua comunicação não inclua apenas momentos de resistência e reação por parte dos palestinos.
- **Abrace a libertação interseccional:** Lembre-se de que a luta global pela justiça está interligada, e sua voz faz parte de uma luta maior pela justiça e dignidade contra os sistemas de imperialismo e racismo. Quando você defende a Palestina, você está resistindo a todos os sistemas que tratam algumas vidas como descartáveis.

Visualizando

Introdução

A comunicação visual — fotografia, vídeos, filmes, animações, desenhos, ilustrações, infográficos, cartazes, arte e até mesmo as imagens construídas em nossa imaginação por meio das narrativas que mantemos — tem o poder de evocar emoções, transmitir realidades, criar narrativas, servir como testemunhos e mobilizar mudanças. Em uma época em que a capacidade de atenção humana se reduziu a apenas alguns segundos e as telas dominam nossas vidas, os recursos visuais são mais importantes do que nunca. Como diz o ditado, uma imagem vale mais que mil palavras.

Para os palestinos, o poder da narrativa visual tem um significado profundo. A contínua negação do direito de retorno por parte de Israel e as severas restrições ao acesso à terra palestina, tanto para palestinos quanto para estrangeiros, significam que, para grande parte do mundo, a única conexão com a Palestina é através das lentes daqueles que podem capturá-la.

No entanto, mesmo esse ato de representação visual tem um custo enorme. Israel há muito tempo tem como alvo jornalistas, fotógrafos, cineastas e artistas palestinos, com a intenção de apagar a realidade palestina. A fotojornalista palestina Fatima Hassouna foi assassinada em abril de 2025, apenas um dia depois de um documentário sobre o seu trabalho, *Put Your Soul on Your Hand and Walk* (Guarde o Coração na Palma da Mão e Caminhe) ter sido selecionado para exibição no Festival de Cinema de Cannes.



© Jihad Hassouna. Extraído de [Mediterranean Magazine](#)

O assassinato de Fátima não é um ataque isolado. O genocídio de Israel em Gaza é o [mais mortal](#) para jornalistas na história moderna, com mais mortos do que nas duas guerras mundiais, nas guerras do Vietnã, da Iugoslávia e do Afeganistão juntas.

A censura generalizada, a distorção, os estereótipos, o preconceito e a desumanização dos palestinos na mídia tradicional e no discurso político contribuem para isso.

Os comunicadores visuais têm, portanto, uma responsabilidade crítica: desafiar, em vez de reforçar, as deturpações. Essa responsabilidade vai muito além daqueles que capturam imagens e vídeos ou criam arte — ela inclui aqueles que editam, publicam, legendam, exibem, distribuem e comercializam esses recursos visuais. Cada etapa desse processo molda a forma como essas imagens são enquadradas e compreendidas, trazendo consigo a responsabilidade de garantir que o contexto, a dignidade e a autonomia das pessoas retratadas sejam respeitados.

Clichês visuais

Esta seção examina representações visuais prejudiciais relacionadas aos palestinos e à Palestina. Embora a análise se concentre na Palestina, muitas das ideias aplicam-se a outros contextos onde o colonialismo, o racismo e a exploração persistem, e onde as imagens muitas vezes reforçam representações prejudiciais.

Binarismo
Orientalismo
Comercialização
Romantização
Violação do consentimento
Complexo de Salvador
Desrespeito à segurança
Desrespeito cultural
Emparelhamentos tendenciosos

1. Representações binárias: Vítimas vs. Violentos

Tal como outras formas de comunicação, os elementos visuais muitas vezes reduzem os palestinos a binários desumanizantes: ou são retratados como “inerentemente violentos” ou como vítimas perpétuas.

As imagens utilizadas para nos representar apenas diminuem ainda mais a nossa realidade. Para a maioria das pessoas, os palestinos são vistos principalmente como combatentes, terroristas ou párias sem lei. Diga a palavra “terror” e um homem usando uma kuffiyah e máscara, carregando uma Kalashnikov, imediatamente surge diante dos olhos. Em certa medida, a imagem de um refugiado indefeso e com aparência miserável foi substituída por esta

imagem ameaçadora como o verdadeiro ícone da “Palestina”.

Edward Said, ‘After the Last Sky’ (Após o último céu)

Por um lado, as imagens tendem a enfatizar excessivamente as crianças, as mulheres e os idosos: crianças correndo descalças por campos de refugiados empoeirados, mulheres amontoadas entre os escombros, idosos apoiados em muletas enquanto são deslocados, multidões perseguindo desesperadamente caminhões de ajuda humanitária. Embora essas cenas capturem momentos reais de dificuldade, elas são frequentemente descontextualizadas, privando os palestinos de sua dignidade e autonomia e reduzindo-os a objetos de piedade.

Por outro lado, os palestinos, especialmente os homens, são frequentemente retratados como “inerentemente violentos”, com imagens que se concentram em momentos de violência chamada “escalada”: jovens mascarados atirando pedras, combatentes armados em becos escuros, multidões caóticas. Essas cenas são enquadradas para transmitir agressividade e perigo, reforçando estereótipos como o [“terrorista”](#) ou “árabe irracional e raivoso”.



Como Hollywood demonizou os palestinos como “terroristas” e violentos

Fonte: [Reel Bad Arabs](#) Documentário

Essa visão binária impede que os palestinos sejam vistos como seres humanos plenos e multifacetados, obscurece sua realidade e prejudica sua dignidade e autonomia.

*Explore mais sobre estereótipos [nessa seção](#)

Como eles nos veem, como nos vemos

Em 2019, realizamos um projeto que explorou a representação visual dos palestinos. Os participantes compartilharam como se percebem, ao mesmo tempo em que descreveram as maneiras como se veem sendo retratados internacionalmente. Os resultados ilustram a diferença entre o que se percebe ser comunicado e o que é real.

Mays, gerente de comunicações da Build Palestine:

"A representação dos palestinos na grande mídia geralmente se baseia em uma dicotomia redutora: somos retratados como vítimas indefesas ou resistentes violentos. A complexidade total da nossa experiência de vida é frequentemente ignorada. Embora seja inegável que suportamos a brutal injustiça que nos é imposta, somos mais do que a soma das nossas lutas. Somos escritores, poetas, músicos, cientistas, empreendedores, criadores, inovadores. Somos um povo que continua a imaginar um futuro, apesar do peso da nossa realidade. Buscamos a alegria, não como uma fuga, mas como um ato de rebeldia. Saboreamos a vida não apesar das nossas circunstâncias, mas por causa delas."



Sama, Assessora de Projetos de Mídia e Comunicação

"A mídia nos mostra como pessoas necessitadas, sujas e pobres. Essas narrativas meio que encobrem isso, retratando esse olhar sujo com um sorriso. Além disso, usando grandes tanques de lixo e um brinquedo. Mas você quase não vê na mídia que estamos tentando fazer uma mudança. É uma questão de participação social. Temos iniciativas e movimentos sociais que causam impacto, por exemplo, utilizando terras abandonadas, plantando nelas e vendendo produtos orgânicos. Nós nos conectamos com a terra e, com a renda, apoiamos outras iniciativas comunitárias. Para mim, participação social é ensinar minhas filhas a serem sobreviventes ativas e limpar o lixo das ruas, em vez de criticar passivamente a cultura."



Mohammad, Cineasta e fotógrafo

"A mídia oficial nos chama de "os filhos das pedras". Mas todos os seres humanos são iguais... Quero dizer, há fotógrafos em todos os lugares e nós não somos a região mais pobre e perigosa do mundo. Existem lugares que estão em situação muito pior, e eles também têm fotógrafos e artistas, e todos deveriam saber disso sem precisar ver uma imagem. Mas esta imagem [a imagem à direita] poderia ser usada apenas para quebrar a ideia de que os palestinos são apenas pessoas que atiram pedras ou mulheres que abraçam oliveiras. Também existem palestinos com dreadlocks."



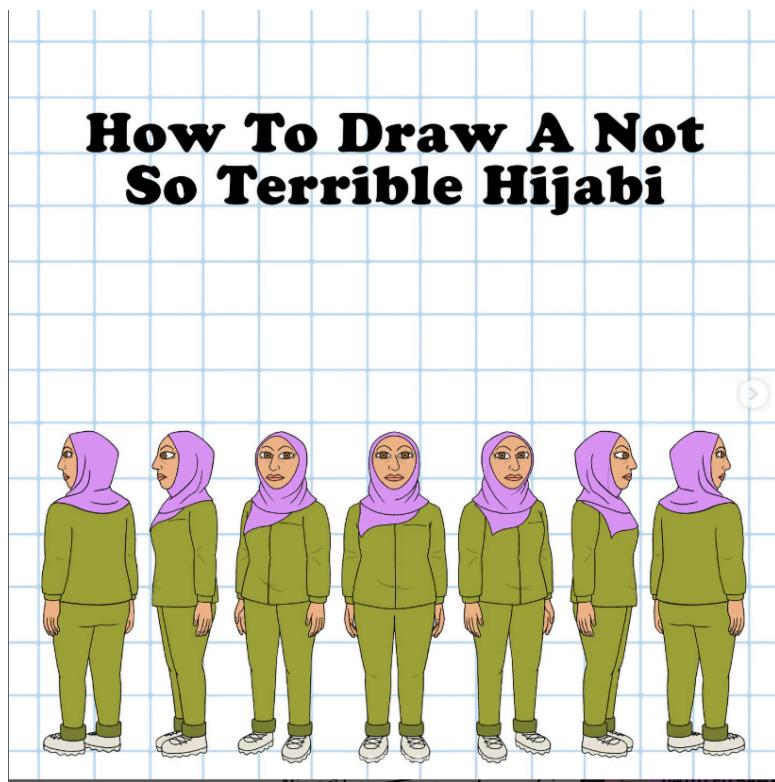
© Communicating Palestine

2. Representações orientalistas

A representação orientalista no cinema, na arte, na mídia, na política e no desenvolvimento há muito tempo domina a imagem visual das pessoas racializadas, incluindo os palestinos, reforçando estereótipos, narrativas coloniais e clichês desumanizantes.

As imagens dos palestinos frequentemente os exotizam como inherentemente perigosos, violentos, atrasados e misteriosos, enfatizando sua “alteridade” percebida por meio de um conjunto de características simplistas, romantizadas ou fetichizadas.

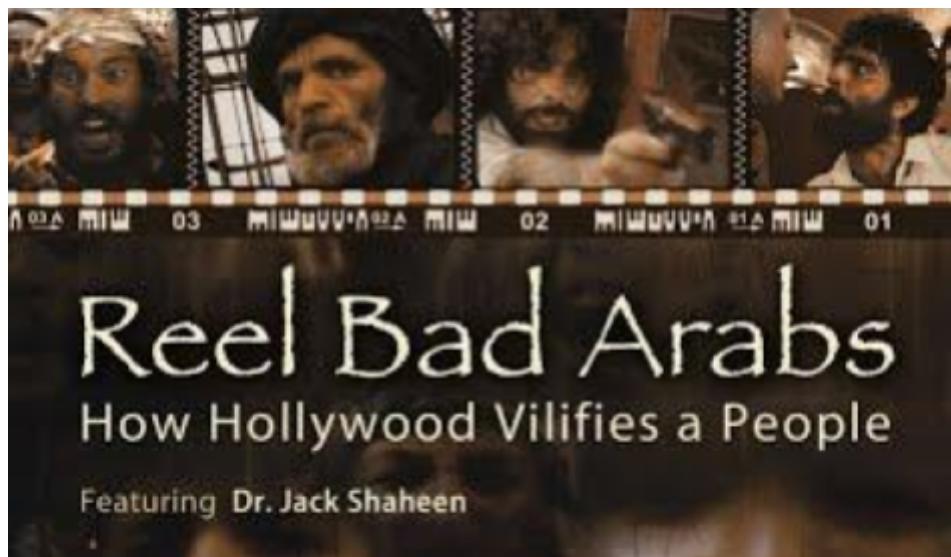
Os clichês comuns incluem representações dos palestinos como primitivos ou congelados no tempo, reforçando a ideia de que eles estão desconectados do progresso. Isso se reflete frequentemente em imagens recorrentes de mulheres com véu, beduínos em camelos ou pastores vagando pelos campos.



Acesse [o carrossel](#) de Mona Chalabi para saber mais

Outras imagens orientalistas baseiam-se na dicotomia familiar entre a vítima passiva e o “selvagem violento” por natureza.

Em última análise, essas representações visuais orientalistas posicionam os palestinos como objetos de curiosidade, medo ou pena, em vez de agentes ativos com culturas e civilizações ricas, identidades diversas e uma nobre luta política. Isso reforça uma sensação de distância entre o Ocidente “civilizado” e o mundo não ocidental “exótico”.



Trailer do Documentário "[Reel Bad Arabs: Como Hollywood difama um povo](#)"

3. Apropriação visual e comercialização

A despolitização e a comercialização dos símbolos de resistência e do trauma são agora comuns. A identidade e as experiências palestinas são reduzidas a uma série de estéticas exóticas e consumíveis, despojando símbolos e imagens poderosos de seu significado político e transformando o sofrimento em conteúdo comercializável.

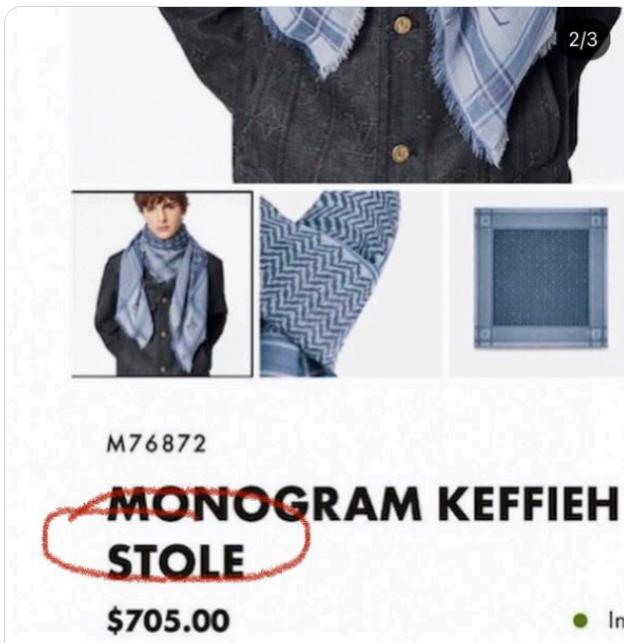
Exemplos incluem:

- **Resistência mercantilizada:** símbolos como Handala, a criança refugiada dos desenhos animados de Naji al-Ali, que simboliza *sumoud* (determinação, firmeza, perseverança) e o direito ao retorno, são reduzidos a itens decorativos, como adesivos e capas de celular. A *kuffiyah* é igualmente apropriada pela moda de luxo, renomeado como um lenço de grife de US\$ 700.

 Heather Alexandra 
@MsWonderHeather

∅ ...

Pretty ironic that Louis Vuitton is referring to their “adaptation” of a Palestinian keffiyeh as a “stole.” At least they got something right!



Fonte: [Twitter de Heather Alexandra](#)

- **Trauma mercantilizado:** As imagens do sofrimento palestino são frequentemente exploradas por instituições de caridade internacionais e organizações humanitárias para arrecadar fundos, reduzindo a violência colonialista contínua a imagens de “crise” comercializáveis.

4. Romantizando a realidade opressiva

As imagens e as formas como as reproduzimos contribuem para imaginar realidades e aceitar instantâneos como fatos. Na Palestina, o paradoxo é que qualquer representação da opressão também corre o risco de reafirmar sua existência, em vez de se opor a ela.

Representações repetidas de escombros, postos de controle ou do muro do apartheid podem transformar essas ferramentas de opressão em uma “aparência” reconhecível associada à Palestina — uma “estética” em vez de uma evidência de injustiça e uma realidade urgente a ser desmantelada.

“O Muro [do apartheid] volta e somos quase obrigados a reafirmar sua existência e nossa impotência... quando continuamos a representá-lo; o Muro se torna um objeto

palestino, se torna uma estética palestina, como a destruição de Gaza, se tornou nossa estética, estética da destruição, e devemos sempre permanecer cautelosos e denunciar: “esta é a estética da destruição. Essa é a estética do destruidor”. Chegar a algum tipo de solução não deve ser através da reafirmação, mas sim através da eliminação, a eliminação do Muro e tudo o que ele representa, visual e fisicamente.”

Yazan Khalili

Romantizando os palestinos como heróis

Há também uma tendência para romantizar os próprios palestinos. As representações visuais frequentemente os retratam como heróis, ícones de *sumoud* (determinação, firmeza, perseverança), ou figuras míticas de resistência — seja em uma foto viral de uma criança atirando uma pedra ou na interpretação de um artista que retrata um jornalista como um super-herói.

Embora não haja dúvida de que muitos palestinos encarnam o heroísmo através da sua coragem em resistir à opressão israelense, o perigo reside em reduzir a humanidade palestina a arquétipos simbólicos e correr o risco de apagar as suas vulnerabilidades e o seu sofrimento. Essa estética do heroísmo enquadra a firmeza como uma escolha voluntária, em vez de uma condição imposta pela violência colonialista. Ao divulgar essas imagens, a representação corre o risco de tornar o público insensível ao sofrimento palestino, desviando o olhar para a admiração pela força, em vez da urgência de enfrentar o sofrimento genuíno causado pela realidade colonialista.

*Saiba mais sobre o estereótipo de palestinos como heróis [nessa seção](#)



Fonte: [Instagram de Omar Al Sayed](#)

5. Falta de consentimento e abordagens participativas

Os palestinos são frequentemente fotografados sem consentimento, e sua privacidade e preferências são consideradas secundárias. Esse é o caso, particularmente, quando se fotografam crianças sem envolver elas ou seus pais, reduzindo-as a símbolos de vitimização ou símbolos visuais de uma luta sem a sua permissão.

Práticas semelhantes ocorrem quando palestinos são fotografados em momentos vulneráveis — como quando estão feridos no hospital ou recebendo ajuda — sem qualquer consideração pela sua dignidade. Em contextos de protesto, fotografias tiradas sem cuidado também podem colocar indivíduos em risco, expondo-os à vigilância, prisão ou outras formas de repressão.

A falta de consentimento e de envolvimento ativo nesses contextos é antiética. Isso priva os palestinos de sua autonomia e dignidade, reforça narrativas desumanizantes e pode expô-los a riscos de segurança.



Guia de redes sociais para viajantes

Fonte: [Radi-Aid](#)

6. O complexo do salvador branco e o egocentrismo

O complexo do salvador branco, às vezes chamado de síndrome do salvador branco ou salvacionismo branco, refere-se a pessoas brancas que presumem saber o que é melhor para as pessoas da maioria global. Eles acreditam — seja por preconceito inconsciente ou explícito — que é sua responsabilidade “salvar” e apoiar pessoas racializadas que eles consideram não terem os recursos, a força de vontade e a inteligência para fazer isso por conta própria.

Visualmente, isso muitas vezes se manifesta em estrangeiros tirando fotos que os colocam como “salvadores”, sem levar em conta o consentimento e a privacidade das pessoas fotografadas. Tais práticas reforçam dinâmicas de poder prejudiciais e minam a dignidade e a autonomia dos palestinos.



Extraído de uma página antiga de [Go Palestine](#)

7. Desrespeito à segurança e proteção

Fotos e vídeos de palestinos resistindo são frequentemente usados como arma pelas autoridades coloniais israelenses para reprimir, prender, torturar e até mesmo assassinar. Devido a esses riscos, os palestinos aprenderam a cobrir o rosto durante os protestos, já que até mesmo o ato de protestar tem sido usado pelos tribunais coloniais israelenses como “prova” para prisão.

A captura e a circulação dessas imagens na mídia ou nas redes sociais, sem preocupação com a segurança das pessoas retratadas, refletem um desrespeito pela segurança dos palestinos.

8. Desrespeito às fronteiras culturais

Na Palestina, como em muitas outras culturas, certas comunidades não gostam de ser filmadas ou fotografadas, mas na maioria das vezes recebem calorosamente os visitantes estrangeiros. Muitos palestinos – é o caso dos campos de refugiados ou das comunidades beduínas – muitas vezes sentem o voyeurismo dos visitantes.

As dinâmicas de poder muitas vezes impedem-nos de expressar os seus limites, enquanto jornalistas, diplomatas e pesquisadores internacionais tendem frequentemente a dar prioridade aos seus próprios interesses em detrimento do respeito pelas fronteiras e normas culturais.

9. Telas divididas e imagens emparelhadas que distorcem a mensagem

Em filmes, publicações nas redes sociais, reportagens e noticiários, é comum combinar conteúdo falado ou escrito com imagens simultâneas. Essas imagens paralelas, seja em uma tela dividida, lado a lado em material impresso ou como fundo em entrevistas, podem influenciar significativamente a forma como a narrativa principal é percebida.

Um exemplo dessa prática pode ser visto no uso de telas divididas pela mídia. De um lado, os espectadores veem representantes da desinformação israelense, retratados como fontes legítimas e imparciais, fornecendo um contexto distorcido sobre a ocupação. Por outro lado, os palestinos são retratados como gritando e furiosos, muitas vezes usando *kuffiyahs*. Os palestinos que protestam são retratados como “motins”, enquanto as autoridades israelenses são apresentadas como a ordem no caos, como guardiãs da democracia contra o “terrorismo”, em vez de perpetradoras do colonialismo e do genocídio.

A forma descontextualizada e muitas vezes estratégica como as imagens são utilizadas pode distorcer as narrativas e histórias palestinas e reforçar estereótipos prejudiciais.



Colagem de capturas de tela do episódio Listening Post da Al Jazeera, “[Telas divididas e narrativas dissonantes](#)”

Visualizando com ética

Estas recomendações destinam-se a qualquer pessoa que utilize conteúdo visual para comunicar sobre a Palestina, incluindo cineastas, fotógrafos, artistas, criadores de conteúdo, profissionais da mídia, organizações de desenvolvimento, turistas, ativistas e o público em geral, a fim de garantir que a narrativa visual respeite as identidades e experiências palestinas.

Embora as recomendações se concentrem na Palestina, muitos dos princípios e dicas aplicam-se a outros contextos em que o colonialismo, o racismo e a exploração persistem, e onde as imagens muitas vezes reforçam representações prejudiciais.

Princípios Fundamentais

- **Dignidade humana:** As pessoas não são objetos ou símbolos; são seres humanos completos.
- **Autonomia e consentimento:** Priorize a autonomia em detrimento da criação de imagem.
- **Contexto e representação:** Conte a história completa e evite estereótipos ou narrativas descontextualizadas.
- **Não causar danos:** garantir a proteção contra danos físicos, psicológicos, culturais e à reputação.
- **Reciprocidade e responsabilidade:** Aborde a ética como algo relacional e em evolução.

Representação e Poder

- **Reconheça as dinâmicas de poder:** Esteja atento às dinâmicas de poder no ato da representação visual e ao impacto que isso tem na vida e na realidade das pessoas retratadas.
- **Descentralize o artista/fotógrafo:** Utilize técnicas para transferir o poder no processo visual e centrar a autonomia da pessoa representada.
- **Contextualize a representação:** Conte todo o contexto e a história e evite estereótipos, a fim de retratar as pessoas e as histórias de forma ética em seu ambiente mais amplo.

- **Rejeite os estereótipos orientalistas:** Não retrate os palestinos como “primitivos, pobres, congelados no tempo, exóticos, inerentemente violentos” ou outros estereótipos prejudiciais. Reconheça como as representações visuais podem reforçar percepções racistas, patriarciais e coloniais.
- **Retrate a autonomia:** Enfatize os palestinos como agentes ativos. Capture a resistência palestina, o *sumoud* (determinação, firmeza, perseverança) e a criatividade sem romantizar as pessoas ou cair na exploração das vítimas.
- **Cultive a solidariedade, não a piedade:** Evite imagens que retratem os palestinos como subservientes, submissos ou necessitados de ajuda. Essas representações estimulam a piedade em vez da solidariedade. Em vez disso, concentre-se em imagens que capturem autonomia, dignidade e resistência coletiva.
- **Mostre a plenitude da vida e da experiência palestinas:** Capture a complexidade da vida palestina além dos momentos de opressão israelense, incluindo rotinas diárias, cultura, patrimônio e laços comunitários. Rejeite a tendência de retratar os palestinos apenas em momentos de dificuldade ou como unidimensionais.
- **Diversifique a representação:** Capture os palestinos em toda a sua diversidade, refletindo todos os gêneros, classes sociais, religiões, normas culturais, localização geográfica, origens e funções. Isso inclui mostrar homens, mulheres, crianças e idosos como estudantes, pais, trabalhadores, artistas, líderes comunitários, os que lutam pela liberdade e muitos outros que, juntos, formam o rico tecido social da sociedade palestina.
- **Desafie a estética da opressão:** Esteja ciente de que representações constantes de destruição, ruínas ou figuras heróicas podem, involuntariamente, reafirmar o poder colonial e romantizar tanto as estruturas opressivas quanto as pessoas. Use recursos visuais que resistam a transformar a destruição ou a firmeza em símbolos e, em vez disso, afirmem a complexidade da vida palestina.
- **Evite a comercialização da luta:** Evite comercializar símbolos de resistência para obter lucro ou o sofrimento palestino como ferramenta de marketing.

Engajamento de base

- **Defina sua intenção:** Defina claramente por que você deseja capturar uma determinada imagem ou vídeo. Que mensagem, emoção ou ação você espera evocar? Você está realmente tentando compartilhar histórias e vozes palestinas, ou o objetivo é se apresentar como um herói ou promover o trabalho da sua organização?
- **Desconstrua seu privilégio:** Reconheça o desequilíbrio de poder inerente ao seu papel como fotógrafo, cineasta ou documentarista.
- **Compreenda o contexto:** Pesquise ou pergunte sobre o contexto e as histórias da comunidade que você está capturando.
- **Garanta uma abordagem participativa e o consentimento informado:**
 - Respeite a privacidade dos outros e peça permissão antes de tirar fotos ou gravar vídeos deles. Geralmente, não é necessário obter consentimento para fotos de multidões ou quando o foco está em uma situação e não em indivíduos específicos, especialmente se as pessoas retratadas não forem reconhecíveis.
 - Se a pessoa for menor de idade, obtenha sempre o consentimento dos pais ou responsáveis.
 - Pergunte aos palestinos onde e como eles gostariam de ser retratados e deixe-os participar de cada etapa do processo.
 - Comunique claramente como e onde o visual será utilizado. Uma pessoa pode dar consentimento para ser fotografada, mas não para que sua foto seja exibida no folheto da sua organização, em um grande outdoor ou nas suas redes sociais com um apelo para doações.
 - Deixe claro que recusar o consentimento não acarreta consequências negativas.
 - Certifique-se de que o conhecimento sobre o consentimento seja transferido para toda a equipe responsável pela seleção, edição e publicação de recursos visuais.
 - O consentimento informado deve ser obtido com cautela pelos trabalhadores do setor de desenvolvimento internacional. Muitas vezes, existe uma relação de dependência entre a organização doadora e as pessoas que ela atende. Isso pode resultar em uma pressão implícita sobre as pessoas para que aceitem ser fotografadas, mesmo que não se sintam à vontade para concordar. Nesses casos, é responsabilidade do fotógrafo priorizar abordagens participativas com

base em sinais de desconforto.

“O poder não é simplesmente uma questão de coerção ou dominação, mas também opera por meio do consentimento e da participação”.

Stuart Hall

- **Evite momentos de vulnerabilidade:** Evite capturar palestinos em situações vulneráveis, como quando estão feridos, quando perseguem um caminhão de ajuda humanitária ou quando recolhem seus pertences em meio à angústia da demolição de suas casas.
- **Respeite as fronteiras culturais e os costumes locais:** Obtenha consentimento e evite fotografias intrusivas que desrespeitem os costumes e tradições locais ou que possam prejudicar a reputação dos palestinos.
- **Evite o complexo de salvador:** Evite transformar a luta existencial dos palestinos em conteúdo polêmico para suas redes sociais. Não se posicione como o herói nas histórias palestinas.
- **Proteja a privacidade e a segurança:** Ao fotografar palestinos resistindo, protestando ou em qualquer contexto em que possam correr o risco de retaliação israelense, priorize a segurança deles usando ângulos criativos e silhuetas que protejam sua identidade.

Edição e publicação

- **Apresente uma contextualização precisa:** Inclua legendas, descrições, citações diretas e recursos adicionais que capturem a história completa e forneçam contexto sobre o local, o momento e os atores envolvidos.
- **Use recursos visuais que reforcem a mensagem:** Certifique-se de que os recursos visuais que acompanham entrevistas, filmes, conteúdo de mídia social ou relatórios não prejudiquem ou distraiam a mensagem ou a história.
- **Edit com integridade:** Evite manipular imagens, filmagens ou sons de forma que possa induzir os espectadores em erro ou deturpar o que é retratado.
- **Equilibre a narrativa com a segurança:** Evite publicar imagens que possam colocar os palestinos em risco de prisão, vigilância ou retaliação. Utilize

técnicas de proteção, se necessário, como pixelização, desfocagem, anonimato ou recorte.

- **Considere a ética da viralidade:** Considere como e onde seu trabalho é compartilhado e como isso pode afetar a segurança, a autonomia e a privacidade das pessoas representadas.

Explore Nossa ferramenta Árvore de Decisão para orientação sobre como fazer escolhas éticas na fotografia [aqui](#)

Ferramentas

Introdução

[Checklists: pontos-chave](#)

[Combatendo falácia](#)

[Guia de Terminologia](#)

[Recursos externos](#)

[PaliAnswers:](#)

[Desmascarando a
propaganda](#)

[Guia de fotografia](#)

[Teste seus
conhecimentos](#)

Esta seção oferece um conjunto de ferramentas práticas e guias projetados para capacitar jornalistas, ativistas, defensores, acadêmicos, educadores, criadores de conteúdo, artistas, trabalhadores humanitários e formuladores de políticas com os recursos necessários para comunicar eficazmente sobre a Palestina. Desde identificar e combater propaganda comum e falácias lógicas até dominar o uso ético de terminologia e recursos visuais, essas ferramentas fornecem orientações práticas para moldar uma comunicação impactante sobre a Palestina.

Checklists: Pontos-chave

Uma lista de verificação principal que resume as principais dicas e conclusões do guia.

Clique em cada um deles para ser direcionado à seção relevante com informações e orientações mais detalhadas.

Ao enquadrar a Palestina

- **Contextualize:** O contexto não se resume apenas a apresentar fatos, mas sim a expor a opressão estrutural para além de incidentes isolados de violência colonial. Não fazer isso acarretaria o risco de espalhar informações erradas, distorcer a realidade e perpetuar narrativas prejudiciais.
- **Compreenda os sistemas de opressão como interligados:** Enquadre a ocupação militar, o apartheid, o genocídio e a limpeza étnica como ferramentas do projeto de ocupação colonial que dura há um século contra o povo palestino.
- **Mostre a realidade violenta em suas múltiplas camadas:** A violência colonial não deve ser destacada apenas quando aparece de forma visível e brutal, como assassinatos, tortura e bombardeios; ela também deve incluir políticas menos aparentes, mas igualmente destrutivas, que fragmentam famílias, corroem laços comunitários, impõem traumas geracionais e sufocam o desenvolvimento econômico. Capturar todo esse espectro é essencial para retratar a Palestina.
- **Reconheça que a opressão colonialista tem como alvo todos os palestinos:** Desde refugiados impedidos de retornar ao Líbano, passando por beduínos vítimas da violência dos colonos na Cisjordânia, comunidades sitiadas em Gaza e aldeias “não reconhecidas” que enfrentaram limpeza étnica na Palestina de 1948 — a opressão colonialista atinge os palestinos em todos os lugares. A fragmentação é, em si mesma, uma estratégia deliberada para consolidá-la.
- **Conekte os pontos entre as políticas coloniais:** As práticas coloniais diferem em termos geográficos e de gravidade, mas continuam a ser sistêmicas e

interligadas, impulsionadas por um único objetivo: esvaziar a terra de seu povo e negar seu direito coletivo à autodeterminação.

- **Destaque histórias pessoais**: As narrativas mais fortes equilibram a experiência vivida com a injustiça sistêmica e a luta coletiva. Enfatizar demais as histórias corre o risco de reduzir essas lutas a anedotas isoladas e despolitizadas, enquanto enfatizar demais as estruturas corre o risco de apagar o elemento humano, transformando os palestinos em estatísticas e abstrações.
- **Reconheça o direito de resistir**: A resistência sob ocupação não é apenas um direito consagrado, mas uma forma de sobrevivência e dignidade. Associar a “violência” aos palestinos é culpar os oprimidos pelo seu sofrimento.
- **Destaque todas as formas de resistência**: Destaque as diversas formas como os palestinos resistiram ao longo do último século, em vez de comunicar predominantemente apenas quando está envolvida a luta armada. Isso inclui protestos, greves, organização política, trabalho jurídico e de incidência, boicotes, trabalho na terra e construção de comunidades, todos os quais têm sido reprimidos ou criminalizados.
- **Exponha a Assimetria de Poder**: Desmonte o mito do poder simétrico. Um dos lados possui vasta capacidade militar e recebe amplo apoio financeiro e militar de aliados poderosos. O outro é um povo colonizado, sitiado e ocupado, privado de direitos básicos e frequentemente deslegitimado internacionalmente.
- **Rejeite a Falsa Equivalência e a exigência de ser “neutro” ou “equilibrado”**: Em contextos de injustiça sistêmica, “neutralidade” é ficar do lado do opressor. Identifique o profundo desequilíbrio de poder e as dinâmicas, concentre-se nas causas fundamentais e coloque no centro aqueles cujos direitos são sistematicamente negados.
- **Conteste a falácia da “autodefesa” do colonizador**: Conteste a alegação de que um ocupante tem o direito de brutalizar, torturar e assassinar aqueles cujas terras roubam sob o pretexto de “autodefesa”. Isso não só é moralmente indefensável, como também carece de fundamento jurídico ao abrigo do direito internacional.

- **Use a terminologia exata:** Os eufemismos suavizam ou ocultam os danos — chame a injustiça pelo seu nome. Identifique o autor do crime e evite linguagem passiva. Certifique-se de que toda a linguagem situa os eventos em seu contexto colonial mais amplo e evite termos reducionistas ou suavizados que minimizem a violência sistêmica e os crimes internacionais.
- **Desafie o mal sem ecoá-lo:** Evite repetir clichês prejudiciais, mesmo quando se opõe a eles — a repetição reforça a familiaridade. Em vez disso, reformule-os em seus próprios termos, centrando-se nos fatos, na dignidade e na justiça. (Por exemplo, diga que os palestinos estão resistindo à dominação colonial, em vez de dizer que os palestinos não são terroristas).
- **Não torne a luta palestina algo fora da curva:** Reconheça a luta palestina como parte de um movimento global mais amplo contra o imperialismo, o racismo e a opressão. Estabeleça paralelos com outras lutas de libertação para enfatizar experiências comuns de resistência.

Ao retratar os palestinos

- **Afirme os palestinos como um único povo:** De Gaza à Cisjordânia, Jerusalém, Palestina de 1948 ou no exílio — todos os 15 milhões de palestinos lutam pela mesma causa de libertação. Unidade não significa uniformidade, mas reconhecer a identidade coletiva e a luta.
- **Mostre a diversidade dos palestinos:** Garanta uma representação equitativa entre idades, gêneros, classes sociais, religiões, normas culturais, geografias, origens, afiliações políticas e profissões. Evite enfatizar excessivamente certos grupos — como mulheres ou crianças — para suscitar simpatia.
- **Mostre os palestinos em toda a sua humanidade:** Os palestinos representam uma ampla gama de experiências e emoções humanas — força e vulnerabilidade, alegria e sofrimento. A mesma pessoa que celebra um casamento com amigos à noite pode ainda voltar para uma casa ameaçada de demolição, com um parente na prisão.
- **Reconheça que todos os palestinos merecem liberdade e justiça:** Rejeite a empatia seletiva e reconheça que todos os palestinos, independentemente da aparência, origem ou valores, merecem representação e cobertura. Reconheça

que mesmo o palestino mais imperfeito merece liberdade.

- **Mostre que a identidade palestina não é definida pelo sionismo:** Além da opressão e da relação com a violência colonial israelense, os palestinos têm uma cultura e uma identidade ricas que não devem ser apagadas.
- **Não culpe a vítima:** Não mude o foco para o que a vítima “deveria ter feito” — concentre-se no dano e no seu contexto. A linguagem que implica culpa reforça a injustiça e apaga as dinâmicas de poder.
- **Enfatize a ação, não o vitimismo:** Retrate as pessoas como agentes — destaque sua dignidade, determinação, resistência e capacidade de análise, não apenas seu sofrimento. Evite linguagem que os reduza ao seu trauma: deixe-os definir sua própria história.
- **Evite romantizar e a ênfase heroica:** Evite retratar os palestinos apenas como figuras heroicas de firmeza ou símbolos românticos de resistência. Ao destacar a determinação palestina, é fundamental mostrar os custos e os traumas por trás dela, em vez de retratá-la como uma característica opcional ou fácil. Destaque como os palestinos podem demonstrar força e, ao mesmo tempo, sentir-se vulneráveis.
- **Pare de demonizar os homens palestinos:** Evite representações que reduzam os homens palestinos a estereótipos violentos e ameaçadores. Mostre os homens em toda a sua humanidade — capazes de cuidar, sentir alegria, vulnerabilidade, criatividade e resistência.
- **Não tenha receio de falar sobre os combatentes pela liberdade:** Destaque as histórias dos palestinos que se engajam na resistência nascida da necessidade e da opressão.
- **Desafie os clichês orientalistas:** Evite exotizar ou simplificar a cultura e a identidade palestinas — não reduza as pessoas a símbolos, estereótipos ou cenários. Deixe os indivíduos falarem em toda a sua complexidade, com base nas suas realidades vividas, e não na imaginação ocidental.

Ao engajar com palestinos

- **Centralize as vozes palestinas:** Reconheça que os palestinos estão em melhor posição para narrar suas realidades, desde experiências pessoais até análises aprofundadas. Os palestinos devem estar no centro de todas as discussões e comunicações sobre a Palestina. Pergunte sempre: onde estão os palestinos nesta conversa?

Respeite a autonomia: Os palestinos devem ser os principais agentes nas decisões, processos e planos relacionados com as suas vidas e o seu futuro. Isso significa participação genuína e inclusiva em todas as etapas — desde o planejamento e o projeto até a tomada de decisões e a implementação.

- **Rejeite a tokenização:** A inclusão não deve se limitar ao cumprimento de cotas ou ao preenchimento de formulários de diversidade. Os palestinos devem ter espaço, autoridade e influência genuínos na definição das conversas, narrativas e decisões sobre sua luta.
- **Diversifique a participação palestina:** A representação deve refletir a amplitude da sociedade palestina — sobreviventes, organizadores, especialistas, combatentes e pessoas de todos os partidos políticos, regiões geográficas, gerações e classes sociais.
- **Amplie a expertise palestina sem validação externa:** Compartilhe e promova análises, pesquisas e conhecimentos palestinos sem a necessidade de validação externa por parte de fontes israelenses ou ocidentais. Valorize o trabalho palestino sem intermediários, mediação, espelhamento ou uma voz ocidental para agradar ao público.
- **Respeite o consentimento e os limites:** Colocar os palestinos verdadeiramente no centro significa respeitar quando eles optam por não falar, não se envolver ou não ser representados. Quando eles decidirem se envolver, certifique-se de que seja nos termos deles e que o espaço esteja baseado em condições éticas. Não instrumentalize as pessoas para obter visibilidade e não reduza as histórias palestinas a representações de sofrimento ou ferramentas para suscitar simpatia.
- **Envolve com integridade:** Aborde as conversas com a intenção de ouvir, compreender e aprender — não para interrogar ou desacreditar. Verifique se sua abordagem não contém falácia. Evite perguntas provocativas ou

tendenciosas, falsos binarismos ou enquadramentos simplificados demais. Certifique-se de que as perguntas sejam transparentes em sua intenção e não tenham segundas intenções.

- **Garanta transparência:** Comunique claramente com antecedência o objetivo, o formato e as condições do compromisso. Forneça todos os detalhes relevantes, incluindo o escopo do tópico, a duração, se a conversa é ao vivo ou gravada, outros participantes e público esperado. Obtenha o consentimento informado e dê aos participantes a oportunidade de revisar como suas contribuições serão apresentadas, especialmente em formatos escritos ou gravados.
- **Seja sensível e empático:** Respeite os limites das pessoas, especialmente famílias em luto, famílias de prisioneiros ou pessoas em situações vulneráveis. Não os apresse a fazer aparições públicas nem faça perguntas desumanas. Deixe-os contar suas histórias em seus próprios termos, com dignidade e cuidado.
- **Respeite os papéis e experiência de vida:** Não peça às pessoas que falem sobre assuntos fora da sua área de conhecimento. Se você convidar um palestino para dar seu testemunho sobre sua realidade cotidiana, não peça que ele analise a realidade geopolítica. Da mesma forma, se você convidar um especialista em questões ambientais, não faça perguntas sobre temas que ele não domina necessariamente. Não combine os depoimentos palestinos com os de especialistas de forma a marginalizá-los.
- **Priorize a segurança:** Avalie os riscos potenciais para os participantes palestinos — legais, emocionais ou físicos — antes de envolvê-los nas conversas. Não os coloque ao lado de outras pessoas que possam comprometer sua segurança ou dignidade.
- **Apresente o contexto:** Garanta que as discussões sobre a Palestina sejam fundamentadas no contexto histórico e político. Dê tempo aos participantes palestinos para contextualizar e falar sem interrupções, e não os pressione a transmitir mensagens redutoras. A organização das entrevistas deve garantir uma sequência responsável dos interlocutores, imagens precisas emparelhadas ou de fundo e um enquadramento que reflete o contexto, em

vez de distorcê-lo.

- **Rejeite a falsa paridade:** Não se deve pedir aos palestinos que se coloquem em oposição ao seu opressor. Quando as conversas ou iniciativas não desafiam as estruturas de opressão — ou pior, incluem aqueles que as representam e defendem, ou aqueles que defendem a “paz” apenas no discurso, mas se beneficiam do sistema opressivo — elas se tornam parte do problema.

Ao visualizar

Representação e Poder

- **Reconheça as dinâmicas de poder:** Esteja atento às dinâmicas de poder no ato da representação visual e ao impacto que isso tem na vida e na realidade das pessoas retratadas.
- **Descentralize o artista/fotógrafo:** Utilize técnicas para transferir o poder no processo visual e centrar a autonomia da pessoa representada.
- **Contextualize a representação:** Conte todo o contexto e a história e evite estereótipos, a fim de retratar as pessoas e as histórias de forma ética em seu ambiente mais amplo.
- **Rejeite os estereótipos orientalistas:** Não retrate os palestinos como primitivos, pobres, congelados no tempo, exóticos, inherentemente violentos ou outros estereótipos prejudiciais. Reconheça como as representações visuais podem reforçar percepções racistas, patriarcais e coloniais.
- **Retrate a Autonomia:** Enfatize os palestinos como agentes ativos. Capture a resistência palestina, a *sumoud* (determinação, firmeza, perseverança) e a criatividade sem romantizar as pessoas ou cair na exploração das vítimas.
- **Cultive a solidariedade, não a piedade:** Evite imagens que retratem os palestinos como subservientes, submissos ou necessitados de salvação. Essas representações estimulam a piedade em vez da solidariedade. Em vez disso, concentre-se em imagens que capturem autonomia, dignidade e resistência coletiva.

- **Mostre a plenitude da vida e da experiência palestinas:** Capture a complexidade da vida palestina além dos momentos de opressão israelense, incluindo rotinas diárias, cultura, patrimônio e laços comunitários. Rejeite a tendência de retratar os palestinos apenas em momentos de dificuldade ou como unidimensionais.
- **Diversifique a representação:** Capture os palestinos em toda a sua diversidade, refletindo todos os gêneros, classes sociais, religiões, normas culturais, localização geográfica, origens e funções. Isso inclui mostrar homens, mulheres, crianças e idosos como estudantes, pais, trabalhadores, artistas, líderes comunitários, os que lutam pela liberdade e muitos outros que, juntos, formam o rico tecido social da sociedade palestina.
- **Desafie a estética da opressão:** Esteja ciente de que representações constantes de destruição, ruínas ou figuras heróicas podem, sem querer, reafirmar o poder colonialista e romantizar tanto as estruturas opressivas quanto as pessoas. Use recursos visuais que resistam a transformar a destruição ou a resistência em símbolos e, em vez disso, afirmem a complexidade da vida palestina.
- **Evite a comercialização da luta:** Evite comercializar símbolos de resistência para obter lucro ou o sofrimento palestino como ferramenta de marketing.

Envolvimento ético e tomada de decisões no terreno

- **Defina sua intenção:** Defina claramente por que você deseja capturar uma determinada imagem ou vídeo. Que mensagem, emoção ou ação você espera evocar? Você está realmente tentando compartilhar histórias e vozes palestinas, ou o objetivo é se apresentar como um herói ou promover o trabalho da sua organização?
- **Desconstrua seu privilégio:** Reconheça o desequilíbrio de poder inerente ao seu papel como fotógrafo, cineasta ou documentarista.
- **Compreenda o contexto:** Pesquise ou pergunte sobre o contexto e as histórias da comunidade que você está capturando.
- **Garanta uma abordagem participativa e o consentimento informado:**

- Respeite a privacidade dos outros e peça permissão antes de tirar fotos ou gravar vídeos deles. Geralmente, não é necessário obter consentimento para fotos de multidões ou quando o foco está em uma situação e não em indivíduos específicos, especialmente se as pessoas retratadas não forem reconhecíveis.
- Se a pessoa for menor de idade, obtenha sempre o consentimento dos pais ou responsáveis.
- Pergunte aos palestinos onde e como eles gostariam de ser retratados e deixe-os participar de cada etapa do processo.
- Comunique claramente como e onde o visual será utilizado. Uma pessoa pode dar consentimento para ser fotografada, mas não para que sua foto seja exibida no folheto da sua organização, em um grande outdoor ou nas suas redes sociais com um apelo para doações.
- Deixe claro que recusar o consentimento não acarreta consequências negativas.
- Certifique-se de que o conhecimento sobre o consentimento seja transferido para toda a equipe responsável pela seleção, edição e publicação de recursos visuais.
- O consentimento informado deve ser obtido com cautela pelos trabalhadores do setor de desenvolvimento internacional. Muitas vezes, existe uma relação de dependência entre a organização doadora e as pessoas que ela atende. Isso pode resultar em uma pressão implícita sobre as pessoas para que aceitem ser fotografadas, mesmo que não se sintam à vontade para concordar. Nesses casos, é responsabilidade do fotógrafo priorizar abordagens participativas com base em sinais de desconforto.
- **Evite momentos de vulnerabilidade:** Evite capturar palestinos em situações vulneráveis, como quando estão feridos, quando perseguem um caminhão de ajuda humanitária ou quando recolhem seus pertences em meio à angústia da demolição de suas casas.
- **Respeite as fronteiras culturais e os costumes locais:** Obtenha consentimento e evite fotografias intrusivas que desrespeitem os costumes e tradições locais ou que possam prejudicar a reputação dos palestinos.
- **Evite o complexo de salvador:** Evite transformar a luta existencial dos palestinos em conteúdo polêmico para suas redes sociais. Não se posicione

como o herói nas histórias palestinas.

- **Proteja a privacidade e a segurança:** Ao fotografar palestinos resistindo, protestando ou em qualquer contexto em que possam correr o risco de retaliação israelense, priorize a segurança deles usando ângulos criativos e silhuetas que protejam sua identidade.

Edição e publicação

- **Apresente uma contextualização precisa:** Inclua legendas, descrições, citações diretas e recursos adicionais que capturem a história completa e forneçam contexto sobre o local, o momento e os atores envolvidos.
- **Use recursos visuais que reforcem a mensagem:** Certifique-se de que os recursos visuais que acompanham entrevistas, filmes, conteúdo de mídia social ou relatórios não prejudiquem ou distraiam a mensagem ou a história.
- **Edit com integridade:** Evite manipular imagens, filmagens ou sons de forma que possa induzir os espectadores em erro ou deturpar o que é retratado.
- **Equilibre a narrativa com a segurança:** Evite publicar imagens que possam colocar os palestinos em risco de prisão, vigilância ou retaliação. Utilize técnicas de proteção, se necessário, como pixelização, desfocagem, anonimato ou recorte.
- **Considere a ética da viralidade:** Considere como e onde seu trabalho é compartilhado e como isso pode afetar a segurança, a autonomia e a privacidade das pessoas representadas.

Na defesa ou incidência

- **Evite ser intimidado para a inação e a autocensura:** Mantenha-se firme em sua resistência e solidariedade. Sua voz é essencial, e a luta pela justiça não deve ser silenciada.
- **Mantenha sua mensagem sem remorso:** Mantenha-se autêntico ao comunicar as realidades da opressão colonial e seja estratégico na forma como transmite sua mensagem.
- **Desafie a censura:** Responsabilize os meios de comunicação, instituições acadêmicas, agências doadoras e empresas de mídia social quando censuram vozes palestinas e solidárias. Quando for relevante, exponha publicamente a

censura, apresente reclamações e amplifique as vozes que as instituições tentam silenciar.

- **Desafie as falsas acusações e a desinformação:** Garanta que os responsáveis por campanhas difamatórias sejam responsabilizados. Exija inquéritos públicos e investigações sobre como esses ataques violam as liberdades de expressão, da mídia e do meio acadêmico.
- **Procure assistência jurídica:** Entre em contato com organizações como a Palestine Legal, o Centro Europeu de Apoio Jurídico e seu sindicato para obter apoio jurídico. Conheça seus direitos e entenda como lidar com um ambiente cada vez mais repressivo.
- **Proteja sua segurança e proteção:** Mantenha-se informado sobre as ferramentas e práticas de segurança digital e física para proteger sua identidade e seu trabalho.
- **Recuse-se a ficar insensível:** Resista à normalização do horror. O sofrimento palestino não dá trégua, nem mesmo para o luto.
- **Permaneça Consistente:** Evite a atenção e a mobilização esporádicas que só aumentam durante a violência destrutiva. A inconsistência corre o risco de alimentar a apatia, que normaliza a opressão e apaga a urgência da libertação palestina.
- **Mantenha o bem-estar mental e emocional:** Proteger-se faz parte de manter a luta. Priorize o descanso, o cuidado, a reflexão e os relacionamentos de apoio.
- **Equilibre o bem-estar com a responsabilidade:** Reconheça a fadiga da compaixão, mas não como uma desculpa para a apatia. Crie espaço para o cuidado, mantendo-se politicamente engajado.
- **Obtenha força dos coletivos:** O isolamento e a exaustão emocional são reais, mas lembre-se de que você não está sozinho nessa luta — o poder coletivo é o seu maior recurso. Conecte-se com redes globais de solidariedade e construa alianças entre movimentos e comunidades.

- **Abrace a Libertação Interseccional:** Lembre-se de que a luta global pela justiça está interligada, e sua voz faz parte de uma luta maior pela justiça e dignidade contra os sistemas de imperialismo e racismo.

Quando se detém o poder

- **Combata o racismo contra os palestinos:** Pare de silenciar, excluir, apagar, estereotipar, difamar ou desumanizar os palestinos ou suas narrativas. Essas práticas são exemplos clássicos de racismo contra os palestinos.
- **Não acredite nas informações fornecidas por autoridades israelenses ou lobistas sionistas:** A desinformação está incorporada nas táticas do regime israelense. Sempre presuma que as informações sobre os palestinos e seus aliados provenientes dessas fontes são de má-fé e têm objetivos malévolos.
- **Resista à pressão do lobby sionista:** Rejeite campanhas difamatórias e esforços de lobby que visam impor leis, políticas ou medidas repressivas contra os palestinos e seus aliados que defendem direitos e justiça.
- **Acabar com a repressão institucional:** Revogar toda a legislação e políticas que criminalizem a incidência, a defesa da causa palestina e aplicar medidas de proteção contra a perseguição ou estigmatização de pessoas com base nas suas opiniões sobre a Palestina.
- **Rejeite a instrumentalização do antisemitismo:** Faça distinção clara entre antisemitismo e crítica a Israel ou ao sionismo. Oponha-se ao uso indevido de leis e definições — como a definição da IHRA — que silenciam a defesa legítima dos direitos palestinos. Desvincular o sionismo do judaísmo é crucial, mas os palestinos não devem ser sobre carregados com a obrigação de fazer essa distinção em cada palavra ou ação que realizam.
- **Aplique os direitos universais sem hipocrisia:** Defenda direitos fundamentais como a liberdade de expressão, de protesto, acadêmica e de imprensa, bem como o direito de boicote para todos. Confronte a hipocrisia de pregar os direitos humanos universais e os valores democráticos, ao mesmo tempo que se silencia a dissidência e se criminaliza aqueles que desafiam as políticas israelenses.

- **Acabe com a censura institucional:** Garanta que os palestinos e seus aliados possam publicar, ensinar e falar livremente, sem medo de censura, retaliação ou interferência institucional. Estabeleça diretrizes e mecanismos claros e transparentes que impeçam os tomadores de decisão ou atores externos de impor censura.
- **Adote o Jornalismo Ético Políticas e Práticas:** Elimine todas as políticas e práticas que permitem reportagens tendenciosas e suprimem uma abordagem precisa e contextualizada em todo o ciclo da mídia — desde a seleção e obtenção de vozes palestinas até a filtragem editorial e guias de estilo que proíbem o uso de linguagem precisa. Comprometa-se com os princípios de independência, imparcialidade e responsabilidade na prestação de contas, em conformidade com a Carta Global de Ética para Jornalistas.
- **Nomeie palestinos para cargos de tomada de decisão na mídia:** Melhore a precisão e as nuances nas reportagens, nomeando palestinos e outras pessoas com experiência direta na Palestina para cargos editoriais, de produção e de liderança.
- **Garanta a transparência:** Divulgue publicamente as políticas editoriais, guias de estilo, memorandos internos e outras diretrizes institucionais que moldam a cobertura e a tomada de decisões sobre a Palestina.
- **Promova a Responsabilidade:** Responda e corrija casos de censura e repressão injustas, e comunique publicamente as medidas tomadas.
- **Reconheça as dinâmicas de poder nas relações de financiamento:** Reconheça como os mecanismos de financiamento podem reproduzir relações de dependência e colonialismo.
- **Comprometa-se com a decolonização da ajuda:** Acabe com o financiamento condicional e deixe de impor condições restritivas que ditam as estratégias e o envolvimento dos grupos da sociedade civil palestina com as pessoas e as comunidades. Isso deve incluir respeitar e reconhecer a luta nacional anticolonial legítima do povo palestino e seu direito de resistir, bem como empoderar os grupos palestinos para que definam suas prioridades, estratégias e narrativas.

- **Rejeite a Despolitização:** A defesa dos direitos dos palestinos, o empoderamento comunitário, a organização de base, o jornalismo, as artes e o trabalho jurídico são inherentemente políticos. Forçá-la a se encaixar em estruturas isoladas, como humanitária, direitos humanos, gênero ou empoderamento dos jovens — sem contexto político — não permite analisar a situação com precisão e encontrar respostas adequadas.

Combatendo falácia

Explicação

Argumentos falhos, ilógicos ou enganosos — conhecidos como falácia — são frequentemente usados para minar as narrativas palestinas e distorcer as discussões sobre sua luta pela liberdade. Essas táticas podem aparecer em uma ampla gama de espaços de comunicação, incluindo entrevistas na mídia, eventos políticos, diplomáticos e de solidariedade, e discussões nas redes sociais. Frequentemente, elas aparecem como perguntas tendenciosas ou argumentos distorcidos, impondo falsas dicotomias, deturpando argumentos, atacando o interlocutor ou usando argumentos descontextualizados, irrelevantes, reducionistas ou provocadores.

As falácia não têm como objetivo promover um diálogo genuíno, mas sim desacreditar quem fala, suprimir as narrativas palestinas, manipular a percepção pública e reforçar estereótipos prejudiciais. Elas são projetadas para distrair e encurralar os oradores palestinos em posições defensivas. Eles desviam a atenção da

violência estrutural do colonialismo e da ocupação, transferindo a culpa do opressor para o oprimido.

Seja você um porta-voz da mídia, um ativista, um defensor em espaços políticos e diplomáticos ou qualquer pessoa que fale sobre a Palestina, é fundamental reconhecer essas táticas para evitar ser encurrulado, manter o foco em sua mensagem original e desafiar com eficácia as tentativas de distorcer sua posição.

"Quando os produtores de televisão nos convidam para participar de seus programas, eles não buscam nos entrevistar para conhecer nossas experiências, análises ou o contexto que podemos oferecer... Eles nos convidam para nos interrogar... desacreditar o mensageiro como forma de desacreditar a mensagem... Quantas horas você já perdeu se defendendo de ataques ad hominem? (Não, nossos homens são pais gentis!) ou acalmar as paranoias de argumentos falaciosos (Não, "do rio ao mar" não é um apelo secreto ao genocídio!) ou navegar por terrenos escorregadios (Não, uma Palestina livre não levará a um segundo Holocausto!) ou parar para distrações (Não, não há túneis sob o hospital!) ou apelar para a autoridade. (Até mesmo os estudiosos israelenses concordam que se trata de um genocídio!) ou desmascarando equívocos (Não, o antissionismo não é antisemitismo!)? A própria qualidade da propaganda — ilógica — é precisamente seu ponto forte, porque é uma distração.

Mohammed El-Kurd, 'Vítimas Perfeitas'

A pergunta falaciosa “Você condena o Hamas?”

Essa questão é um exemplo clássico de como falácias lógicas são usadas para minar as narrativas palestinas e distorcer as discussões sobre a luta pela liberdade. Tem sido amplamente utilizado por jornalistas, formuladores de políticas e figuras públicas, especialmente desde o genocídio em curso contra os palestinos e seus aliados.

Em sua essência, essa tática se baseia em dois equívocos comuns:

1. Falácia da falsa dicotomia: Apresenta uma escolha entre duas opções mutuamente exclusivas, com a implicação de que essas são as únicas duas opções disponíveis.

2. Pista falsa: Introduz um tema irrelevante para desviar a atenção do argumento principal.

A pergunta em si não tem como objetivo promover um diálogo genuíno, mas sim colocar o entrevistado em uma postura defensiva. Isso obriga os palestinos a renegar sua luta legítima pela liberdade — seja articulando suas narrativas, jogando uma pedra em um tanque militar ou resistindo com armas — ou correr o risco de serem retratados como extremistas.

Se a pessoa que fala “passar” nesse padrão de ofuscação, ela poderá ser retratada como uma fonte confiável (ou equilibrada/imparcial). Não fornecer as respostas que os meios de comunicação ou os decisores políticos esperam faz com que o orador seja visto como um vilão ou defensor do extremismo e do “terrorismo”. Isso transfere a culpa do opressor para o oprimido, absolvendo Israel de responsabilidade.

Portanto, é essencial rejeitar completamente a premissa falsa de tais questões. Em vez disso, denuncie a falácia e redirecione a conversa para as questões centrais: o genocídio em curso, a ocupação e a negação sistemática dos direitos dos palestinos.

Falácias

Veja algumas das falácias mais comuns encontradas ao se comunicar sobre a Palestina, juntamente com suas definições, exemplos e dicas para contestá-las.

1. Falácia evasiva

Definição: Uma forma de desvio em que alguém responde a uma crítica mudando o foco para uma questão diferente, muitas vezes apontando a hipocrisia percebida ou irregularidades não relacionadas do oponente. Essa tática geralmente assume a forma de “E quanto a X?” e implica que a crítica original é inválida porque outros também são culpados e que, portanto, o crítico é um hipócrita.

Exemplo

Pessoa A: “Israel deve ser responsabilizado pelos crimes de guerra e violações dos direitos humanos na Palestina.”

Pessoa B: “Mas e quanto ao histórico de direitos humanos da Autoridade Palestina e suas práticas antidemocráticas?”

Dica: Evite se envolver diretamente com o argumento evasivo, mesmo que reconheça que ele possa ter mérito. Em vez disso, aponte a falácia e redirecione firmemente a conversa de volta ao ponto original.

2. Pista falsa

Definição: Uma distração que introduz um tema irrelevante para desviar a atenção do argumento principal. Ao contrário da falácia evasiva, não implica necessariamente hipocrisia ou contra crítica, mas visa desviar a atenção ou desviar a discussão para um assunto não relacionado.

Exemplo

Pessoa A: “Israel deve ser responsabilizado pelos crimes de guerra e violações dos direitos humanos na Palestina.”

Pessoa B: “Mas Israel é a única democracia no Oriente Médio e possui uma comunidade LGBTQ+ vibrante com fortes proteções legais.”

Dica: Reconheça o comentário irrelevante, desconstrua-o se necessário, mas redirecione claramente a discussão para o ponto original.

3. Ad Hominem

Definição: Tentativas de desacreditar um argumento atacando ou insultando o caráter ou as motivações da pessoa que o apresenta, em vez de se concentrar no conteúdo do argumento. O objetivo dessa falácia é desacreditar o mensageiro como forma de desacreditar a mensagem.

Exemplo:

Pessoa A: “Os palestinos têm o direito de resistir à ocupação militar de suas terras.”

Pessoa B: “Você diz isso porque apoia a violência e o terrorismo.”

Dica: Evite concentrar-se na pessoa que está usando a falácia e se envolver em ataques pessoais. Em vez disso, aponte a falácia e seu tom racista e desumanizante e, em seguida, redirecione a conversa para o tópico original.

4. Falácia do Espantalho

Definição: Deturpar ou simplificar o argumento de outra pessoa para facilitar o ataque e distorcer sua posição a fim de enfraquecer sua postura. Ao contrário dos ataques ad hominem, que visam a pessoa que apresenta o argumento, as faláciais do espantalho concentram-se em criar uma versão enganosa do próprio argumento, tornando-o mais fácil de rejeitar ou refutar.

Exemplo:

Pessoa A: “A Palestina será livre, do rio ao mar”.

Pessoa B: “Isso é antissemita. Você está basicamente pedindo o fim da segurança e da autodeterminação judaicas.”

Dica: Rejeite firmemente essa tática, denunciando a distorção. Reitere claramente sua mensagem original, enfatizando que, se os apelos pela liberdade forem interpretados como ameaças ou atos de racismo, isso diz mais sobre os preconceitos e suposições de quem ouve do que sobre as intenções de quem fala.

5. Falso dilema

Definição: apresentar uma escolha entre duas opções mutuamente exclusivas, com a implicação de que essas são as únicas duas opções disponíveis.

Exemplo:

Pessoa A: “Os refugiados palestinos devem retornar à sua terra natal e às suas propriedades.”

Pessoa B: “Você está efetivamente pedindo a destruição do Estado de Israel.”

Dica: Denuncie a falsa dicotomia, destacando as opções reducionistas apresentadas. Enfatize que, se os apelos por direitos são interpretados como ameaças, isso diz mais sobre os preconceitos e suposições de quem ouve do que sobre as intenções de quem fala. Depois de desmontar a falácia, redirecione a conversa com firmeza para o seu ponto principal.

6. Falsa Equivalência

Definição: Faz uma comparação direta entre duas coisas que não são comparáveis, tratando-as como se tivessem o mesmo peso moral, legal ou prático, apesar das diferenças significativas em termos de contexto, poder ou escala.

Exemplo

Pessoa A: "Israel está cometendo um genocídio e bombardeando crianças palestinas."

Pessoa B: "Mas por que os terroristas lançam foguetes? Toda história tem dois lados"

Dica: Exponha claramente o desequilíbrio de poder e o contexto que a falácia tenta ocultar. Desafie a narrativa perigosa que equipara as ações do colonizador e do colonizado, enfatizando as realidades estruturais, históricas e políticas que tornam tais comparações fundamentalmente falhas. Depois de desmontar a falácia, redirecione a conversa com firmeza para o seu ponto principal.

7. Reducionismo

Definição: Simplificar excessivamente uma questão, reduzindo-a a um único ângulo ou explicação, ignorando o contexto mais amplo, o escopo completo das experiências e dinâmicas de poder envolvidas e as diversas perspectivas que moldam a realidade em discussão.

Exemplo

Pessoa A: "Temos o direito de resistir à ocupação militar."

Pessoa B: "Mas tudo o que vejo são tumultos violentos. A paz só virá quando vocês pararem de lutar uns contra os outros."

Dica: Contrarie essa simplificação excessiva, expondo o contexto mais amplo em que os eventos ocorrem. Articule claramente todo o alcance da luta, incluindo a violência sistêmica, o colonialismo e a ocupação militar, bem como a negação de direitos que impulsionam a resistência.

8. Apelo à complexidade

Definição: Tentar encerrar uma conversa alegando que ela é muito complicada ou não pode ser resolvida, como forma de evitar abordar o mérito do argumento.

Exemplo:

Pessoa A: "Os Palestinos merecem liberdade e justiça."

Pessoa B: "Não é tão simples. Esta é uma questão muito complexa. Será que isso vai acabar algum dia?"

Dica: Rejeite tentativas de descartar a conversa alegando que ela é muito “complicada”. Embora alcançar a liberdade possa ser difícil, discutir o que está acontecendo continua sendo simples. Não é preciso ter um doutorado para chamar uma ocupação injusta de injusta. Intelectualizar em excesso implica que a dificuldade em alcançar algo torna a busca por isso, e as conversas em torno disso, inúteis. Isso é um disparate. Nós nos esforçamos continuamente para tornar a sociedade melhor, mesmo que uma sociedade perfeitamente justa seja inatingível.

9. Generalização e evidência anedótica

Definição: Tirar conclusões generalizadas sobre um grupo, questão ou assunto com base em experiências pessoais limitadas ou dados ou evidências insuficientes. Isso simplifica excessivamente questões complexas ao assumir que um exemplo ou um pequeno conjunto de experiências pode representar com precisão um grupo ou uma situação inteiros.

Exemplo: “Estive na Palestina uma vez e conversei com algumas pessoas e, pelo que vi, os palestinos são muito religiosos.”

Dica: Destaque que conclusões tiradas de anedotas pessoais ou dados limitados não são representativas da realidade mais ampla. Esse tipo de raciocínio contribui para a criação de estereótipos e pode levar a narrativas redutoras que simplificam demais a realidade.

10. Post Hoc:

Definição: Supor que, como um evento segue outro evento, ele deve ser causado por ele; supor que não há outros fatores ou explicações possíveis.

Exemplo:

Pessoa A: “O bloqueio israelense sobre Gaza transformou a região em um lugar inabitável.”

Pessoa B: “Esse bloqueio só começou porque os palestinos elegeram o Hamas. Se o Hamas não tivesse vencido, Gaza estaria bem.”

Dica: Conteste esse raciocínio falho de causa e efeito, expondo o contexto mais amplo e os múltiplos fatores envolvidos. Esse argumento não só deturpa a realidade do bloqueio, como também culpa implicitamente todo um povo pela sua própria

opressão, apagando décadas de colonialismo, ocupação e punição coletiva.

11. Apelo à ignorância:

Definição: Afirmar que algo deve ser verdade simplesmente porque não foi provado que seja falso, ou vice-versa. Nessa falácia, o argumentador não fornece evidências para sustentar sua afirmação. Em vez disso, eles transferem o ônus da prova para a outra parte, sugerindo que a falta de provas em contrário significa que sua alegação deve ser verdadeira.

Exemplo:

Pessoa A: “As forças de ocupação israelenses mataram extrajudicialmente cinco palestinos em seu carro. Testemunhas oculares descreveram o terrível assassinato.”

Pessoa B: “Mas não vi imagens nem qualquer prova concreta, e o governo israelense negou isso. Portanto, não podemos presumir que eles foram os responsáveis.”

Dica: Rejeite essa falácia, apontando que a ausência de evidências amplamente disponíveis não é prova de que algo não aconteceu, especialmente quando a parte acusada controla a narrativa, espalha desinformação e tem um longo histórico documentado de crimes de guerra.

PaliAnswers: Desmascarando a propaganda

“Muitas vezes, o impulso de desmascarar mitos, o reflexo de refutar invenções — ou como quer que se queira chamar — nos leva a esquecer que a propaganda é, por definição, uma distração... Certamente, a propaganda deve ser desmascarada. A ideia é “desmascarar” com dignidade, sempre chamando a atenção para o elefante na sala: a propaganda. Minha missão não é limpar meu nome de falsas acusações, mas sim desmascarar a falsidade e a duplicitade dos meus acusadores. Caso contrário, a lógica diante da ilógica é míope, porque, sem querer, legitima a insidiosidade, significa-a com uma resposta... Ao explicar as entrelinhas perniciosas de um determinado argumento (ou simplesmente

revelá-lo por meio do ridículo, da rejeição ou da repudião), desarma-se esse argumento, afrouxando o domínio psicológico que ele exerce sobre a mente dos ouvintes.”

Mohammed El-Kurd, '[Vítimas Perfeitas](#)'

Esta seção oferecerá respostas concisas a alegações propagandísticas comuns sobre a Palestina, equipando defensores e educadores com argumentos baseados em evidências para combater a desinformação com dignidade e eficácia.

FIQUE DE OLHO
OS RECURSOS ESTÃO A CAMINHO

Guia de Terminologia



Fonte: [Nikolas Gannon](#)

Esta ferramenta oferece um glossário alfabético de termos problemáticos comumente usados na mídia internacional, na política, no meio acadêmico, nas artes, na incidência e em contextos de desenvolvimento quando se discute a Palestina. Oferecemos alternativas mais precisas e éticas. Embora sejam sugeridas várias substituições para cada termo, nem todas serão adequadas em todos os contextos. Muitos desses termos e seus substitutos também podem ser aplicados ao se comunicar sobre outros povos oprimidos e lutas por justiça. Esta ferramenta não é exaustiva e será atualizada regularmente com contribuições relevantes.

“A luta dos oprimidos na linguagem para nos recuperarmos, nos reconciliarmos, nos reunirmos, nos renovarmos. Nossas palavras não são sem sentido, elas são uma ação, uma resistência.”

bell hooks, ‘Anseio: Raca, Gênero e Prática Cultural’

Carta:	Período	Substituição(ões)	Veja também
A	Árabes israelenses/minoria árabe	<ul style="list-style-type: none"> Palestinos com cidadania israelense Cidadãos palestinos de Israel Palestinos de 1948 Palestinos 	Habitantes de Gaza
	Árabes	<ul style="list-style-type: none"> O povo palestino Palestinos 	
	Ataque aéreo	<ul style="list-style-type: none"> Bombardeio/Bombardeamento Destruição Atentado aéreo 	Explosão
	Ambos os lados [missing, it's in B]	<ul style="list-style-type: none"> Colonizadores/ocupantes israelenses e palestinos ocupados O regime colonialista israelense e as autoridades palestinas Autoridades/negociadores palestinos e governo/exército israelense <p> *Seja preciso sobre quem está envolvido para evitar sugerir simetria e falsa paridade.</p>	Conflito; Conflito árabe-israelense; Conflito israelo-palestino; Guerra entre Israel e Hamas

	Assassinato seletivo/deliberado [missing in A, it's in T]	<ul style="list-style-type: none"> ● Assassinato extrajudicial ● Assassinato ● Assassino ● Chacina 	Liquidão; neutralização; eliminação
B	Barreira	<ul style="list-style-type: none"> ● Apartheid/Anexação/Muro da Segregação <p> Barreira é geralmente precedida por segurança ou separação</p>	Muro; Cerca
	Beneficiários	<ul style="list-style-type: none"> ● Membros da comunidade ● Palestinos ● Parceiros ● Sobreviventes <p> Comumente usado no setor humanitário, o termo “beneficiários” enquadra as pessoas como receptores passivos de ajuda e reforça as hierarquias entre “doadores” e “recebedores”.</p>	Sem voz
	Bairros (Judeus/Israelenses) [missing in B, under N]	<ul style="list-style-type: none"> ● Assentamentos israelenses ● colônias israelenses <p> “Bairros judeus” são frequentemente usados para se referir aos assentamentos em Jerusalém, sugerindo legitimidade, embora eles tenham sido construídos em terras anexas e ocupadas.</p>	Posto avançado
	Bacia Sagrada [missing in B, it's under H]	<ul style="list-style-type: none"> ● Jerusalém 	Jerusalém Oriental
C	Conflito árabe-israelense	<ul style="list-style-type: none"> ● Ocupação colonial sionista ● Ocupação militar israelense ● Apartheid israelense ● A luta palestina ● A questão palestina ● A colonização da Palestina 	Conflito; Conflito israelo-palestino; Guerra entre Israel e Hamas

	<ul style="list-style-type: none"> ● Silwan (Consolo) 	
Guerra Civil/Conflito	<ul style="list-style-type: none"> ● Ataques de colonos ● Violência dos colonos ● Violência colonialista <p> O termo “conflito civil” é frequentemente utilizado quando a violência dos colonos se intensifica contra os palestinos com cidadania israelense na Palestina 48. Reduz a realidade colonialista a uma questão étnica ou religiosa.</p>	
Civis (Palestinos)	<ul style="list-style-type: none"> ● Palestinos <p> “Civis” é normalmente utilizado quando se reporta o número de pessoas mortas e se distingue quantas eram “civis” em oposição a combatentes. Isso implica que existe uma “guerra” entre duas partes simétricas, quando, na verdade, Israel está ocupando ilegalmente a Palestina.</p>	Ambos os lados
Confrontos	<ul style="list-style-type: none"> ● Repressão aos manifestantes ● Violência colonialista contra os palestinos ● Resistência palestina à violência dos colonos ● Protestos palestinos ● Brutalidade do exército/colonos 	Escaramuças
Conflito	<ul style="list-style-type: none"> ● Colonialismo sionista ● Ocupação militar israelense ● Apartheid israelense ● A luta palestina ● A questão da Palestina ● A colonização da Palestina 	Conflito árabe-israelense; Conflito israelo-palestino; Guerra entre Israel e Hamas
Confisco	<ul style="list-style-type: none"> ● Roubo de terras/propriedades ● Expropriação de terras ● Anexação 	

		<ul style="list-style-type: none"> ● Saque 	
	Contestado (território/terra)	<ul style="list-style-type: none"> ● Território anexado/ocupado ● Terra sob ocupação militar 	Território disputado
	Crise	<ul style="list-style-type: none"> ● Genocídio ● Opressão ● Limpeza étnica ● Violência colonial ● Situação ● Realidade <p> "Crise" implica uma perturbação temporária de uma situação normal e é geralmente usado para descrever a realidade na Palestina, sanitizando a opressão sistemática e o genocídio.</p>	Conflito
	Controle de multidões	<ul style="list-style-type: none"> ● Supressão ● Repressão ● Brutalidade do exército 	Dispersão
	Conflito israelo-palestino [missing in C, it's in I]	<ul style="list-style-type: none"> ● Colonialismo sionista ● Ocupação militar israelense ● Apartheid israelense ● A luta palestina ● A questão da Palestina ● A colonização da Palestina 	Conflito; Guerra entre Israel e Hamas
	Cerca [missing in C, it's under F]	<ul style="list-style-type: none"> ● Muro de Apartheid ● Muro de Segregação ● Muro de Anexação <p> "Cerca" é geralmente precedido por segurança ou separação</p>	Barreira; Muro
D	Dispersão	<ul style="list-style-type: none"> ● Supressão ● Repressão ● Ataque 	Controle de multidões
	Disputado (território/terra)	<ul style="list-style-type: none"> ● Território anexado/ocupado ● Terra sob ocupação militar ● Terra colonizada 	Terra disputada
	Disputa (imóveis/propriedade)	<ul style="list-style-type: none"> ● Expulsão forçada ● Desapropriação ● Roubo de bens 	Despejos

		<ul style="list-style-type: none"> ● Expropriação de terras 	
	Dando voz [missing in D, it's in G]	<ul style="list-style-type: none"> ● Amplificação ● Fornecimento de plataforma/fórum ● Garantindo autonomia 	
	Desordem [missing,]	<ul style="list-style-type: none"> ● Resistência ● Protesto ● Revolta ● Insurreição 	Motim
	Despejos / Ordem de evacuação [missing,]	<ul style="list-style-type: none"> ● Expulsões forçadas/deslocamento/transferência ● Limpeza étnica ● Desapropriação ● Nakba (catástrofe) em curso ● Deportação 	Disputa (Imóveis/Propriedade)
E	Eliminação	<ul style="list-style-type: none"> ● Assassinato extrajudicial ● Assassinato ● Homicídio ● Chacina/Massacre 	Assassinato seletivo; Liquidação; Neutralização
	Explosão	<ul style="list-style-type: none"> ● Bombardeio/Bombardeamento ● Destrução ● Ataque/atentado aéreo 	Ataque aéreo
	Extremista (Judeus/Israelenses/ataques)	<ul style="list-style-type: none"> ● Colonizador ● Colono ● Violência dos colonos apoiada pelo Estado <p> "Extremista" é frequentemente usado para descrever atos de violência por parte de indivíduos israelenses. Isso torna a questão excepcional e enquadra a violência colonialista sistêmica dos colonos israelenses como incidentes isolados.</p>	
F	Fugitivo	<ul style="list-style-type: none"> ● Combatente/lutador pela liberdade visado 	Procurado

		<p> "Fugitivo" implica criminalidade dos combatentes pela liberdade palestinos que se escondem para não serem assassinados ou presos</p>	
	Fronteira israelense [missing under F, it's in I]	<ul style="list-style-type: none"> ● Linha Verde/Linha do Armistício (se se referir às fronteiras de 1948) ● Cerca de Gaza (se se referir às fronteiras com Gaza) <p> Israel nunca declarou sua fronteira, para permitir a expansão colonialista contínua.</p>	
	Fome [it's under H tooo]	<ul style="list-style-type: none"> ● Inanição/fome forçada ● Inanição como arma de guerra 	Inanição
	Forças de Defesa de Israel (IDF) / Polícia [missing under F, it's in I]	<ul style="list-style-type: none"> ● Forças de ocupação israelenses (IOF) ● Exército israelense / militares ● Forças coloniais israelenses 	Tzahal
G	Guerra [missing under G, it's in W]	<ul style="list-style-type: none"> ● Genocídio contra palestinos ● Ofensiva militar ● Agressão ● Ataque <p> Mesmo que a palavra “guerra” seja usada, ela deve retratar que há uma guerra genocida/agressiva contra os palestinos, mas não uma guerra entre dois lados.</p>	Conflito; Conflito Árabe-Israelense; Conflito Israelense-Palestino; Guerra entre Israel e Hamas/Guerra entre Israel e Gaza
	Guerra entre Israel e Hamas/Guerra entre Israel e Gaza [missing under G, it's in I]	<ul style="list-style-type: none"> ● Genocídio contra palestinos ● Ofensiva militar ● Agressão ● Ataque <p> Mesmo que a palavra “guerra” seja usada, ela deve retratar que há uma guerra genocida/agressiva contra os palestinos, mas não uma guerra entre dois lados.</p>	Guerra Conflito; Conflito Árabe-Israelense; Conflito Israelense-Palestino

H	Habitantes de Gaza [missing under H, it's in G]	<ul style="list-style-type: none"> Palestinos em Gaza <p> Variações como Também são usados os termos “West Bankers” ou “48ers”. Esses rótulos sugerem que a identidade palestina é moldada pela fragmentação imposta a eles e pressupõem que todos os palestinos que vivem atualmente em uma determinada região são originários dali, omitindo o fato de que a maioria dos palestinos são refugiados de outras partes da Palestina.</p>	Árabes israelenses; Minoria árabe
I	Ilegal (colonos/colônia/ocupação)	<ul style="list-style-type: none"> Colonos / colonizadores Colônias Ocupação <p> “Illegal” pode ser usado para enfatizar as conclusões do direito internacional, mas o uso sistemático dos adjetivos cria uma falsa noção de que algumas políticas e atos do colonialismo israelense são legais ou legítimos.</p>	
	Inanição [missing,]	<ul style="list-style-type: none"> Inanição forçada/Fome Inanição como arma de guerra 	Fome
	Idade militar [it's in M]	<ul style="list-style-type: none"> Jovens palestinos Criança palestina 	
J	Judéia e Samaria	<ul style="list-style-type: none"> Cisjordânia ocupada 	Terra Prometida
	Jerusalém Oriental [missing in J]	<ul style="list-style-type: none"> Jerusalém Parte oriental de Jerusalém 	Bacia Sagrada
L	Liquidação	<ul style="list-style-type: none"> Assassinato extrajudicial Assassinato Homicídio Chacina 	Assassinato seletivo; neutralização; eliminação
M	Mandado/Obrigatório	<ul style="list-style-type: none"> Colonialista Ocupação 	

		<p> Frequentemente utilizado para descrever o período do domínio colonialista britânico sobre a Palestina.</p>	
	Muro [missing,]	<ul style="list-style-type: none"> ● Muro de Apartheid ● Muro de Anexação ● Muro de Segregação <p> "Muro" é geralmente precedido por segurança ou separação</p>	Barreira; Cerca
	Motim [missing,]	<ul style="list-style-type: none"> ● Resistência ● Protesto ● Revolta ● Insurreição 	Desordem; agitação
	Monte do Templo [it's in T]	<ul style="list-style-type: none"> ● Composto/esplanada de Al-Aqsa ● Al-Haram Al-Sharif 	
N	Nivelamento (terreno) [it's in L]	<ul style="list-style-type: none"> ● Destrução ● Demolição 	Explosão; ataque aéreo
	Neutralização	<ul style="list-style-type: none"> ● Assassinato extrajudicial ● Assassinato ● Assassino ● Chacina 	Assassinato seletivo; liquidação; eliminação
O	Operação (por ex.: Operação Muralha de Ferro)	<ul style="list-style-type: none"> ● Genocídio ● Ofensiva militar / ataque 	
	Oriente	<ul style="list-style-type: none"> ● SWANA (South West Asia and North Africa) / Sudoeste Asiático e Norte da África <p> "Oriente" foi popularizado na era colonialista para se referir a tudo o que fica a leste da Europa e tem suas raízes no orientalismo: uma visão de mundo que desumanizava árabes, asiáticos e muçulmanos.</p>	Oriente Médio, Oriente Próximo
	Oriente Próximo [in N]	<ul style="list-style-type: none"> ● Ásia Ocidental 	Oriente Médio; Oriente

		<p> “Oriente Próximo” é um termo britânico do século XIX usado para distinguir entre o “Extremo Oriente” (Ásia Oriental), indicando a distância em que se encontram de Londres, e não tem nada a ver com as pessoas ou a cultura.</p>	
	Oriente Médio [it's in M]	<ul style="list-style-type: none"> ● SWANA (South West Asia and North Africa) / Sudoeste Asiático e Norte da África ● Ásia Ocidental / Norte de África / Países do Golfo / Países de língua árabe (quando relevante) <p> “Oriente Médio” é um termo colonialista que coloca a Europa no centro e tudo o resto em relação a ela. Ele nivela nações amplamente diversas em um único bloco.</p>	Oriente Próximo; Oriente
P	Paz (conversações/processo/negociações)	<ul style="list-style-type: none"> ● XX - negociações mediadas ● Negociações multilaterais/bilaterais 	
	Pró-Palestina	<ul style="list-style-type: none"> ● Solidariedade com a Palestina ● Defendendo a justiça e a liberdade <p> A oposição entre “pró-Israel” e “pró-Palestina” reforça o Dois-ladismos, transformando a questão em um problema étnico/racial, em vez de político e colonialista.</p>	
	Pró-Israel	<ul style="list-style-type: none"> ● Sionista ● Apologista israelense 	
	Procurado [in W]	<ul style="list-style-type: none"> ● Combatente/lutador pela liberdade visado <p> “Procurado” implica criminalidade dos combatentes pela liberdade palestinos que</p>	Fugitivo

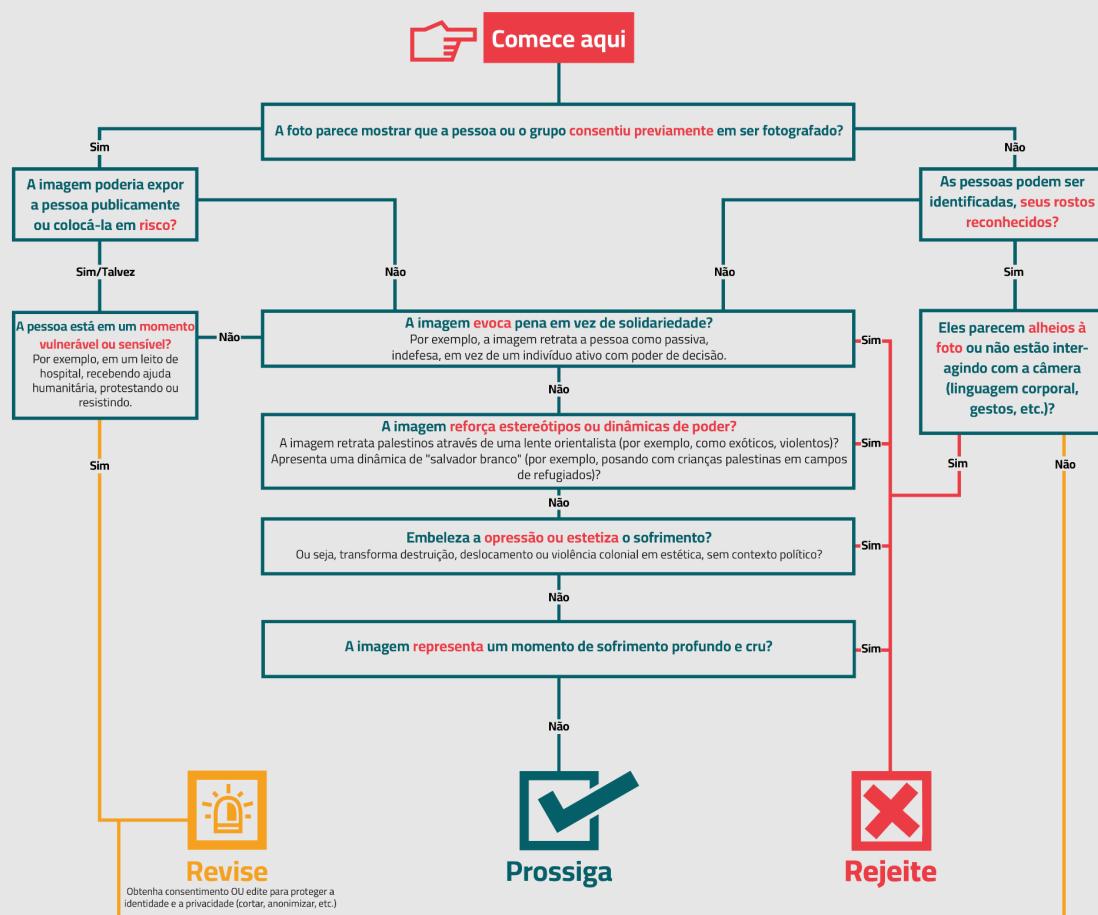
		se escondem para não serem assassinados ou presos	
	Prisioneiro de segurança [unders S]	<ul style="list-style-type: none"> ● Prisioneiro político ● Detido arbitrariamente ● Sequestrado ● Prisioneiro de guerra 	
	Posto avançado [under O]	<ul style="list-style-type: none"> ● Posto avançado colonialista ● Liquidação ● Colônia 	Bairros
	Pego no fogo cruzado	<ul style="list-style-type: none"> ● Morto ● Chacinado ● Assassínado 	
R	Realocação	<ul style="list-style-type: none"> ● Limpeza étnica ● Deslocamento/transferência forçada ● Desapropriação ● Deportação 	Despejos; deslocamentos
S	Sem voz [in V]	<ul style="list-style-type: none"> ● Privado de voz ou espaço ● Negado o direito de se manifestar ● Silenciado 	Beneficiários
T	Terra Prometida [it's in P]	<ul style="list-style-type: none"> ● Palestina ● Terra Santa (em contexto religioso) 	Terra de Israel
	Terra de Israel [it's in L]	<ul style="list-style-type: none"> ● Palestina colonizada ● Palestina ocupada ● Palestina 	Terra Prometida; Judéia e Samaria
	Travessia [missing,]	<ul style="list-style-type: none"> ● Posto de controle militar 	
	Terrorismo/Terrorista	<ul style="list-style-type: none"> ● Lutador pela liberdade ● Militante/combatente/lutador ● Movimento anticolonial ● Luta armada/resistência <p> O termo e a narrativa “terrorismo” não devem ser usados. O termo é político, não tem base jurídica e é usado como arma contra pessoas oprimidas e marginalizadas.</p>	

		Use as alternativas acima com base no contexto da frase.	
	Tzahal	<ul style="list-style-type: none"> ● Forças de ocupação israelenses (IOF) ● Exército militar israelense ● Forças coloniais israelenses 	IDF
U		<ul style="list-style-type: none"> ● 	
V	Vítimas (in C)	<ul style="list-style-type: none"> ● Israel matou X palestinos <p> *Evite isolar as mulheres como uma categoria separada ao relatar vítimas palestinas, a menos que seja relevante para o contexto. Fazer isso pode privá-los de sua capacidade de ação política e enquadrá-los apenas como vítimas passivas.</p>	

Guia de fotografia

Você deve usar esta foto sobre a Palestina?

A Árvore de Decisão foi criada para quem seleciona, compartilha ou publica fotografias palestinas, incluindo criadores de conteúdo, usuários de mídias sociais, veículos de comunicação e ONGs internacionais. Ela ajuda a avaliar se uma imagem está alinhada com os princípios éticos de narrativa, evitando representações desumanizantes, estereotipadas ou exploradoras dos palestinos.



Communicating Palestine.org | Rābet by PIPD

Recursos externos

Procurando recursos, aplicativos e cursos confiáveis para aprofundar sua compreensão da história e da realidade atual da Palestina? Quer ferramentas para combater a desinformação? Procurando recursos de segurança digital para proteger sua presença online ou apoio jurídico para lidar com a repressão? Procurando mais orientações sobre ética visual para garantir uma representação empoderadora?

Reunimos ferramentas de nossos parceiros para fortalecer sua comunicação e incidência.

Aprendizado: Palestine 101 (Introdução à Palestina)

- [Decolonizando a Palestina](#)
- [IMEU](#)
- [Vamos falar sobre a Palestina](#)
- [Movimento de Diáspora da Palestina](#)
- [Coletivo Feminista da Palestina](#) (Veja as páginas 7-12)
- [O Meio Acadêmico Palestino](#)
- [USCPR](#)
- [Visualizando a Palestina](#)

Cursos e Workshops

- Redefinição, Comunicações e mais – [Makan](#)
Inscreva-se na lista de e-mails para se manter atualizado sobre todos os excelentes workshops.
- História contemporânea da Palestina – [Universidade de Utrecht](#)
- Uma História dos Palestinos 101 – [Palestine Nexus](#)

Linhas do tempo interativas

- [Institute for Palestine Studies](#)
- [Remix Palestine](#)

Glossários

- [Makan](#)
- [Visualizando a Palestina](#)

- [Remix Palestine](#)
- [Sawtuna](#)

Kits de ferramentas de comunicação

- [Guia](#) Defendendo a Palestina
- Amplificando as vozes palestinas [Guia](#)
- Dicas para enquadramento e mensagens – [IMEU](#)

Rastreando e desmascarando a propaganda sionista

- [Decolonizando a Palestina](#)
- [PaliAnswers](#)
- [Hasbara Tracker](#)

Denunciando a repressão e procurando apoio jurídico

- Denunciar violações de direitos digitais – [Zamleh](#)
- Denuncie a repressão e solicite apoio jurídico na Europa – [ELSC](#)
- Solicite assistência jurídica gratuita nos EUA – [Palestina Legal](#)

Recursos de segurança digital

- [Equality Labs](#)
- [Ecologia de Informações](#)
- [Fundação Fronteira Eletrônica](#)
- [Defensores da Linha de Frente](#)
- [PEN America](#)

Recursos para conhecer seus direitos

- [Palestina Legal](#)
- [Ordem Nacional dos Advogados](#)
- ELSC ([Itália](#), [Países Baixos](#) e [o Reino Unido](#))
- [Coletivo Feminista da Palestina](#) (Veja as páginas 17-24)

Viagem ética à Palestina

- [USCPR](#)
- [PACBI](#)



Monitoramento de Viés da Mídia

- NewsCord [Site](#)/[Instagram](#)/[App](#)
- [Medidor de Viés da Mídia](#)
- [Al Jazeera Journalism Review](#)



Estudos sobre o Viés da Mídia

- A mídia norte-americana na cobertura do genocídio em Gaza – [The Intercept](#)
- A mídia do Reino Unido na cobertura do genocídio em Gaza – [CFMM](#)
- A mídia da França na cobertura do genocídio em Gaza – [ACRIMED](#)
- Mídia dos EUA de 1970 a 2019 – [Maha Nassar](#)
- Mídia dos EUA de 1967 a 2017 – [Siddiqui Usaid](#)



Orientações para Comunicação Ética

- Recursos para Jornalistas – [IMEU](#)
- Um kit de ferramentas para a indústria jornalística – [Jornalismo Consciente do Trauma](#)
- Código de Ética – [Sociedade de Jornalistas Profissionais](#)
- Carta Global de Ética para Jornalistas –[Federação Internacional de Jornalistas](#)



Ética visual

- [Cursos](#) e [Lições da ética fotográfica Podcast](#) – Centro de Ética Fotográfica
- [Guia de mídias sociais para viajantes](#) – Radi Aid
- [Fotografia de Desenvolvimento Ético](#) – África é um país
- [Treinamento em fotografia participativa](#) – Photo Voice
- [Código de Ética](#) – Associação Nacional de Fotógrafos de Imprensa



Fotos de arquivo da Palestina

- ActiveStills
- [Scop.io](#)

Teste seus conhecimentos

Todos nós temos preconceitos inconscientes, moldados pela mídia que consumimos, pelo conhecimento que nos é ensinado e pelos sistemas em que vivemos. Este breve questionário interativo tem como objetivo ajudá-lo a refletir sobre como esses preconceitos podem se manifestar em seu trabalho como jornalista, artista, organizador ou comunicador em geral.

Pense nisso como um espelho, não como um teste — não há notas, apenas uma oportunidade para fazer uma pausa, aprender e crescer. Com base nas suas respostas, você será direcionado para as seções relevantes do guia para aprofundar sua compreensão e fortalecer sua prática.

Todas as imagens, títulos e exemplos selecionados no questionário são retirados de exemplos reais e não são gerados por IA.

**FIQUE LIGADO
AS QUESTÕES ESTÃO A CAMINHO**

Inscreva-se

Communicating Palestine (*Comunicando a Palestina*) é liderada e hospedada pelo Instituto Palestino de Diplomacia Pública (PIPD), em sua missão de promover a diplomacia do povo palestino e um movimento liderado pelos palestinos.

Inscreva-se na lista de e-mails do PIPD para receber as últimas notícias sobre nosso trabalho de incidência, campanhas e comunicação diretamente em sua caixa de entrada.

Formulário

Para workshops e consultas

Comunicando a Palestina (*Communicating Palestine*) é um recurso em evolução, pertencente ao movimento — crescendo e se adaptando ao nosso poder coletivo. É um espaço para diálogo, aprendizagem coletiva e prática para qualquer pessoa comprometida com representações éticas, dignas e impactantes da Palestina.

Se você faz parte de um grupo de ativistas, defensores, educadores, artistas, criadores de conteúdo, jornalistas, trabalhadores humanitários ou formuladores de políticas, adoraríamos ouvir sua opinião.

Use este formulário para fazer perguntas, compartilhar sugestões, explorar colaborações ou solicitar um workshop.

Tópicos abordados no workshop:

- Comunicação estratégica (narrativas, combate a falácia e muito mais).
- Representação visual ética.
- Compromisso ético com os oradores palestinos.
- Envolver a mídia e dominar as entrevistas.
- Programas personalizados, adaptados às necessidades e interesses do seu grupo.

Informações contratuais

- Nome completo (campo de texto livre)
- Organização/Afiliação (campo de texto livre)
- País (campo de texto livre)
- Endereço de e-mail (campo de texto de e-mail)

Objetivo do contato (menu suspenso, seleção múltipla):

- Faça-nos perguntas
- Sugestão
- Explorando a colaboração
- Solicitação de workshop

Sua mensagem para nós: (campo de texto livre)

Juntos, podemos reformular a forma como a Palestina é comunicada.

Faça doações

Liberar a Palestina também significa recuperar narrativas e percepções.

Comunicar a Palestina faz parte dessa luta.

O seu apoio ajuda este recurso a viver e existir.

Sua doação é canalizada através do PIPD — impulsionando a Communicating Palestine e nossa missão mais ampla de defender a libertação da Palestina de todas as formas de colonialismo e promover um movimento liderado pelos palestinos.

Junte-se a nós. Apoie a autonomia palestina. **Doe agora.**

Para quaisquer questões técnicas: envie-nos um e-mail para info@communicatingpalestine.org

FORMULÁRIO

Política de privacidade

A Communicating Palestine (ou “CP”), hospedada pelo Instituto Palestino de Diplomacia Pública (ou “The PIPD”, “nós”, “nos”, “nossa”), coleta e processa informações de identificação pessoal (PII) fornecidas por você e pode obter informações que o identifiquem com o objetivo de se comunicar com você. Esta Política de Privacidade explica quais são essas informações e como as utilizamos. O PIPD está comprometido com o processamento de dados de acordo com suas responsabilidades de legalidade e transparência, incluindo o cumprimento das diretrizes e artigos do Regulamento Geral de Proteção de Dados (RGPD) da UE para seus seguidores na UE.

1. AVISO DE DIREITOS AUTORAIS

Os direitos autorais do conteúdo do Communicating Palestine pertencem ao PIPD. Todos os direitos de impressão e publicação são reservados. O conteúdo pode ser redistribuído com atribuição a “Communicating Palestine” (Comunicando a Palestina) para fins não lucrativos sob uma licença Creative Commons. www.creativecommons.org/licenses/by-nc/3.0

2. AVISO DE PROTEÇÃO DE DADOS

A CP hospedada pelo PIPD entende que ter suas informações pessoais armazenadas de maneira segura é um direito.

O PIPD armazena as PII utilizando medidas de segurança físicas, técnicas e administrativas razoáveis para proteger os dados contra riscos previsíveis, tais como utilização, acesso, divulgação, destruição ou modificação não autorizados.

O acesso às PII será limitado ao uso interno dos autores do CP.

O PIPD, como anfitriã da CP, não aluga nem vende informações potencialmente identificáveis e identificáveis pessoalmente a terceiros. O PIPD toma todas as medidas razoáveis para proteger suas informações contra qualquer acesso, uso, alteração ou destruição não autorizados de informações potencialmente identificáveis e identificáveis pessoalmente.

Observe que nenhum serviço é totalmente seguro. Embora nos esforcemos para proteger seus dados, não podemos garantir que nunca ocorrerá acesso não autorizado, invasão, perda de dados ou violação de dados.

Processamos apenas as informações pessoais identificáveis que você decide nos transmitir e para as quais você consente explicitamente o processamento pelo PIPD.

3. COLETA DE INFORMAÇÕES

Informações pessoais identificáveis, tais como nome completo, endereço postal, endereço de e-mail, número de telefone, número de cartão de crédito, data de nascimento, sexo, título acadêmico e afiliações institucionais e/ou informações sobre áreas de interesse podem ser coletadas quando você:

- Inscreve-se para receber e-mails, boletins informativos e outros recursos do PIPD/CP;
- faz doações monetárias à CP/PIPD;
- solicita alterações nas doações mensais no Site;
- Entre em contato conosco com perguntas ou comentários
- Assine petições ou compromissos a favor ou contra determinadas ações governamentais ou corporativas (mesmo quando marcadas como anônimas);
- Fornece informações para cartas personalizadas;
- Inscreve-se em eventos, reuniões, webinars, transmissões ao vivo, treinamentos e institutos de desenvolvimento de liderança da CP;
- Candidata-se a um emprego
- Participa de pesquisas e questionários;
- Ao utilizar o provedor de pagamentos em nosso site, serviço de hospedagem de mídia (por exemplo, YouTube) ou qualquer outro serviço de terceiros que interaja com o site, a CP/PIPD poderá receber informações sobre você desse serviço, site ou aplicativo.

O PIPD considera que, no que diz respeito às seguintes categorias, é do interesse legítimo do PIPD ou das pessoas incluídas nas seguintes categorias armazenar e processar os seus dados, a fim de trabalharem em conjunto na promoção e defesa dos direitos humanos:

- Especialistas das Nações Unidas, da União Europeia e de organizações intergovernamentais;
- Representantes do governo e autoridades eleitas;
- Representantes da mídia.

4. USO E TRATAMENTO DE INFORMAÇÕES

Processamos suas informações pessoais apenas para melhor atender às suas expectativas e podemos utilizá-las para:

- manter registros adequados das operações e outros registros relevantes;
- processar doações ou presentes feitos ao CP/PIPD;
- processar pagamentos
- processar inscrições, agendar e administrar eventos, reuniões, webinars, transmissões ao vivo ou treinamentos
- administrar/processar petições, cartas e compromissos a favor/contra determinadas ações governamentais ou corporativas;
- analisar informações de candidatos a vagas de emprego, realizar entrevistas e/ou contratar pessoal;
- gerar e enviar cartas personalizadas em seu nome;
- responder a perguntas ou comentários;
- processar e catalogar respostas a pesquisas ou questionários;
- enviar-lhe boletins informativos, e-mails, cartazes e outros recursos, atualizações ou informações sobre CP/PIPD;
- melhorar o conteúdo e a administração geral do Site;
- realizar operações internas do Site (por exemplo, prevenção de fraudes);
- resolver problemas de software e operacionais;
- realizar análises e testes dos dados do site; e/ou
- monitorar o uso do site

5. ASSINATURA DE E-MAIL PARA CP/O PIPD

Se você se inscreveu em nossa lista de e-mails e não deseja mais receber alguns ou todos eles, você pode atualizar suas preferências de e-mail ou cancelar sua inscrição clicando no link “cancelar inscrição” na parte inferior dos e-mails a qualquer momento. Ao fazer isso, você receberá uma confirmação automática de que sua assinatura foi cancelada e seus dados serão automaticamente excluídos do arquivo fornecido para esse fim.

Se você tiver dúvidas sobre como excluir ou corrigir seus dados pessoais, entre em contato conosco diretamente.

6. Cookies e como os utilizamos

Um cookie é um pequeno arquivo de texto enviado para o seu computador, celular ou outro dispositivo, através do seu navegador da web, para que o site se lembre de quem você é quando você voltar.

Nosso site utiliza plugins e cookies que podem registrar informações automaticamente. O seu uso visa tornar a utilização do site mais agradável, melhorando a sua ergonomia a partir dos dados recolhidos.

Esses dados também podem ser usados, em particular, para fins de medição estatística, análise do comportamento dos usuários da Internet e geolocalização anônima, a fim de personalizar nossa oferta e mensagem aos nossos usuários.

Quando você navega em nosso site, o computador que você usa interage com um servidor que fornece todos os recursos solicitados, salvando automaticamente cada operação em um arquivo específico no qual o computador usado é identificado pelo seu endereço IP. É assim que o navegador que você utiliza nos fornece alguns dados padrão, incluindo o navegador utilizado e suas características, o sistema operacional do computador, tablet ou smartphone utilizado. Os cookies também podem ser utilizados em algumas partes do site onde utilizamos serviços de terceiros – como YouTube, Facebook, Google+ e Twitter – a partir dos quais você se conectou ao nosso site. Esses cookies são gerenciados por esses sites externos, e nenhum dado pessoal é compartilhado entre a CP e seus parceiros.

Esses dados e, em particular, o endereço IP do computador, tablet ou smartphone utilizado não nos permitem identificá-lo pelo nome.

A CP e o PIPD utilizam o Google Analytics para monitorar como seu site é utilizado. O Google Analytics utiliza cookies para ajudar a coletar estatísticas sobre como as pessoas utilizam os sites. Por exemplo, de que país o usuário é e quais páginas são visitadas enquanto está no site. Utilizamos essas informações para analisar como nosso site está sendo usado, para que possamos avaliar seu desempenho e tomar decisões sobre como melhorá-lo.

Se você não deseja que os cookies sejam armazenados no seu computador, pode facilmente alterar as configurações do seu navegador para recusá-los ou para alertá-lo quando receber um novo cookie. Você precisa consultar as instruções do seu navegador de internet clicando no menu “Ajuda”. No entanto, recusar cookies pode restringir o uso de sites.

7. VIOLAÇÃO

Em caso de violação da segurança que resulte na destruição, perda, alteração, divulgação não autorizada ou acesso accidental ou ilegal a dados pessoais, o PIPD avaliará imediatamente o risco para os direitos e liberdades das pessoas.

8. SEUS DIREITOS

Para proteger melhor a privacidade dos nossos usuários, respeitamos os seguintes direitos individuais:

- O direito de ser informado
- O direito de acesso
- O direito à retificação
- O direito ao apagamento
- O direito de restringir o tratamento
- O direito à portabilidade de dados
- O direito de se opor
- Direitos relacionados à tomada de decisões automatizada e à criação de perfis.

Entre em contato conosco sobre questões de privacidade

Não hesite em entrar em contato conosco se tiver alguma dúvida sobre esta Política de Privacidade: info@communicatingpalestine.org